

INDICE DAS DIVISÕES DO "DIÁRIO DE LISBOA", MENSAL

I-- Ciências sociais e políticas. Direito

- a) Sociologia
- b) Política internacional
- c) Economia nacional: A vida do Estado

a) Política interna. Governo e administração pública e civil. Funcionalismo. — b) Economia e finanças: Riqueza pública. Bancos, moeda, bolsa, crédito. Paviais: Exportação e importação. Estatística. — c) A acção social: O capital e o trabalho — d) Previdência social: Assistência. Seguros. Desemprego. Cooperativismo. Mutualismo. Lofários. — e) Pedagogia e educação: Psicologia. Vida escolar. Movimento professoral. — f) Higiene e Sanidade. — g) Ciências militares. A guerra e a ciência da guerra. Exercício e Marinha. Vida militar.

d) Direito: Jurisprudência. Legislação. Crime e repressão. Tribunais. Vida forense "Diário do Governo".

II-- Comercio, industria, tecnologia. Agricultura

- A) Organização e metodos. Ensino tecnico
- B) Comercio

a) Produção. — b) Transportes e comunicações: Aviação. Caminhos de ferro e camionagem. Portos. Marinha mercante. Estradas. Correios, telegrafos, telefones. — c) Mercados e feiras. — d) Comercio externo. Relatórios consulares. — e) Publicidade. Exposições.

- C) Industria: Industrias varias. Exposições
- D) Tecnologia
- E) Agricultura

III-- Sciencias

- A) Matematicas
- B) Fisico, quimicas, naturais

a) Fisica. — b) Quimica.

— c) Naturais.

C) Medicas. Medicina, Cirurgia, Especialidades. Farmacia. Arte veterinaria

IV-- Historia e Geografia

A) Historia e Ciências auxiliares: Pre-historia. Antropologia. Arqueologia. Cronologia, Egrafia, etc.

B) Geografia: Ciências auxiliares. Viaqens, guias, turismo.

- C) Portugal
- D) Colonias
- E) Brasil

V-- Letras

A) As letras e os letrados: Instituições culturais. Premios e estímulos literarios

B) Bibliotecas e arquivos: Biblioteconomia. Paleografia. Cronologia. Diplomatica. Selos e gravuras. Numismatica. Filatelia, etc.

C) Bibliografia:

a) Bibliografia. Dicionarios. Obras gerats. — b) Historia litteraria. Biografia. Memorias, cartas, etc. — c) Romanes. Contos. Novelas. — d) Poesia. — e) Obras para crianças. — f) Diversos. — g) Literatura estrangeira e traduções.

D) O Livro: Artes graficas. Decoração do livro. Ex-libris.

VI-- Arte

A) Belas Artes

a) Architectura. Urbanismo. — b) Pintura, escultura, desenho. Artes decorativas. Diversas. — c) Musens. Exposições. Vendas de Artes. Gremios e Sociedades. Os artistas.

B) Teatro. Cinema. Musica: Canto e dansa. Telephonia e discos. Os artistas

VII-- Vida Social

A) O homem e a mulher: Festas e reuniões.

B) Sports e educação física: Caça, pesca, gymnastica, jogos, equitação, natação, esgrima, automobilismo, foot-ball, toureiro, corridas, etc.

C) A moda: Artes femininas. Economia domestica. Culinaria e gastronomia.

D) Vida religiosa

E) O riso e a caricatura em Portugal e no estrangeiro

Diário de Lisboa

Edição Mensal

<p>Numero avulso: 250 ESCUDOS Administrador e editor MANZONI DE SEQUEIRA ADMINISTRAÇÃO—Rua da Rosa, 57, 2.º Endereço Telegrafico: DIBOA</p>	<p>DIRECTOR JOAQUIM MANSO</p>	<p>Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA Redacção, composição e impressão RUA LUZ SÓRIANO, 48 TELEFONES—2 0211, 2 0212 e 2 0213 Endereço telegrafico: DIBOA</p>
--	--	--

FILOSOFIA DE TODOS OS DIAS PARA USO DE TODA A GENTE

A BRIMOS aqui uma secção destinada a ocupar-se, em tom simples e desprezencioso, de assuntos e problemas que, apesar do interesse que despertam por toda a parte, são, entre nós, vagados por poucos e mal entendidos pela turba.

Da astronomia disse alguém que era necessario fazê-la descer do céu à terra, para que os homens e os deuses se approximassem—aqueles interrogando e estes respondendo. A filosofia acha-se em situação idêntica: urge popularizá-la, humanizá-la, apeando-a do seu orgulho, a fim de entrar em contacto com o mundo em que ela tem de desempenhar o papel de mestra e indicadora das rotas e direcções do pensamento, bem como dos movimentos e aspirações do espirito.

Os portugueses nunca manifestaram viva predilecção pelos estudos filosoficos, talvez pelo facto de ninguém se dar ao incomodo de os versar educativamente, apresentando-os na sua exacta correspondencia com a nossa curiosidade—sem o aparato rebarbativo das indigestas e solenes dissertações. Vamos empenhar-nos numa tentativa a que consagraremos o maior cuidado, em obediencia à seguinte maxima de La Rochefoucauld:

— Evita tirar ás ideias e ás doutrinas o sal e o sabor da terra.

Colocar-nos-emos, portanto, no terreno familiar em que os problemas mais dificeis são tratados com afabilidade e com humildade. Não desejamos ser *Principes das Nuvens*, ensinando com orgulho e repellido com desdem os quesitos dos ignorantes. A nossa ciencia, como a agua das fontes biblicas, guarda-se em pobre bilha de barro. Destina-se aos que, como nós, desejam aprender—sem turva a frescura e a pureza das cousas.

Ha homens que desbaratam a vida no tumulto e na confusão, espalhando a guerra no seio da sua propria consciencia. Uns não se contentam com o pouco saber e acabam na duvida ou no desanimo total. Outros, depois de haverem proposto á razão questões absurdas a que não podia dar resposta, decidiram interromper com ella qualquer convívio regular, voltando-se para os sentidos em cuja flamante ordem se gastaram ou consumiram, ardendo em fogo lento ou violento.

Para nós a filosofia—como a poesia, a arte, o amor e a religião—é um alimento espirital que devemos tomar nas horas em que a nossa vocação principia a conhecer-se a si propria. O nosso destino, apesar dos que affirmam o contrario, (Nietzsche diria:—*Não interrogues os céus para te esclarecerem, mas estuda-te com vagar para saberes das origens divinas*)—continua

a preocupar-nos e a subjugar-nos. O homem indaga:

— Como? Porquê? Para quê?
Apesar da variedade e certa vacuidade das respostas, a inquietação renasce e cada vez mais ardente. A metaforica destruida hoje, ressurgue amanhã. A materia luta com a alma para a submeter ao seu jugo, mas esta liberta-se, rompendo as cadeias e subtraindo-se ás tentações.

Está provado que, por maior que seja o prazer ou a miragem que nos cativa, existe sempre uma inquietação que nos obriga a levantar os olhos e a pôs-los no vulto da eterna Esfinge. Não vai longe o tempo em que se proclamava ruidosamente:

— Cessaram as abusões e crendices! O facto, o fenomeno e a lei, estudados cientificamente, esgotam a nossa capacidade de saber.

Tudo o que é contra a natureza, morre por si—cedo ou tarde. A experiencia, a ciencia, a filosofia não se embaraçam umas ás outras, mas auxiliam-se e completam-se. O homem faz parte do universo e como tal tem a mesma extensão, visto que o sente e pensa, se absorve nele ou dele se retrai. Terencio disse:

— Tudo o que é humano me prende e domina.

A filosofia, quando transcende a especulação solitaria, situa-se em plena humanidade: sangue do nosso sangue, ser do nosso ser. Não a podemos esquecer e desprezar, muito menos. Todos somos filosofos, sem dar por isso.

Que pretendemos nós, ao criar esta modesta secção?

Contribuir na medida das nossas forças, acompanhando o movimento filosofico do mês, para que cada um alargue e robusteca a sua posição, entre as formas e os desejos imperfeitos. O homem faz-se e não nasce feito. Isto quer significar que a sua dignidade consiste em aperfeçoar-se.

A filosofia, despida de loucas pretensões, marca um altissimo grau de tensão vital. Só os loucos o podem negar. O nosso verdadeiro intuito, portanto, não visa a suscitar antinomias nem contradicções entre os elementos e forças cuja sintese constituiu a nossa plenitude, mas sem procurarmos encaimhar os que buscam satisfazer-se, no amor da sabedoria.

MATIANA

O movimento filosofico em Portugal cinge-se a circulos apertados. Convem desconcentrá-lo, estendê-lo, fazendo-o penetrar na intelligencia e na sensibilidade média, Contamos com a colaboração dos nossos illo-

AGRADECENDO

SAI hoje o 2.º número da Edição Mensal do Diário de Lisboa. E como se diz em frase estereotipada faltariam os mais sagrados dos deveres se não viessemos agradecer a todos a maneira amável como saudaram o nosso aparecimento.

Agradecemos aos nossos colegas da Imprensa diária, da imprensa periódica, aos nossos colegas da provincia, a todos enfim que para nós encorajamento ou de incentivo. Ao publico, que tão bem nos recebeu quasi esgotando a nossa edição, para esse vai a nossa mais viva e carinhosa simpatia. E aqui estamos convictos a executar a nossa ideia de que tiveram uma palavra de nós não queremos afastar. O Diário de Lisboa, edição mensal, não é uma revista que publique artigos sobre varias cousas. É apenas uma revista que trata só, e apenas, do occorrido no mês transacto: nas sciencias, nas artes e nas letras. Por agora é um tentamen. Mas esse balbucio, se o publico do seu lado estiver, será dentro em pouco voz distinta, voz poderosa e trazer cousas novas mas a recordar as que o foram. Ha gente que não tem tempo, ha gente que lhe apraz rememorar, ha gente pouco endinheirada mas digna de uma cultura universal, gente que não

sofos — professores e estudiosos. Nos proximos numeros, daremos realização a esta promessa.

Recomendamos, desde já, aos nossos leitores o livro de Louis Lavelle — Le Conscience de Sol. Estabelece o homem na sua dignidade, roubando-o á dispersão egoista dos desejos e á critica destrutiva de certas escolas. Admiravel antidoto contra o ceticismo, o pessimismo, o egoismo ou a inquietação que nos toritura e nunca nos deixa repousar.

Constitui um perfeito manual de hygiene moral e de escrupulo intelectual. Ao contrario de Spinoza, defende a doutrina de que o homem é não só individualidade, mas tambem personalidade: colabora no universo e cria o universo, criando-se a si proprio. A consciencia éis o facto capital que devemos proteger contra os elementos parasitas que a subvertem. Quanto mais nos conhecermos, mais proximos estaremos de Deus e mais no vertice da criação.

Louis Lavelle, que é um dos temperamentos jovens e originais da moderna filosofia francesa, entende, e muito bem, que as ideias possuem uma acção medicinal que, sobretudo em epochas febris como a nossa, têm de exercer-se na reconstrução das harmonias humanas.

MATIANA

que pudermos. E sem mais promessas vamos a cumprir o nosso programa. A todos que estejam conosco com eles estaremos. Todos os que desejem estar conosco encontrarão. E a todos os nossos agradecimentos.

A todos os que queiram ajudar-nos na nossa tarefa, medicos, engenheiros, technicos, estudiosos, mais não têm do que enviar-nos as suas notas, informações colhidas em leitura, com a nota de onde foram colhidas. Isso é colaboração que estimaremos. Será bem vinda e agradecemos-la já.

O MEZ DE MAIO na tradição popular

—A quem em Maio como sardinha em Agosto lhe pica a espinha.

—Camaras de Maio saude de a quem to pedir, dá-lho.

—Em Maio vai, e torna com recado.

—Enxame de Maio

A quem to pedir, dá-lho.

E de Abril,

guarda-o para ti.

—Em Maio

a quem não tem

basta-lhe o saio.

—guarda pão para Maio e lã

para Abril.

—Sono de Abril, deixa-o a teu filho dormir, e o de Maio a teu cunhado.

—Maio couveiro, não é vinha-teiro.

—Maio come o trigo

e Agosto bebe o vinho.

—Maio hortelão,

muita palha

e pouco pão.

—Maio pardo

punho claro,

ou

Maio pardo

ano claro.

—Maio pardo

faz o pão grado,

ou

Maio pardo

enche o sacco.

ou

Maio pardo

faz o pão grado

e o ano claro.

—Pão tremês não o comas,

nem o dá, mas guarda-o para

Maio.

—Primeiro de Maio corre o lobo,

(ou o boi e o veado).

—Quando Maio acha nado, tu

deixa espigado.

—Quem em Maio relva, não

tem pão nem herva.

—Quem em Maio não mrenda

aos mortos se encomenda.

e aos finados encomenda.

—Touro, galo e barbo, todos

tem sação em Maio.

—Se não chover entre Maio e

Abril, dará o rei o carro e o carril

por uma fogaça e por um funil,

e a filha a quem a pedir.

—Se chover em Maio, carro-

gará o carro; e em Abril o carril;

e entre Abril e Maio, o carril e o

carro.

—Quando Maio chegar, quem

não arou ha de arar.

—Maio pardo e ventoso, faz o

ano formoso.

—Agua de Maio, pão para todo

o ano.

—Em Maio onde quere eu caio.

—Em Maio com sono me caio,

em S. João por esse chão.

—Guarda pão para Maio, le-

inha para Abril, e o melhor tição

para o mês de S. João.

—Pelxe de Maio

a quem vos pedir dá-o.

—Quem quizer mal á sua visi-

inha

dê-lhe em Maio uma sardinha.

—Em Maio

Come as carças ao borralho.

—A boa çepa

em Maio a delta.

—De Maio a Abril

não ha muito que pedir.

—As favas

o Maio as dá

o Maio as leva.

—O rocim em Maio

torna-se cavallo.

—Uma agua de Maio

e três de Abril

valem por mil.

—Em Maio

deixa a mosca o boi

e toma o asno.

—A quem não tem pão semea-

do

de Agosto se faz Maio.

—Saveis de Maio

maletas de todo o ano.

—Agua de trovão

em parte dá e em outra não.

Os santos advogados

Dia 1—S. Segismundo,—advogado contra as dorças quartãs.

Dia 2—S. Flaminia,—adv. contra as doenças dos olhos.

Dia 6—S. João, *ante portam**latinam*,—patrono dos livrelros.

Dia 16—S. João Nepomuceno,—adv. da boa fama; S. Ubaldo,—adv. dos energumenos.

Dia 18—S. Venancio,—adv. contra as quedas

Dia 22—S. Quiteria,—adv. con-

tra as mordeduras de cães danados.

Dia 25—Nossa Senhora da Encarnação,—patrona dos esparteiros.

Dia 26 S. Filipe Nery,—adv. contra o mal dos olhos e dos ouvidos.

PRIMEIRO DE MAIO

(Letra do hino *Primeiro de Maio* composto a pedido dos socialistas portugueses).

Quem vem lá?... Quem os mistérios
rasga da noite e o pavor?...
Quem faz caixões aos Imperios,
com tabuas de fome e dor?
Que enorme exercito inteiro
se aproxima e que rumor!
Quem é o torvo carpinteiro?...
Quem é o torvo rachador?...

Hurrah! hurrah!—volvem mil ecos.
Hurrah! hurrah!—o Trabalhador!

Quem, chorando, fia, fia...
magros filhos em redor,
a toalha para a Orgia,
o lençol do Imperador?...
Quem seus filhos nus enterra,
mortos sem pão, cavador?
Quem melhor reza na terra
a ladainha da Dór?...
▼▼

Hurrah! hurrah!—volvem mil lagrimas.
Hurrah! hurrah!—o Trabalhador!

Faz hoje anos que na França,
oh que luto de rigor!
numa lutuosa matação,
correu sangue de valor...
Este sangue ao orbe inteiro
brada Justiça em clamor.
Quem será o Justiceiro?...
Qual o braço vingador?...

Hurrah! hurrah!—acenam braços.
Hurrah! hurrah!—o Trabalhador!

Quem vem lá no nevoeiro,
com tão rico resplendor?
Que estranho exercito inteiro!...
diz, com medo, o Imperador.
Quem faz turbar meus saurus?
brada o rico mau senhor.
Quem vem subindo os degraus?...
Quem me faz mudar de cor?...

Hurrah! hurrah!—volvem mil gritos.
Hurrah! hurrah!—o Trabalhador!

GOMES LEAL

O 1.º DE MAIO E A PRODUÇÃO

A ideia inicial da organização duma jornada de reivindicação dos trabalhadores, em data fixa, vem do Congresso Socialista Internacional de Paris de 1889, nessa cidade reunido de 14 a 21 de julho. Foi Raimond Lavigne quem apresentou a proposta, votando-se por unanimidade o principio.

Mas já um ano antes, em 1888, a Federação Americana do Trabalho escolheira e assentara o 1.º de Maio, para a America, e o Congresso de Bruxelas, em 1891, adoptou a data escolhida pelos americanos, dando-lhe assim a sanção dos trabalhadores europeus.

Ha, portanto, apenas quarenta e dois anos que se solemniza internacionalmente o 1.º de Maio como o «dia dos que trabalham».

Ora, é historicamente curioso frisar que a principal, quasi exclusiva, reivindicação do 1.º de Maio

era o dia de 8 horas de trabalho —os três 8 symbolicos—que, durante muitos anos, provocaram as mais acerbas e indignadas criticas dos economistas, de mistura com os mais saborosos gracejos.

Não se dirá que, nesta eternidade de quarenta e dois anos, se não tenha andado caminho. O artigo 427.º do Tratado de Versalhes dava a sanção official dos Estados ao que, até então, fóra uma absurda e revolucionaria reivindicação de classe. Os governos sancionaram a doutrina, nos seus respectivos paizes, com timidez, hesitações, más vontades que foi necessario ir vencendo. Em Portugal deve-se o decreto das oito horas a Augusto Dias da Silva, uma das mais nobres figuras morais que eu tenho conhecido e um autodidacta que valia bem, em intelligencia e cultura, muitos universitarios. E o que, neste nosso Pais, foi preciso vencer de resistencias!

Nesse tempo, o que era necessario—diziam os publicistas, os professores, os deputados, os jornalistas—o que era necessario era «aumentar a produção». O Augusto Dias da Silva foi rudemente tratado pela audacia de ter traduzido em diploma interno aquilo a que o se pais se obrigara por um convenio internacional.

A lei das oito horas era a lei da mandrilice, anti-patriotica, reduzindo a produção nacional a 1/5 ou 20 por cento, collocando-nos em condições de inferioridade perante o estrangeiro, isto quando já por essa Europa fora o regime de oito horas era um facto. «Ia-se arruinar a industria»—gritavam. E a série de regulamentos, de portarias que se publicaram depois oferece o pitoresco aspecto duma «sabotagem» insidiosa dum preceito legal de ordem interna e duma obrigação assumida internacionalmente.

A acção duma organização operaria, inefficaz pelos metodos, para fazer respeitar os direitos e regalias dos trabalhadores, nem mesmo, com a adjuvante duma acção legal do Estado, definindo essas regalias e direitos, consegue modificar as coisas. Só ultimamente a força dos circunstancias alterou para melhor a situação.

E, se é curioso recordar no dia de hoje estes factos, não deixa de ser interessante verificar ainda a extensão do caminho percorrido de então para cá. No momento em que se gritava contra as oito horas—era o periodo idílico do *post- guerra*. Hoje são os americanos, é Mussolini e os Ingleses, são quasi todas as nações, não em nome dos trabalhadores, mas em nome dos interesses da economia capitalista, que pretendem a redução para seis horas da duração da jornada official do trabalho!

É porque, desgraçadamente, os ultimos dias 1.º de Maio, em vez de serem a «jornada dos que trabalham», vem sendo, cada vez mais, o dia dos milhões e milhões—que não têm que fazer.

Os pontos de vista dos homens mudam com uma enorme velocidade. Os factos se encarregam de confirmar ou de invalidar as doutrinas.

Ha poucos anos ainda, o industrial Henri Ford conceitava a admiração de toda a gente—com a sua racionalização da produção, o seu «taylorismo», a sua mystica dos salarios altos. O ideal «fordiano» foi sintetizado com espirito, nesta formula «fabricar, sem nenhum operario, um numero sempre crescente de mercadorias que não custem coisa nenhuma». Hoje parece que o ideal vai sendo outro:

«Condenar a maquina que facilita e embaratece a produção é considerar inimigo da especie humana todo o inventor de génio que descubra a forma de embaratecer os productos e de dispensar o esforço do homem».

Meia duzia de anos bastaram para derrubar Henri Ford, o tecnocrata *avant la lettre*, e substitui-lo no espirito de muita

gente pelo veneravel Pal Adão e os seus processos economicos de produzir.

E, a par e passo que os Estados se constituem em autarquias politicas e economicas, ferozmente isoladas, como nos tempos medievais, pensa-se na realização duma Conferencia Economica Mundial, para os obrigar a aceitar um regime de economia dirigida no plano internacional!

Se pensarmos que, paralelamente a estes projectos, os Governos falam, preconizam e estabelecem o principio do «salario minimo», como medida complementar economica, haverá de se reconhecer que os terriveis revolucionarios de ha quaranta e dois anos estavam, modestamente, muito aquém das realidades que, no decurso de menos de meio seculo, iam asoberbar aqueles mesmos que os combatiam.

É, certo que, por não quererem reconhecer uma doutrina clara, confirmada pela experiencia, ha ainda muita hesitação nos espiritos dos homens que têm a missão de dirigir os povos.

Nas nações fortes e aguerriadas pensa-se na guerra, na conquista, na subordinação dos outros povos, no sentido de fazer deles consumidores forçados dos productos dos vencedores. Mas julgo eu, que uma nevoa mental tolda o raciocinio dos que assim pensam. Mesmo vencedores, o facto de haver vencido não os alivia porque, fundamentalmente, do que eles precisariam é de consumidores com poder de compra e, para tanto, precisam habilita-los a consumir, comprando. É possivel, por outro lado, que o genio humano não se resigna a não inventar, a não descobrir novas verdades scientificas, capazes de revolucionar a tecnica da produção. São estes outros tantos problemas que se põem a todos os espiritos reflexivos. Figuras de marcada personalidade, como Hitler e Roosevelt, preconizam métodos essencialmente divergentes.

Para o primeiro, o mal social dos povos deriva dum simples conflito pigmentar e racial. O que faz mal aos fulvos e brancos alemães de olhos azues é a existen-

cia do semita, que fomenta o mal estar economico e social do ariano. Daí, a medida fundamental consistir em reduzir por todas as formas, a raça decidida, aniquilando-a. Para Roosevelt, o recurso está, momentaneamente, em criar a prosperidade de papel, a riqueza de litografia que nós, os portugueses, conhecemos muito bem.

Para outros ainda, o restabelecimento dos valores morais, o apelo á caridade cristã, aos sentimentos de altruismo e simpatia humana, podem ser a unica solução do problema. Sob este aspecto trata-se dum novo angulo de avaliação da questão social—que aceita a pobreza como endemica.

É possivel que entre os ricos e remedialdos seja facil fazer prevalecer este ponto de vista.

Mas a historia ensina-nos que a fundamental aspiração do homem é o bem-estar na Terra. As multidões, que têm no dia de hoje «o seu dia», *sentem*, mais do que *pensam*, estas coisas. E se o pensamento é uma força, parafraseando o épico, é mais forte ainda «experimentar a miseria que julgá-la».

Para quem, como eu, é de natureza optimista, o dia de hoje presta-se á afirmação duma certeza e duma convicção.

«A de que, através de sofrimento e de dor, a Humanidade se aproxima, seguramente, duma organização social mais justa do que a actual. Esse caminho far-se-á com a clemente lentidão das forças naturais ou com mutações e saltões bruscos? Não sei—porque não sou filosofo. Ao aforsismo latino do «*natura non facit saltus*» põem agora os naturalistas e os físicos—os de Vries, os Planck, os Emil Borel e tantos outros—a afirmação de que a Natureza não faz outra coisa senão saltar.

Se assim for, que os homens de boa vontade colaborem todos para que esse salto não seja no desconhecido—são os meus ardentes votos.

★ RAMADA CURTO

(Do Diário de Notícias do dia 1)

O 1.º de Maio

Em Lisboa, tranquillidade. A nota officiosa do dia, emanada do Governo, diz:

«O dia 1.º de Maio decorreu com absoluta tranquillidade em todo o País. Apenas em Lisboa, cerca das 17 horas, no largo do Chafariz de Dentro, expulsião uma bomba de choque, não causando ferimentos. A Policia effectuou, por este motivo, a prisão de alguns individuos suspeitos. Todas as classes trabalharam normalmente.»

Não houve greves, e em todo o País tudo decorreu em sossego.

NA ALEMANHA

Na Alemanha, a festa do Trabalho teve uma importancia extraordinaria, no campo de Tempelhof, 1.500.000 pessoas, predominantemente membros das organizações sindicais nazis.

Engel, chefe dessas organizações, usando num avião, dirigia os movimentos das diversas colunas que chegavam, com bandas de musica á frente. Transmittia as suas ordens, por intermedio do servico radiotelegrafico da Policia Central.

Quando Hitler chegou, foi o delirio. Goebbels, ministro da Propaganda, pro-

feriu uma allocução. Disse que se celebrava a Festa do Trabalho e a destruição definitiva do espirito de luta de classes. Depois de dizer que se a desimpedir o caminho que conduz á união interna do povo alemão, evocou os sete mineiros nazis, ha pouco mortos, num accidente de trabalho, em Essen, e os dois milicianos das secções de assalto assassinados no mesmo dia.

Goebbels saudou, depois Hitler, a quem deu a palavra.

Saudado por aplausos freneticos, o chanceler subiu á tribuna, da qual devia dirigir-se á imensa multidão, a quem a sua palavra foi transmitida por

numerosos alto-falantes. O chefe racista começou por dizer que o começo de Maio era, ha seculos, o simbolo da Primavera e da alegria: «Chegou porém, um tempo — declarou — em que este dia de vida e de renascimento, passou a ser o dia das discordias, dos odios e das lutas fratricidas». Proseguiu: «Hoje, a Alemanha voltou a reconhecer-se. O nosso povo já está acordado!»

Fricou que se atravessou um largo periodo de miseria e que, se milhões de alemães trabalhavam, tambem ha milhões de victimas do desemprego, das quais alguns milhares se suicidam de desespero, enquanto muitos outros aguardam que o auxilio venha do exterior. Esta tragedia consome as energias do povo alemão.

«Nada de sobrançeria, nada de odio entre as classes»

Hitler afirmou em seguida, que a primeira tarefa a executar é levar o povo a conhecer-se mutuamente. «Nada de sobrançeria, nada de odio entre as classes! Sem duvida, não se chegará a isso numa só etapa. Levará, talvez, anos, mas o bom senso deve vencer a loucura dos homens. A Historia — exclamou — exige que executemos esta tarefa! É preciso unir os alemães uns aos outros, mesmo contra a sua vontade! O que os separava, até aqui, deve congratular-se de futuro!»

O discurso de Hitler foi, frequentemente, interrompido por ovações estrondosas. Quando o chanceler acabou de falar, rebocaram tempestades de aclamações. De repente, toda aquela molinensa de povo começou a cantar o hino nacional.

Entretanto, anoitecia. Hitler retirou-se, e as juventudes hitlerianas plantaram um carvalho comemorativo.

Realizou-se, depois, a segunda parte

da formidável manifestação: a queima de uma peça de fogo de artifício, que foi a maior até hoje fabricada na Europa. No tremendo estardalhaço das bombas e dos foguetes, quiseram os pirótecnicos simbolizar a grandeza da obra que o governo nacional vai emprender.

Seguidamente, organizou-se uma fantástica marcha luminosa, da Deutagarten, em Berlim, onde se realizou-se a manifestação da Juventude Alemã a Hindenburg e Hitler. Pelo trajecto, estavam postadas as bandeiras das associações patrióticas, as quais se prestaram homenagens.

Hindenburg disse que a tarefa do governo é dar trabalho e pão ao povo

O celebre Jardim encheu-se literalmente. Quando o marechal-presidente e Hitler chegaram, de automovel, o povo irrompeu em aclamações entusiasmadas.

Hindenburg pronunciou as seguintes palavras, em voz grave, mas firme: «Juventude dos liceus, das universidades e das officinas! Vestes aqui festejades o povo que trabalha. Lembrai-vos, porém, no meio do vosso entusiasmo, do destino de milhões de compatriotas que a crise privou de occupação! Dar-lhes trabalho e pão, é a missão do governo do Imperio. Vós sois o futuro da Alemanha. Não esqueçais que a disciplina e a vida devem tornar-vos dignos da missão que vos espera. É só digno de comandar aquelle que sabe obedecer!»

Em Gieslar, Alemanha, tambem no cenário fantástico formado pelas montanhas de Harz e pela tenebrosa floresta dos velhos Deuses germanicos, realizou-se a Festa da Primavera e do Acor-

dar da Patria, levada a efeito pelas juventudes hitlerianas. A luz rubra dos archotes, dez mil rapazes e 1.600 raparigas, com o uniforme castanho, escalararam, em comum, para simbolizar a uniao de todos num esforço unico, a Montanha Magica, para se reunirem no Planalto das Feteleiras.

A marcha fez-se entre canticos e segundo a cadencia marcada pelos tambores. Em toda, no planalto, ardiam grandes fogueiras. Uma rapariga falou, dizendo: «As mulheres alemãs devem abandonar a indiferença propria das burguesas e considerar todos, os alemães como irmãos. A chama que enrubescce o horizonte simboliza a Primavera Nacional, e o nascimento da Nação Nova.»

O chefe das juventudes hitlerianas falou também. Declarou que se os jovens alemães são a guarda avançada da revolução nacional, que é a victoria da patria sobre os egoismos mesquinhos. «O Passado morreu — exclamou — Matamo-lo nós. O 1.º de Maio é a primavera da alma alemã, e o acordar da nação. Esqueçamos o marxismo era o fim immediato da revolução, mas a verdadeira revolução começa agora.»

A cerimonia terminou com o juramento de Rutil, no «Guilherme Tell», de Schiller: «Sejamos um povo unido na fraternidade. Sejamos livres. E servidão preferimos a morte.»

Cércs de doze mil vozes preferiram em côco estas palavras.

Completando estas manifestações as tropas nazias prenderam em Berlim todos os chefes dos sindicatos socialistas, occuparam o Banco dos Trabalhadores, os sindicatos; em Varsovia houve manifestações favoráveis a Hitler; em Liege o consulado alemão foi apedrejado e em Metz houve incidentes queimando-se bandeiras nazias e do Reich.



I -- Ciências sociais e politicas. Direito

Sociologia — Política internacional — Economia nacional: A vida do Estado — Direito.

Sociologia

O CAPITALISMO

seu passado, seu presente e seu futuro — Lição no Instituto dos Altos Estudos

O professor Bento Carqueja realizou no Instituto de Altos Estudos, da Academia das Ciências de Lisboa, a terceira e última preleção da serie acerca do «Capitalismo—seu passado, seu presente e seu futuro». A ultima versou sobre o futuro do capitalismo.

Começou por afirmar que não se propunha assumir o papel de Nostrodamus, com o proposito de adivinhar o futuro. Queria tão somente «verificação dos factos apontados nas duas preleções anteriores, servindo-se desta processo de que a Ciência humana não para chegar a conclusões dignas de apreço. Economistas muito notáveis, que citou, enganaram-se nas suas previsões: Na conjuntura presente, em

que a dinamica da economia não se realiza segundo regras fixas, mas sob numerosas influencias, podem ser atingidas as finalidades mais imprevistas. Podemos saber *Quo sumus* e não *Quo vadis*, no dizer de Wolff.

A estrutura economica e social das nações tem-se modificado profundamente. Sendo assim, as perturbações que dizem em resultado a crise economica, só se resolverão adaptando-se a novas concepções e a nova actividade das novas condições.

Para confirmar este modo de ver, basta apontar em dois exemplos: O primeiro é o das industrias estabelecidas em países outrora produtores de matérias-primas e compradores de ar-

tigos manufacturados; o segundo é o do desenvolvimento, cada vez mais amplo, do movimento sindical, que tem reunido em associações poderosas patrões, operarios, funcionarios.

O industrial, o politico, o tecnico não podem deixar de ponderar estas realidades e de se acomodar a elas.

O tempo em que vivemos é fecundo em surpresas. Assistimos ao renascimento de instituições pertencentes a linguagem passada. Assim, o regime corporativo vai-se afirmando, de dia para dia; a concepção medieval de que o proprietario não passa de administrador, por conta da comunidade, dos bens que possui, está tomando honras de verdade, ao mesmo tempo que

a legitimidade do empréstimo a juros é contestada.

Tem de ser imposta uma disciplina moral, intelectual, politica e profissional que parecia abolida para sempre. O problema que se nos oferece, e que não podemos iludir, é o da conciliação da autoridade e das liberdades, igualmente indispensáveis á prosperidade de todos.

Na opinião de eminentes economistas, não é o capitalismo, nos seus elementos essenciais, que hoje se condena. Condensa-se o regime de livre concorrência absoluta, no qual evoluçionou no século XVIII.

Contingenciamento, qualidade, honorabilidade serão os lemas da época que começa. E não se pode dizer que haja neles novidade. É uma questão de disciplina que tem havido em todos os séculos.

A proposito, o orador passa em revista as concepções falsas que têm vindo acerca da organização futura da vida económica, citando a opinião de Weber: O Capitalismo só acabará quando se tiver esgotado a ultima tonelada de mineral, com a ultima tonelada de carvão.

Traçou um frizante quadro de produção de forças, de que o homem dispõe para manutenção da sua actividade.

A mais segura das previsões que podem ser feitas acerca do capitalismo é

A politica internacional continua na mesma. As ameaças ainda não desapareceram. Mussolini continua a querer o dominio do mundo e Hitler a querer que a Alemanha seja imperial e dominadora. Os judeus continuam a ser escorraçados, e as jovens hitleristas queimam livros, como se isso obstasse a que as ideias continuassem na sua marcha. Os Estados Unidos abandonando o padrão-ouro lançaram o panico no mundo, panico que já vai passando com grande prazer para a libra que merece cada dia mais confiança. A conferencia economica, ou antes as conversações, não deram re-

a de que ele tem de sofrer, no futuro. Importantes modificações internas e externas, resultantes do que se passou no seu periodo aureo e do que se tem passado após a Grande Guerra.

Citou a opinião de Sarmant que o capitalismo, perdendo a sua preponderancia, será obrigado a submeter-se a restrições e á intervenção de cada vez mais numerosas, dos poderes publicos, tornando-se, de cada vez mais calmo, mais venerando, mais razoavel.

Passou em revista as causas dessas transformações minuciosas e interessantes, relacionando-as com diversos aspectos da vida social.

Determinou as relações existentes entre o capitalismo e a população, afirmando que o ritmo do capitalismo tem necessariamente de moderar-se, logo que a população deixe de aumentar, e que essa moderação se accentuará, a partir do momento em que a população começa a diminuir, isto na hipótese de que o capitalismo continue a ser monopólio da raça branca; mas, a tal respeito, a situação pode mudar e mudará, provavelmente.

Para que Portugal se adapte ás condições novas, basta que regresse e se reconcilie com o modo de ser economico do seu passado. A diversidade dos recursos que possui permite achar no seu proprio fundo a maior parte dos elementos de prosperidade.

Politica internacional

sultados praticos conhecidos e a crise continua como antes. O sr. Herriot voltou como foi.

Na Austria o congresso do partido christão-social pronunciou-se pela independencia do pais. Isso desagrada aos nazis a quem convinha que a Austria se incorporasse com a Alemanha para constituir uma especie de indemnização pela perda da Alsacia-Lorena. Em Genebra a S. das N. dormita e a conferencia do desarmamento é uma teoria. Entre a Italia e a França fez-se um accordo aduaneiro. Gandhi inicia o seu jejum, termina-o e suspende por um mês a campanha de desobe-

É uma conclusão optimista, bem sabe. Tem, porém, a convicção de que se Portugal souber tirar partido das circunstancias, o nosso Pais poderá retonar no mundo um lugar predominante.

Terminou expressando calorosamente os seus votos para que esta perspectiva brilhante sirva de estimulo e atravesarmos, com animo, bom senso e com patriotismo, os tempos turvos em que vivemos, sendo calorosamente aplaudido pela selecta e numerosa assistência.

BIBLIOGRAFIA: Cunha Leal.—*A técnica e as transformações sociais contemporâneas.*—6-XIV-234-2 pg.—O livro que Cunha Leal acaba de publicar, deves interessante, livro moderno e elevado divide-se em duas partes; *Os progressos da técnica e As transformações sociais contemporâneas*, que se subdividem em 12 capitulos sobre as questões virtuais do momento que passa. É um bom livro.

LIVROS FRANCESES: Paul Descamps.—*La Sociologie expérimentale.*—30 fr.

O Primeiro de Janeiro, do Porto, publica Marquez Guedes, no dia 6, um artigo sobre *O libelo contra a Democracia e a sua contestação.*

diencia civil, em plena marcha.

Armando Beaventura entrevista em Madrid o escritor Ludwig e expõe as suas opiniões no *Diario de Noticias.*

BIBLIOGRAFIA.—A. Labrouquère.—*La Politique nouvelle*, 20 frs.; Rchder.—*La Crise*, 4.50 frs.; Frateco.—*M. Hitler*, dictateur, 10 frs.; Lacoine.—*Vers un équilibre nouveau*; Mussolini.—*Le Fascisme, doctrines et institutions*, 15 frs.; Demakoc.—*Menaces dans le ciel*, 12 frs.; Druenne.—*Les Problèmes économiques et la technocratie*, 12 frs.

c) Economia nacional: A vida do Estado

a) Politica interna. Governo e administração publica e civil. Funcionalismo

Comemorações do 28 de Maio

O dia 28 foi festejado em todo o pais. Em Lisboa realizou-se uma parada em que tomaram parte cerca de 10.000 homens, com um completo e magnifico material de guerra. Desfilaram na Avenida da Liberdade ante o sr. presidente da Republica, e mais elementos officiaes, tendo vindo três esquadras de aviação realizando alguns aparelhos exercicios de acrobacia. Após a parada effectuou-se o desfile do cortejo civico, onde se incorporavam muitos estandartes de Camaras Municipaes. Tambem na parada desfilou a 1.ª companhia de Infantaria Indígena, chegada a 25 de Angoia, que representava o Exercito Colonial. Houve re-

cepção no ministerio do Interior acco representantes das Camaras Municipaes, cerimoniaes em S. Domingos pelos percursores do 28 de Maio, e á noite, no Coliseu dos Recreios, uma sessão comemorativa onde se pronunciaram entusiasticos discursos.

A parada militar, aparte todo o espirito politico que sempre acompanha a comemoração destas datas, deixou alguma impressão no publico que muito á aplaudiu. Ela mostrou um exercito apetrechado e detado dos meios de defesa que dão orgulho á defesa de uma grande nação.

Produziram-se acontecimentos insignificantes, o que motivou uma nota officiosa: Apupes e agressões a tiro em Ermesinde ao combato que repre-

sava de Braga com elementos nacionaes-sindicalistas, o que se repetiu em Guimarães, Ponte de Lmas, Amarante e Penafiel.

Diplomatas

Por ter atingido o limite de idade deixou o cargo de Embaixador de Portugal em Londres o general Garcia Rozado, sendo substituido pelo dr. Ruy Ulrich. Tambem pelo mesmo motivo deixaram os cargos de ministros em Bucareste o sr. Martinho de Braderode, e em Washington o sr. Visconde de Alte.

Foi annullado o decreto que se passara á disposição do dr. Veiga Simões, ministro em Praga, Viena e Budapest.

b) Economia e finanças. — c) A acção social. — d) Previdência social

BOLSA E CAMBIOS

O mês de maio foi o mês das Bengueles e do novo Consolidado. Estes dois papéis dominaram a atenção dos frequentadores da bolsa durante todo o mês e cremos bem que tal domínio se prolongará ainda durante uma parte do próximo mês de junho.

O grande numero de transacções e a extraordinária alta das Bengueles bem como a emissão e rápida subida do novo Consolidado deram à Bolsa uma animação interessante, que em parte deve ter concorrido para a alta de outros valores e para a tendência firme que em geral apresentaram todos os papéis durante o mês de maio. Julgamos, porém, não errar muito atribuindo a razão principal da alta de certos valores comerciais à baixa accentuada do juro com que se vão contentando entre nós os capitais de colocação.

Na categoria dos Fundos do Estado houve de notavel, como já dissemos, a emissão do Consolidado 5 1/2 0/0 1933, que pela primeira vez appareceu cotado, em 8 de maio, a 920 escudos por cada obrigação de 1.000 escudos nominaes. Logo de inicio foi enorme a procura deste papel, que em 12 subiu para 925, em 15 para 930, em 16 para 935, em 18 para 940, em 20 para 945, em 22 para 950 e, finalmente, em 30 para 955. A este preço, deduzindo o imposto e levando em conta o mês de juro decorrido, a taxa real do juro de colocação é inferior a 5 1/2 0/0 (5,49 0/0). E é curioso notar que outros papéis do Estado, emitidos ha muito mais tempo e que, portanto, deviam ser mais conhecidos do publico, não lograram subir, proporcionalmente, nada ou quasi nada e oferecem hoje uma taxa de juro real sensivelmente superior áquelle. Mas o publico quasi nunca faz contas e nem sempre zela os seus interesses. Assim, por exemplo, as obrigações denominadas Cami-

nhos de Ferro 6 0/0 1932-1935, que são tambem do valor nominal de 1.000 escudos, que foram tambem emitidos pelo Estado, mas que são de 6 0/0 pagaveis aos semestres, começaram o mês coladas a 1.000 escudos e subiram apenas a 1.005. Tendo em conta os 5 meses de juro decorridos e o imposto respectivo, a colocação nestas obrigações dá ainda um juro real de 5,80 0/0, sensivelmente superior, como dissemos, aos 5,49 do Consolidado.

Nas transacções sobre acções bancarias cotaram-se: o Banco do Alentejo, que se manteve, o Commercial de Lisboa, que desceu um pouco, e o Ultramarino, o Portugal e o Lisboa & Açores, que subiram. Este ultimo começou a 263, attingiu no fim do mês 285 e continua firme.

Continuou a apatia nas categorias das algódões, caminhos de ferro e seguros.

Nas colonias houve algum movimento. O açúcar de Angola, a filha do Principe e a Agricola das Neves subiram um pouco e apresentam-se firmes. O Boror cotou-se apenas duas vezes: a primeira a 25 e a segunda a 50 escudos.

Na categoria de Companhias Diversas houve regulares transacções em Gás e Electricidade, em Portuguesia de Tabacos, em Portuguesia e Colonias, em Navegação, em Cerveja Estrela e em Pesca. Duma maneira geral todos estes valores subiram, mas as altas mais notaveis foram atingidas pela Cerveja Estrela, que subiu de 122 a 151, e pela Pesca, que de 103 chegou a 120 escudos.

Quanto a obrigações, diremos que se notou uma subida quasi geral, sendo de especializar, além da enorme alta das Bengueles, a que já nos referimos, a subida apreciavel das obrigações dos Caminhos de Ferro Portugueses e da Beira Alta.

Os fundos brasileiros foram pouco cotados mas apresentaram

tambem tendência firme durante quasi todo o mês.

Sobre cambios continuou a confusão do mês anterior: altas e baixas consecutivas em todas as divisas e instabilidade cada vez mais accentuada do comercio exterior. Os nacionalismos economicos e a moeda dirigida continuam a produzir os seus desastrosos efeitos e hão de, por certo, levar mais nauços ao abandono do padrão ouro.

Dizem que se torna indispensavel o reajustamento do valor das moedas. Este trabalho parece constituir mesmo uma parte importante do programa da proxima Conferencia Economica Internacional.

Não cremos, porém, que o assunto fique resolvido na Conferencia. As nações perderam o seu equilibrio economico e foi o desequilibrio economico que provocou o desequilibrio monetario. Em nosso fraco entender, só registando a produção ao consumo diminuindo as barreiras aduaneiras e acabando com as restrições cambiais se poderá, a pouco e pouco, voltar ao equilibrio economico, que ha de gerar a melhor distribuição do ouro e o consequente equilibrio monetario.

Até que isso succeda, porém, os povos terão ainda que sofrer duramente a consequências da sua egoismo e da desconfiança geral.

Ao terminarmos o mês de maio nota-se que todas as moedas apresentam certa tendencia para a sua desvalorização em relação a libra e, portanto, em relação ao nosso escudo. Esta tendencia é mais accentuada no dolar, no florim e na lira, mas nenhuma das outras moedas, nem mesmo o franco, foge á regra. Dá a impressão que todos levarão o caminho da libra e do dolar, mas até isso succeder, muitas surpresas podem modificar o nosso juizo.

JOÃO MARQUES PEREIRA

— Para Inglaterra seguiu nova renuncia de ouro para vir devidamente aferido.

Em o Primeiro de Junho do dia 5 Nuno Simões publica um fundo sobre As Obrigações do Caminho de Ferro de Benguela.

—No dia 4, tomou posse do lugar de director geral da Fazenda Publica o sr. dr. Antonio Luiz Gomes.

CONFERENCIAS. — No Instituto Superior do Ciencias Economicas e Financieiras fez o dr. Mario Cardim, brasileiro, 3 conferencias das quais a 2ª sobre a Potencialidade economico-financieira do Estado de S. Paulo e a 3ª sobre Salario racional e o custo da subsistencia.

LIVROS FRANCESES. — Joseph Hamel. — Banques et operations de Banque. — Tome I. — 90 frs.



Projecto de «maquette» para uma moeda mundial

LOTARIAS

OS MAIORES PREMIO DO MÉS

Dia	40 contos	40 contos	10 contos
6	7967	1967	5503
13	2946	4220	2969
20	8270	297	9823
27	4048	1654	7292

e) Pedagogia e Educação. — f) Higiene e Sanidade

O n.º 23 de A Escola Primaria publica um interessante artigo do professor Dias Aguiar sobre a educação intelectual e as chamadas «disciplinas» ou «ramos de ensino».

Tambem o mesmo numero publica os principios constitutivos da Liga internacional para a educação Nova.

No n.º 25 a sr.ª D. Felisbela Aurora Pina Lopes publica o II dos seus artigos Lugar dos novos. A orientação do ensino na escola primaria segundo os tipos psicologicos.

Em Coimbra e Lisboa realizou-se com desusado brilho a cerimonia tradicional da Queima das fitas.

O curso comercial do Ateneu Commercial de Lisboa passou a ser foros de official por decreto publicado no Diario do Governo. O Governo pela verba do Ensino Technico subsidia o curso com 72.000 eszudos.

—No dia 1 tomaram posse do Ministerio do Interior os novos reitores dos liceus de Lisboa, Santarem e Castello Branco. Seguidamente sob a presidencia do dr. Antonino Pestana, realizou-se a primeira reunião dos reitores dos liceus de Lisboa tendo nella sido resolvido dar o maior relevo ao ensino da Geografia Colonial e para essez efeito ficou assente:

a) que em cada liceu da capital se fundasse um museu colonial;

b) que se intensificasse a correspondencia inter-escolar dos alunos dos liceus do Continente com os alunos liceais das Colonias;

c) que se promovam excursões academicas ao Jardim Colonial e ao Museu colonial da Sociedade de Geografia.

d) que os liceus de Lisboa se pu-

nham em communicacão directa com as entidades officiaes das Colonias como o fim de lhes pedirem elementos com os museus seus coloniais dos liceus e que se realizasse no Liceu Normal uma «noite colonial» dedicada a todos os estudantes liceais de Lisboa, em que falaria um ilustre professor colonial e para a qual seráo convidadas as altas autoridades colonias que nesse momento se encontravam em Lisboa.

—No Seculo do dia 6 b funde e sobre Seleccão Universitaria, utilis a doutrina que e da maior actualidade. O Diario de Lisboa de 6 publica outro sobre Os exames de admissao das Faculdades e a necessidade de um regime transitorio.

—Ficou absolutamente solucionado o conflicto entre o dr. A. Quintanilha e o Senado Universitario de Coimbra.

g) Ciencias militares. A guerra e a ciencia da guerra.

A defesa nacional

Ha muitos anos que Portugal não atravessa um periodo tão intenso de rearmamento como o actual.

Não é apenas o problema naval que nos interessa e cuja execucao está, representando o nosso maior esforço, no ultimo seculo, dentro do assunto, mas tambem os problemas do rearmamento do Exercito e da organisação da Aviação Militar, que este mes, foram postos, o primeiro com aspecto de inicial execucao e o segundo ainda na fase de propaganda.

O mes que findou foi pois fertile em assuntos que respeitam a defesa e isso só nos deve satisfazer, porque a despeito das boas intenções de que o mundo está cheio, as potencias não fecharam ainda os seus arsenais, nem fizeram cessar a laboração nos seus estaleiros...

A Armada Nacional

O mes de maio deu-nos alguns acontecimentos importantes, que marcaram o periodo de actividade de que a nossa Marinha está vivendo.

A 10, os estaleiros da Sociedade de Construções Navais, delataram á agua o grande contra-torpedeiro «Tejo», assistido á cerimonia cerca de 20.000 pessoas.

Para se avaliar do valor deste navio que foi feito por operarios portugueses, demonstrando as nossas grandes possibilidades industriais, basta dizer que ele é do tipo dos melhores, que a Inglaterra—Rainha dos mares—hoje possui.

A 12, o engenheiro inglés Yarrow, annunciava por intermedio do «Diario de Lisboa», que o contra-torpedeiro «Vouga», atingira nas experiencias em Glasgow a famosa velocidade de 37 milhas á hora,

o que dá ao navio, uma categoria magnifica, se atendermos a que o «record» mundial é de 40,2 milhas horarias. O «Vouga» será entregue a Portugal dentro de dias. Deste tipo, estão incluidos cinco navios do programa naval: «Tejo», «Vouga», «Damão», «Lima», e «Dão».

A 12, iniciou-se em Barrow-In-Furness a construcção dos três submarinos da nova esquadra, que devem estar concluidos dentro de vinte, vinte e dois e vinte e quatro mses.

A 19, os operarios que construíram o «Tejo» dirigiram uma mensagem ao sr. dr. Oliveira Salazar, agradecendo-lhe ter pre-

sido ao lançamento daquele barco, convidando-o para bater o primeiro rebite do «Dão» e pedindo-lhe que patrocine a construcção de navios em Portugal, para garantia do pão dos que querem e sabem trabalhar.

A 24, iniciou-se em New-Castle a construcção dos dois avisos de 1.ª classe de 2.400 toneladas.

A 29, verificaram-se mais dois acontecimentos importantes: em Lisboa, iniciou-se nos estaleiros da Sociedade de Construções Navais, a construcção do contra-torpedeiro «Dão» e em Glasgow foi lançado á agua com toda a solididade o contra-torpedeiro «Lima».

Na cerimonia do inicio da construcção do Dão o sr. dr. Oliveira Salazar proferiu um importante discurso, dirigido aos operarios, agradecendo-lhes a mensagem que estes lhes haviam entregue.

«Pelo seu significado social e politico, transcrevemos da mensagem estes periodos:

«E houve então tambem um homem que soube fazer renascer a alegria no coração daqueles que, animados pela fé, esperavam. Esse homem que entregou a Portugal a construcção de algumas unidades da Marinha de Guerra, em reorganização, esse homem a quem devemos e devem os nossos companheiros, a alegria que dá o trabalho, esse homem é V. Ex.ª».

«Se as nossas palavras filhas de uma franca educação lhe podem parecer rudes, desculpe V. Ex.ª. E' que não sabemos testemunhar doutro forma a admiracão que nos tem merecido a obra de V. Ex.ª e quanto lhe deve a industria de que somos obreiros: O coração dos operarios tambem sente, tambem pulsa como o de todos



Preparativos para a Conferencia Economica Mundial

os portugueses bons e conscientes que só têm em mira o resurgimento da nação. E para que nele se consiga totalmente é preciso estarmos ao lado de V. Ex.^ª. Nós estamos. Viva a República! Viva o dr. Oliveira Salazar!.

O chefe do governo respondeu com um discurso de grande sentido politico que passamos a transcrever:

«Meus amigos: tenho em primeiro lugar que dirigir os meus agradecimentos ao sr. ministro da Marinha, por ter resolvido dar a esta nova unidade da Armada Nacional o nome do rio que passa pela minha terra. De alguma maneira se quiz, assim, ligar a qualquer coisa que me fosse caro o resurgimento da Marinha de Guerra Portuguesa.

«Mais um navio se começa hoje a construir, operarios, navio que mais querido tem de ser, porque é construído em Portugal e por portugueses.

«Eu, que costume faltar a quasi todas as festas, porque consumo o tempo no trabalho, quiz vir a esta cerimonia, que é uma festa sem duvida, mas uma grande festa de portugueses, uma festa grata aos nossos corações.

«A mensagem que foi entregue, sensibilizou-me profundamente. Tinha rudeza franca, rudeza de coração. Não tinha enfeites, tantas vezes mentirosos e tantas vezes utilizados.

Lembrou o episodio do livro de Eça de Queiroz, em que o homem rico, acostumado á vida luxuosa de Paris, se sentiu alegre e satisfeito quando na sua aldeia o Deus teve para jantar, por ter chegado de surpresa, a comida modesta que a seus criados era destinada, refeição que foi reconfortante para o seu espirito e para o seu coração saudoso de Portugal.

E a proposito disse:

«Da mesma forma me senti satisfeito de ver nessa mensagem palavras rudes mas sinceras, que prefiro ás mentiras que tantas

vezes tenho de lér no papel selado.

«Dizia-se—continuou o chefe do governo—que era impossível fazer entre nós navios deste tipo e desta importancia militar. Mais uma mentira das tantas que se puderam destruir com a experiencia. Custam mais caros os navios feitos em Portugal? É certo. Mas o dinheiro para eles é dinheiro sagrado, porque é pra o pão dos operarios de Portugal. (Aplausos).

«Se o operario português honra no estrangeiro o trabalho que produz, porque havíamos de considerá-lo um elemento retrogrado para o desenvolvimento da industria em Portugal? E ele não o é, afinal. Provou-se agora. Quiz eu tirar a prova real e valeu a pena. Mais uma falsa ideia propagada, mais uma verdade que nasceu. (Aplausos).

«O vosso coração deve estar contente, mas creiam: o meu está mais ainda. Nada mais triste do que o lar sem pão e tantas vezes lar onde ha filhos, que hão-de ser os homens de amanhã. Esta festa é para vós mais uma garantia de trabalho e para mim motivo de alegria, porque assinala, como tantas outras, os passos firmes do nosso resurgimento, fazendo na nossa casa e com gente nossa aquilo de precisamos.

«Eu que sou avesso a deixar sair dinheiro dos cofres publicos, sou ás vezes generoso como um principe. Ful-o neste caso e valeu a pena a experiencia.

E apontando para a massa operaria que o escutava, disse:

«Quiz pôr a questão: podem ou não construír-se os navios em Portugal?

E os operarios gritaram com entusiasmo:

«Podem!

«A resposta—prossegue o dr. Oliveira Salazar—não está apenas nessas vossas palavras cheias de verdade, porque está tambem naquilo que já se fez, naquilo que se faz e que honra os operarios de Portugal.

E, a terminar, o chefe do governo afirmou:

«Meus amigos: Eu que sou filho do povo, nascido na aldeia e costumado a lidar de perto com os que trabalham, agradeço-vos as palavras rudes mas sinceras que me dirigistes. Trabalhai, operarios, e lembrai-vos de que enquanto vós desenvolveis aqui a vossa actividade em prol da Patria, eu vou reunindo no ministerio das Finanças o dinheiro que é para o vosso pão e para o resurgimento da Armada Nacional».

Por esta resenha se vê que o mês de Maio, fica assinalado pelo lançamento á agua de dois navios e pelo inicio da construção de seis, todos eles incluidos no programa naval em execução.

O Exercito Nacional

O problema do rearmamento do Exercito, entrou numa fase de realisações. O ministro da Guerra anunciou num discurso official, que dispôs já das verbas necessarias para a transformação e modernização das espingardas da infantaria e das carabinas da cavalaria e ainda para a compra de material de guerra destinada ás escolas praticas das armas.

O sr. major Luiz Alberto de Oliveira atacou assim um importante aspecto da defesa nacional, tendo as suas declarações produzido excelente impressão nos meios militares.

A Aviação Nacional

Continuou o «Diario de Lisboa» registando opiniões de aviadores sobre a reorganização da aeronautica, tendo publicado em Maio depoimentos curiosos dos srs. tenente-coronel Ribeiro da Fonseca e Major Craveiro Lopes.

É de esperar que o governo não esqueça na sua obra de revigoração nacional a reorganização da quinta arma, porque fortalecer a Aviação é aumentar consideravelmente as nossas possibilidades de defesa num futuro que tanto pode ser longinquo como muito proximo

MAURICIO DE OLIVEIRA

NECROLOGIA.—No dia 8 faleceu o capitão-tenente João dos Santos e o general Francisco de Almeida Queiroz.

—No dia 20 o sr. Eugenio Nunes

Ribeiro, capitão de Marinha Mercante e com grandes serviços na grande guerra e em 23 o almirante Francisco de Paula Cid.

—No dia 24 morreu em Canes o almi-

rante inglês Wemyss que assinou o armistício da grande guerra em 1918 e em Barcelona o general Rodriguez Pedre que pertenceu ao directório militar de Primo de Rivera.

Direito

O conselho geral da Ordem dos Advogados discutiu no dia 12, a forma de tornar mais eficaz a acção da Ordem e deliberou que, depois de um entendimento com os conselhos districtaes, se iniciasse, brevemente, nas sedes dos distritos judiciaes e delegações, sessões de estudo e de controversia, a efectuar periodicamente, e se realizassem conferencias e series de lições ou cursos, tomando a Ordem o encargo da publicação dessas lições ou cursos.

Resolveu ainda que se instituisse um premio pecuniario anual para o melhor trabalho sobre a orientação e disciplina da jurisprudentia e a sua accommodation ás realidades praticas conforme regulamento a elaborar. Nomeou entre os seus membros, uma comissão para elaborar e apresentar um projecto das alterações a introduzir no Estatuto Judicial, na parte referente á Ordem.

—No dia 24 realizou-se em Seia

uma homenagem ao tumulo do dr. Abranches Ferrão. Falaram o sr. Luiz Ferreira Matias e o sr. Maximiano de Almeida Gomes.

Livros franceses.—Raiclu—*Légalité et Nécessité*. 36 frs; Raynaud—*Le Droit international ouvrier*. 40 frs. Spiropoulos—*Traité théorique et pratique de Droit international public*. 50 frs; Akzin, Ancel, Basdevant—*La Marine nationale dans la science sociale et dans le droit contemporain*. 45 frs.

Decretos

Anotam-se apenas os decretos de interesse geral

Decreto 22.499. — «Diário do Governo», 100, 1. série, 8-5-1933. — Fixa um direito compensador do premio de exportação francês sobre o bacalhau importado da França ou das Ilhas de S.

Pedro e Miguelel e sobre o pescado por navios franceses importado directamente de lugares de pesca.

Dec. 22.500. — Regula o regime do horário do trabalho para as indústrias de transportes de pessoas ou de mercadorias por estrada, via férrea ou via de água, marítima ou interior, incluindo a conservação de mercadorias em

dças, cais, embarcadores e entrepostos.

Declaração. — De ter sido, por despacho ministerial determinado que, a partir de 1 de julho p. f., se não aciltem para reforma bilhetes do Tesouro, devendo ser reembolsados os respectivos portadores nas datas de vencimento.

II -- Comercio, industria, tecnologia. Agricultura

Organização e métodos. Ensino tecnico - Comercio - Industria - Tecnologia - Agricultura

A clausula da nação mais favorecida

Os problemas que a crise mundial veio pôr em evidencia não podem ser encarados por uma forma unilateral. E' verdade que os tratados de comercio correspondem a uma lenta evolução de actos unilaterais que, na Edad Media, os soberanos e outras entidades praticavam, com o fim de promover as relações com o estrangeiro, concedendo privilegios aos «mercadores» dos outros países. Estes privilegios resumiram-se inicialmente na permissão de residencia e nas garantias de segurança para as pessoas e fazendas e fixavam-se por vezes em estipulações contractuais, não dos Estados Unidos entre si, mas entre as autoridades e os estrangeiros interessados. Tal era o sistema vulgarizado na Europa, a partir do século XIII, sobretudo nos grandes centros comerciais dessa época.

Já na antiguidade e bem assim no começo da Edad Media tinha havido entendimentos de ordem comercial, que difficilmente poderemos classificar sob a designação de tratados, como aqueles que estiveram em vigor entre Roma e Cartago.

Nessas épocas, o comercio exterior fazia-se por meio de licenças e resultava portanto de concessões revogáveis em qualquer altura, ao arbitrio do que as outorgava. (1)

Em Portugal, desde os primeiros tempos da monarquia, o uso das concessões especiais, feitas pelo soberano aos estrangeiros, residentes no país, foi-se generalizando e, no tempo de D. João I, os *homens bons* de Lisboa reclamaram contra alguns prazentins, genoveses e outros estrangeiros, que se apresentavam com cartas de *visinhos*, com os correspondentes privilegios e liberdades, que os escusavam de encargos, assim gerais como municipais, que os *visinhos* deviam ajudar a suportar.

Daquil se deprende que os estrangeiros eram mais favorecidos do que os naturais do país.

D. João II tambem concedeu varias mercês a estrangeiros, mas limitou-se a equiparar-los aos nacionais, considerando-os como se fossem naturalizados portugueses.

Foram sobretudo os ingleses que maiores regalias obtiveram. O facto explica-se pela grande actividade comercial que já nesse tempo desenvolviam entre nós e teve as suas inevitáveis consequências na execução dos tratados que tivemos com a Inglaterra.

Já então bastantes portugueses se haviam estabelecido em diversos países, conseguindo do mesmo modo prerrogativas que foram poderoso incitamento para se estreitarem relações comerciais.

As *feitorias* portuguesas, espalhadas por diversas cidades da Europa tiveram a sua origem em nu-

cleos de comerciantes de Portugal, que nelas se fixaram, com caracter de permanencia.

A designação de *feitoria* applicava-se para os estabelecimentos em que se exercia o comercio monopolizado pela coroa portuguesa.

Na Flandres que, desde o século XIII, era muito frequentada pelos mercadores portugueses, foi estabelecida a mais importante das nossas *feitorias*. Antes da criação da *feitoria* da Flandres, isto é, em 26 de Dezembro de 1411, havia sido dada aos mercadores portugueses uma carta de privilegios, a que se seguiram mais duas, ampliando consideravelmente as regalias concedidas pela primeira.

A's cartas de privilegios concedidos pelo soberano seguiram-se as que eram da iniciativa dos municipios de Bruges e de Antuerpia.

Dentre as regalias que os governadores desta ultima cidade concederam aos portugueses, devemos salientar a de que, no caso de serem concedidos mais amplos privilegios aos mercadores de outra nação, que de novo venham a estabelecer-se, *eles se tornão extensivos aos de Portugal*. (1)

Os privilegios outorgados deste modo, ou fosse por livre vontade do soberano, ou fosse mesmo por estipulações de contratos com agrupamentos de comerciantes estrangeiros, não eram ainda verdadeiros tratados de comercio, no seu conceito moderno, visto que tais agrupamentos não representavam o governo do Estado a que pertenciam os seus componentes.

Foi a Inglaterra que tomou a iniciativa dos tratados entre os Estados, com o fim de proteger o comercio dos seus nacionais e, a partir do século XIV, conseguiu realzar diversos acordos desta natureza com varias cidades e soberanos estrangeiros.

O exemplo da Inglaterra foi seguido por outros países, com notáveis beneficios para o comercio internacional, cuja tecnica se foi aperfeiçoando sucessivamente.

A liberdade, a segurança do comercio, a fixação dos direitos aduaneiros, segundo antigos privilegios, o regime comercial em tempo de guerra, a tendencia para uma igualdade de tratamento—tudo isto são as condições fundamentais que se vão concretizando nas clausulas dos tratados de comercio levadas a efeito, com manifesta vantagem para o desenvolvimento das relações economicas internacionais.

(1) Société des Nations.—N.º officiel. C. 48. M. 18. 1933 II.
(1) Josef Ebner.—La clause de la nation la plus favorisée en Droit International Public.

FRANCISCO ANTONIO CORREIA

Relações comerciais com a França

O governo francês por decreto publicado no *Journal officiel* determinou aumentar os direitos sobre a importação dos nossos vinhos do Porto e da Madeira. O texto do decreto publica-o *O Primeiro de Janeiro* do Porto do dia

2. Em resposta á insolita attitude francesa o nosso ministro em Paris recebeu ordem de denunciar o accordo comercial com a França de 12 de junho de 1932. e o governo português respondeu aumentando os direitos de importação de Bacalhau, Automoveis, perfumarias, peles, espartilhos, tecidos de lã, tapetes, alcatifas,

passadeiras, chapéus de senhora, plumas, agrettes e paradis, veludões, malhas de algodão, arco de borracha para camións, malhas de seda, champagne, cognac, etc.

Reuniram as Camaras do Comercio e vieram a Lisboa os srs. Maurice Lésage, director geral do ministerio da Agricultura de França, e Jean Naudin, chefe de

repartição do ministerio do Commercio para tratar do assunto.

Sobre este conflito economico publicou o *Seculo* no dia 4 como fundo *Uma fase aguda da politica aduaneira franco-portuguesa* e a historia de *As nossas relações comerciais com a França* nas ultimas décadas. O *Diario de Noticias* no dia 4 publicava em fundo *A denuncia dum accordo* e no dia 5 *Nós e a França*.

Congressos e conferencias

Realizou-se em Lisboa o Congresso da União Internacional dos Orgãos Officiaes de Propaganda Turistica, inaugurando-se os trabalhos no dia 15, na Camara Municipal com a assistencia do sr. ministro do Interior. E' o VIII na serie. Iniciou-se com um discurso do sr. ministro do Interior e iniciadas as sessões ordinarias fizeram-se afirmações de caracter geral e outras extremamente agradaveis para a nossa terra. Os congressistas puzeram uma coroa no tumulo do Soldado desconhecido, almoçaram em Sintra e visitaram varios pontos d'ós pais.

Tambem se realizou no Estoril a Conferencia de Turismo Peninsular. Fizeram os delegados espanhóis acompanhados de suas familias um passeio fluvial e tiveram um Porto de honra no Automovel Club. De ambas estas reuniões damos aspectos fotograficos.

Em Lisboa tambem reuniu a Conferencia Franco Luso-Espanhola sobre Trafego.

A dactilografia da Sociedade das Nações



—Senhores, um pouco de silencio! Desta forma não se pode trabalhar!

Tambem em Lisboa se reuniram os delegados da União Internacional para a Emissão de Bilhetes Presdiu o delegado francês sr. Roseme.

Telefones

Inauguraram-se cabines em Charnusa, Vale de Cavalca, Malhou, Lou-

zais, Brunches, Vila Verde de Ficalho, Montemor-o-Novo, Bairro (Alcobaga),

Aviação

O aviador civil Armando Torre do Vale aterrou em Alverca, vindo de Lourenço Marques. Fez a viagem, que é de 12.400 quilometros, em 11 dias.

Morreu num desastre o aviador francês Luiz Arrachart. Era um piloto notavel.

O sr. dr. Lebo de Avila Lima foi nomeado delegado do governo á 2.ª sessão da comissão internacional de navegação aerea.

No dia 3 saiu de Hamburgo o vapor *Westphalen*, que foi transformado em ilha fluctuante e que irá estacionar no meio do Atlantico, para servir de base ao serviço regular aereo entre a Europa e a America do Sul.

BIBLIOGRAFIA. — *Anuario Comercial de Portugal para 1933.* Como de costume, consta de 2 grossos volumes, esta importante publicação que ha 53 annos se fundou e aparece.

VARIAS. — No dia 15, começou a circular entre Berlim e Hamburgo, o comboio mais rapido do mundo pois faz, num curto espaço de tempo, o percurso dos 268 quilometros que separam as duas grandes cidades alemãs.

NECROLOGIA. — Faleceu no dia 2.º o sr. Pedro Gomes da Silva um dos fundadores da Companhia Nacional de Navegação e seu ex-presidente do conselho de Administração.

Por um decreto do ministerio dos Negocios Estrangeiros foi criada a *Cassa de Portugal* em Antuerpia. Fica bem ao lado das já existentes em Paris e Londra. E' um bom serviço esta accretio e as suas consequentes realizações.

Iniciou-se no dia 9 a *Semana de Propaganda da Provincia de Trás-os-Montes* com a conferencia do dr. Leite Machado, presidente do seu gremio regional.



—Que barulheira

—Naturalmente são as saibas anunciando a proxima conferencia da Paz economica

De (Le Petit Bleu)

III -- Ciências

Matemáticas — Físico químicas, naturais — Medicas

Botânica

Os nossos conhecimentos actuais sobre a flora briológica da Madeira

A flora briológica da Madeira passa por ser hoje uma das mais conhecidas. De facto muitos naturalistas visitaram a formosa ilha e nela colheram musgos. E' devesa interessante seguir as fases dessa exploração. Tratei do assunto com os devidos pormenores na minha monografia: «Les Mousses de Madère», cuja segunda edição está actualmente publicando.

Podemos distinguir no estudo da flora briológica madeirense varios periodos. O primeiro, que val até 1870, estende-se por espaço de um seculo e remonta a 1772, ano em que o botânico alemão Forster, passando pela Madeira, colheu um certo numero de plantas, e entre ellas duas hepáticas: *Anthoceros punctatus* e *Aytonia rupestris*. Muito pouco era, no entanto o trabalho de Forster, publicado em 1787, é digno de menção, por se encontrar nele a primeira indicação de briófitos madeirenses.

Pouco se deve tambem ao inglês Bowdich que herborizou durante algumas semanas na Madeira, em 1823. Parece ter procurado muscineas, mas foi tão infeliz que apenas logrou descobrir 4 hepáticas e 1 musgo que colheu no Pico Ruivo e aliás classificou mal. Muito mais valiosa foi a contribuição do alemão Frederico Holl que no verão de 1827 colheu na ilha 14 hepáticas e 17 musgos, estudados e publicados por Kunze em 1830.

Quem contribuiu sobretudo para o conhecimento da flora briológica madeirense, neste periodo, foi o inglês Johnson que passou na ilha varias temporadas, desde 1857, colhendo com perspicacia musgos que mandava ao grande briólogo inglês William Mitten.

Baseado nestas pesquisas e utilizando algum material que entretanto varios outros botânicos tinham juntado na Madeira, Açores e Canarias, Mitten publicou em 1870 na obra de Godman: *Natural History of the Açores or Western Islands*, um primeiro trabalho de conjunto em que indica, além de 108 hepáticas (37 madeirenses), 150 especies de musgos atlânticos, dos quais 100 são da ilha da Madeira. Mitten, infelizmente, não indica nenhuma localidade determinada.

O segundo periodo fecha-se em 1910, com a publicação da grande obra de Geheeb, *Bryologia Atlantica*. Os importantes materiais que em 1879 e 1880 o botânico ale-

mão Fritze tinha colhido, e tinham sido já em parte publicados por Geheeb, bem como numero de especies colectadas, pelo americano Trelease, em 1896, e pelo alemão Bronnüller em 1900, somadas ás que anteriormente se conheciam, tinham permitido, já em 1902, aos dois illustres briólogos franceses Renaud e Cardot a publicação de um «Coup d'oeil sur la Flore Bryologique des Iles Atlantiques», em que se encontram indicadas 125 especies de musgos madeirenses.

Geheeb, que com tanto ardor tinha empreendido o estudo dos ricos materiais trazidos por Fritze e que já antes do fim do seculo passado tinha quasi concluída a sua obra, não teve o gosto de a ver publicada. Foi só em 1910, um ano depois da morte do autor que Herzog deu por fim á publicidade a obra de Geheeb, completando-a com as importantes contribuições publicadas por Dixon que estudou as colheitas feitas em 1909 por «miss» Eleonor Armitage, em que se encontram 15 especies e 3 variedades novas para a ilha. A obra de Geheeb é um mero catalogo, é verdadeira, as poucas diagnoses que nele se encontram são demasiado incompletas, mas o que lhe dá valor incomparavel são as 18 preciosas estampas a cores, devidas ao pincel da esposa do autor. A *Bryologia Atlantica* enumera 176 especies de musgos madeirenses, entre as quais 6 novas.

Desde a publicação da obra de Geheeb, o doutor Winter, de Getha, herborizou na Madeira em 1912 e publicou em 1914 um valiosissimo trabalho com 6 especies novas para a Madeira e 2 para a ciência.

Todos estes naturalistas e colleccionadores eram estrangeiros

e quasi todos se demoraram pouco tempo na ilha. Tempo é de falar de botânicos madeirenses. Merece o primeiro lugar o illustre botânico do Funchal, Carlos de Meneses. Já em 1907 confiou-me o importante material colhido por ele, e, por seu meio, pude tambem examinar as collecções do seminario do Funchal, dirigido então pelo padre Manuel da Silveira, tão benemerito das Ciências naturais da Madeira. Desde então não cessi de estudar os musgos madeirenses. Publiquei em varias notas anteriores a 1910, os primeiros resultados do meu estudo, e em 1917, utilizando tambem tudo o que foi publicado sobre o assunto, pude publicar na «Brotéria» uma monografia em que, apesar de rejeitar, com fundamento que julgo solido, varias especies admitidas até então, indiquei na ilha 190 especies de musgos, com a menção de todas as localidades conhecidas. Mas novos materiais iam-se accumulando, mandados por dois illustres sacerdotes madeirenses, a quem me comprazo em manifestar toda a minha gratidão, os reverendos padres Jaime de Gouveia Barreto, vice-reitor do seminario do Funchal, e José Genevalves da Costa, pároco de Porto Moniz. Os resultados destes novos estudos, que me permitiam acrescentar á flora madeirense varias especies e outros interessantes pormenores sobre a fructificação de outras já conhecidas, assim como grande numero de localidades novas, levaram-me a empenhar uma nova edição do meu trabalho. Está esta em vias de publicação, com uma lentidão extrema e proposta, pois os dois benemeritos correspondentes continuam a mandar com frequencia importantes materiais. Actualmente eleva-se a 200 o



A meliorose de Hiller
(*Historia sem palmaris*)

(Le Rire, Paris)

numero de especies de musgos madeirenses conhecidos, e, se tivermos em conta as variedades assinaladas até aqui, contam-se 233 formas distintas, a que espero terei em breve o prazer de acrescentar varias outras. Não tenho dados suficientes para elevar o numero das hepáticas.

Mas, a meu ver, ao estabelecer o inventario de uma flora regional, o mais interessante não é o numero de especies dessa região mas sim as associações dessas especies, as suas relações com o abstracto e talvez mais ainda as relações dessa flora regional com a do resto do mundo. Infelizmente temos ainda muitos poucos dados sobre as associações dos briófitos madeirenses. Somos mais felizes quanto ao parentesco da flora briológica da Madeira com a dos outros países. E' ella accentuada europeia e mediterranea. A metade das suas especies são com effeito mais ou menos communs na Europa, sobretudo meridional e occidental. O grupo mais importante que se se-

gue é o das especies atlanticas. Das 127 especies e variedades proprias das ilhas atlanticas, 66, ou seja mais de metade, se encontram na Madeira, sendo 28 endemicas na ilha. O que é de admirar é que são muito menos estreitas as relações particulares com o arquipelago dos Açores. Certo numero de especies relaciona a flora madeirense com flores exoticas de um modo verdadeiramente surpreendente. Seja-nos permitido dar alguns exemplos.

Uma formosa especie descoberta por Johnson, *Rhamphium purpuratum*, de que recebi ultimamente do padre Costa bellos exemplares, une a flora da Madeira á da America do Sul, onde se encontra um pequeno numero de especies do mesmo género. Está no mesmo caso a *Haplodonium notariis*.

O genero *Lepidopilum* representado na Madeira por *L. fontanum*, tem a maior parte das suas especies congeneres espalhadas na America central e meridional.

A flora do Pacifico está representada na ilha pelo género *Echinosium* com 3 especies.

Fissidens asplenioides, bastante espalhado na Madeira assim como nos Açores e nas Canárias, encontra-se alem disso na America meridional e nas ilhas de Java, Sumatra, Nova Zelandia e Tasmania.

Brachymenium Philonotula, colhida na Madeira por Meneses, é uma especie de Madagascar.

E poderia citar outros exemplares.

Novas pesquisas, sobretudo na vertente norte da ilha, muito menos visitada pelos naturalistas, virão certamente enriquecer a flora madeirense de novidades interessantes. O que já conhecemos basta contudo para justificar a afirmação, que fiz no principio, que a flora da Madeira é hoje uma das mais conhecidas e certamente das mais interessantes para o naturalista.

A. LUISIER

Da Academia das Ciências

Medicas

Foto recepção e acomodação

A grande lei da conservação da energia que rege os phenomenos fisicos e quimicos têm completa applicação aos factos biologicos. A célula viva não cria energia, transforma aquela que o meio exterior lhe fornece. O ser vivo tira do mundo cosmico toda a energia que desenvolve e a actividade biologica é a restituição da energia ao meio.

As substancias de que nos alimentamos são oxidaveis e no processo da oxidação ha libertação de calor, desprendimento da energia necessaria á actividade do corpo vivo. Com a produção desta energia cinetica vai successivamente emparelhada á desintegração da substancia viva: é a energia quimica potencial, encerrada nos hidratos do carbono, nas gorduras e nos compostos albuminoides, que se transforma em energia cinetica. Estes corpos de composição complicada, oxidando-se, dão formação a compostos simplificados da fraca energia potencial.

As substancias fornecedoras da indispensavel energia quimica potencial, vai o homem busca-las ao reino vegetal, quer directamente, alimentando-se de plantas, quer consumindo animais herbivoros ou carnivoros, vivendo estes ultimos, por sua vez, á custa dos herbivoros que devoram.

Esta energia quimica potencial necessaria ao ciclo constante da integração e desintegração que caracteriza a vida é fornecida pela planta verde que assimila o carbono nos plastidos protoplasmicos que a clorofilla pigmenta, decompondo o anidrido carbonico da atmosfera sob a influencia da energia cinetica das radiações solares.—As substancias simples, quasi desituidas de energia potencial, que a planta absorve da terra e do ar, são transformadas por reduções e sínteses, em hidratos de carbono, gorduras e albuminoides, de alto potencial energetico. Ha pois transformação da energia cinetica solar em energia quimica potencial—foto—síntese.—E, como nos cloroplastos a transformação de substancias minerais em organicas, só pode realizar-se sob a influencia da luz solar, que é afinal fornecedora de toda a energia necessaria para a decomposição do CO₂, vem a ver-se que em ultima análise a vida sobre a terra depende do Sol, cuja energia, transmitida através do eter até nós, é

condição indispensavel para a nossa existencia.

Não era portanto de todo decabrido, nem injusto, o culto fervente, se bem que supersticioso, prestado pelos nossos mais remotos antepassados ao Sol, ao Astro-Rei, ao produtor da luz e calor no nosso sistema planetario. Gentes diferentes adoravam-no com nomes diferentes: os Arias chamavam-lhe Dyas-so e os Persas Mythra, na mitrografia egipcia era Ra, Phebo e Apollo na hiliolatria grega e romana, mas tudo eram adorações rendidas ao Sol, tanto as que regulavam as praticas no templo de Heliopolis, como as que determinavam o culto dos Druidas da velha Bretanha nas ruinas, ainda hoje imponentes, da Stonehenge.

Adorar o Sol! como se nas eras do obscurantismo pagão se palpitem a influencia avassaladora das ondulações da energia radiante solar no mais importante de todos os phenomenos fisiologicos—a fotosíntese!

Natural foi que os velhos filosofos dedicassem atenção e pensamento a esta luz que de tão longe vinha sendo adorada.

Platão e os estoicos, Aristoteles e os peripateticos edificaram sobre ella theorias especulativas, espirituais e metafisicas, que reinaram com favor até ao seculo XVII, onde os formidaveis nomes de Newton e Huygens brilham com grande intensidade e fulgor.

—Mas a teoria corpuscular da missão da luz, criada por Newton, teve que ser substituida pela teoria das ondulações de Fresnel, apontada já por Thomas Young, e até em 1865 Maxwell deu á questão um aspecto novo, criando a teoria electro-magnetica da luz.

—Já dentro deste seculo a teoria do quantum da luz e a teoria da relatividade deram ao nome de Einstein excepcional e merecida retumbancia que nos não deixa contudo esquecer os sabios que, como Minkowski, Planck, Thomson, Rutherford, Michelson e Morley, e outros, tanto fizeram pelo avanço da nova teoria da estrutura da luz.

Na concepção hoje quasi universalmente accreditada a luz é causada pela vibração ou rotação periodica dos electrons, particulas elementares electro-negativas, que giram em torno do nucleo electro-positivo.

tivo, o proton, como a um sol fazem seus planetas.—Estas vibrações periódicas dos electrões, causadas, por exemplo, por altas temperaturas, excitam o meio dielectrico, o eter, que transmite as ondulações até a materia. Mas succede que cada molecula da materia tem uma vibração especial e propria, e na luz que nos vem do sol ha grandes diferenças no numero de vibrações por segundo, assim como no comprimento das diferentes ondas. Daqui resulta que, quando a luz incide numa determinada substancia, de entre os diferentes periodos de vibração, ou desiguais comprimentos da onda das radiações solares, alguns provavelmente coincidirão com o periodo vibratorio da molecula da substancia e dar-se-á o fenomeno da resonancia, com accumulção da energia e absorção dos raios de vibração homologa, e esta vibração resonante das moleculas da substancia pode atingir uma amplitude tal que prossegue numa reacção quimica, como na telegrafia sem fios: o corpo productor da luz corresponde ao emissor, a materia afinada para um curto comprimento de onda assemelha-se ao receptor.

Ha que pensar na lei de Grothuss e Draper que diz que para a luz poder ter qualquer influencia modificadora é necessario que seja absorvida pela substancia.

Duma maneira geral pode dizer-se que a materia viva é sensível ás radiações luminosas, facto que se verifica já nos organismos monocelulares vegetais e animais, em baterias e em protozoarios.

Nas plantas e em curtas unidades fixas do reino animal o «fototropismo» orienta o corpo vivo em certa posição relacionada com a direcção da luz incidente, e a «fototaxia» manifesta-se quando o ser vivo, podendo deslocar-se no meio ambiente, se mova para a luz, ou fuge para a sombra (reacções fotofílicas e escotofílicas).

Todas estas fototaxias, positivas ou negativas, têm accentuado caracter de adaptação, facultando possibilidades de nutrição, da conservação e da defesa, favoráveis ao ser vivo.

Naturalmente em virtude da «adaptação»—ajustamento continuo das relações intimas ás relações externas—como a definiu Herbert Spencer, facto decisivo na luta pela existencia, e adaptações ás vibrações luminosas, que atingem o maior grau de desenvolvimento nos animais superiores, onde as células especializadas constituem organizações sistematizadas.

A esta lei da adaptação juntaremos a lei da «nau-

robotaxia» de Ariens Kappers, que estabelece terem as partes do sistema nervoso, que são simultaneamente excitadas, a tendencia para se aproximarem e condensarem, e compreenderemos que na escala Zoologica, subindo, partindo da «célula sensível» simples neurone, esboço dum fotoreceptor aperfeiçoado, se chegue ao olho completo e perfeito dos vertebrados superiores e do homem.—Existem sem duvida lacunas que não deixam fundir sempre uns a outros os elos da cadeia outogenética em série gradualmente aperfeiçoada. Mas compreende-se o papel primordial que o pigmento, isolador optico, realiza na célula visual. Vislumbra-se a importancia do encerramento das células fotoreceptoras, aglomeradas, dentro dum calice pigmentado—o oculo dos atropodes—que passa a ser munido de bornea nos anelidos e moluscos, e ainda, como a função commanda a forma, se vê aparecer um cristalino no oculo mais desenvolvido. Num olho chegado a este ponto já se formam imagens especificas, já existe o reconhecimento da forma dos objectos.

Mas como um enorme animal, na unidade do tempo, pode apenas transmitir uma unica excitação luminosa, torna-se necessario a presença de numerosas unidades sensoriais para que cada uma delas possa simultaneamente com as outras, conduzir as excitações de modalidade luminosa diferente emitidas pelo objecto, cuja imagem completa vem a incidir sobre um «mosaico» de células visuais aglomeradas na retina dum olho. Ou então em vez da concentração das células pode haver concentração de órgãos elementares reunidos para formarem tambem um «mosaico» fisiologicamente unitário—é o caso das «comitidas» que constituem o olho facetado dos insectos e dos crustaceos, no qual cada faceta representa a cornea dum omatidium, contendo uma retina em cristalino cuticular.

Chegadas as coisas a este ponto, em que a visão se faz com formação de imagens, para que a função seja perfeita e eficiente, é necessario que a imagem do objecto iluminado seja projectada exactamente sobre a superficie em que se encontra o «mosaico» das células visuais, isto é, sobre a retina. Ora, como a posição da imagem formada pelo cristalino, varia com a distancia que separa o cristalino do objecto, é necessario que exista um mecanismo capaz de fazer variar a separação entre o cristalino e a retina, ou de modificar o poder refrangente do cristalino, realizando de qualquer das maneiras o fenomeno da acomodação.

BORGES DE SOUSA

A SEMANA DA TUBERCULOSE.—No dia 1 iniciou-se em todo o pais a Semana da Tuberculose. Fez-se um pedtório por senhoras com cofres selados, Stuart Carvalhas e D. Graça Ribeiro pintaram cartazes, e no dia 4 muitos automoveis particulares andaram ao serviço do publico revertendo o produto para a Assistencia.

No Porto foi lançada solenemente a primeira pedra para o hospital sanitario a construir no Monte da Virgem, concelho de Vila Nova de Gaia, e no Barreiro foi no dia 1 collocada a primeira pedra no Dispensario Anti-Tuberculoso, no futuro parque da villa. A EXPOSIÇÃO DA CREANÇA.—Fechou no dia 49 a Exposição da Creança realizada no Parque Eduardo VII. Effectuaram conferencias os sr. drs. Lette Lage, Dias Costa, Alvaro de Caires, Meireles do Souto, dr.ª Maria Carolina Ramos, etc.

PROFESORES.—O sr. dr. Francisco Nunes Guimarães Coimbra fez um brilhante concurso para professor da Faculdade de Medicina do Porto sendo o aprovado.

SOCIEDADES CIENTIFICAS.—O sr.

dr. Francisco de Oliveira Luses foi nomeado presidente honorario do Instituto de Hidrologia de Lisboa.

—Os corpos gerentes da Sociedade de Radiologia ficaram em assembleia do dia 6 constituídos pelos sr. drs. Carlos Santos, Carlos Santos, (filho), Pereira Caldas e Aleu Saldanha.

PORTUGAL NO ESTRANGEIRO.—Na terceira e ultima conferencia Biologica do Cancro realizada em Bordeaux o dr. Simões Raposo fez uma communicação sobre a unidade cancerosa que foi muito aplaudida.

NECROLOGIA.—Em Bragança o dr. O. Almeida Cagigal, na Costa da Caparica o dr. Alfredo Honorato Teixeira e no Brasil, Rio de Janeiro o professor de Psiquiatria dr. Juliano Moreira. Tambem no dia 22 morreu o sr. Diogo José da Encarnação Carvalho, director dos Serviços Farmaceuticos dos Hospitais Civis.

INSTRUMENTOS NOVOS.—O n.º 36 de *La Presse medicale* descreve uma *Aiguille-Canule aspiratrice à pointe vibrante* que completa a instrumentação do professor para a aspiração e

empregadas e foi construída pela Casa Lépine, de Lyon.

Tambem o numero 41 descreve o modelo de uma nova canula vaginal construído pela casa Rainal Frères.

Varias

—O n.º 36 de *La Presse Medicale* insere um estudo do dr. Massiere de Bordeaux sobre *Les encéphalopathies de la diphtérie*, e outro do dr. Andre-Thomas sobre *Vertige et Mémère d'origine syphilitique*.

—O n.º 6 da *Revue Thérapeutique des Aécotodes* publico um estudo do dr. Benassis sobre *L'Hôpital de la Charité* bastante curioso, para a historia da medicina.

—A revista *La Clinica* de Barcelona publica no seu ultimo numero chegado a Lisboa (4) um caso clinico de adenitis buccales pelo dr. Ludgero Lopes Parreira, de Portalegre (Portugal).

—O sr. dr. Samuel Maia publica no *Seculo* dia 5 um interessante artigo sobre *Púrcicultura portuguesa*, e o dr. P. Mira no *Diario de Noticias* de 4 de abril sobre *Os dentes*.

IV -- Historia e Geografia

Historia e ciencias auxiliares — Geografia — Portugal — Colonias — Brasil

Historia

«O dr. Queiroz Veloso reabilitou na reunião de classe da Academia das Ciencias de Lisboa, a figura do Cardial Ref. Estamos na era das reabilitações, paciencia que sofremos de uma estranha sede de justica. Um historiador reabilita um rei: Queiroz Veloso a D. Henrique. Um jornalista reabilita um homem de ciencia: Gomes Monteiro a Urbino de Freitas. Mas o certo é que se da calunia alguma coisa fi-

ca contra o caluniado, não ha duvida que da reabilitação alguma coisa fica a favor do reabilitado. E neste caso, com advogado tão cheto de factos documentados, a absolvição e a reabilitação do cardial que o povo queria que «estivesse no inferno muitos anos» é mais do que certa. E quem viver verá como a historia o pondera. Dessa magnifica defesa damos hoje um excerto inédito.

O Cardial D. Henrique Rei de Portugal

«Desconhecendo os passos que D. Henrique dera junto de Filipe II e de Gregorio XIII, e receosos das consequencias dum resfriado, que o retivera alguns dias no leito, em 30 de outubro de 1578, mais uma vez os vereadores lhe fizeram sentir a urgencia de casar ou nomear successor. Replicou-lhes que ficassem sossegados, não sendo preciso lembrar-lho. O casamento era, na realidade, o tema corrente das suas palestras com os mais intimos.

O cardial, que não se considerava um valetudinario e tinha esperanças de viver muitos anos—um tísico nunca as perde—comia um pitoco dizer de Cristóvão de Moura ao ano, manjares «muy apropiados para esforzar natureza».

«Como o rei catolico parecia ter-se esquecido, em fins de Dezembro, escreveu-lhe D. Henrique uma nova carta, pedindo resposta rapida, porque me apertam muito que me resolva a casar. E, na verdade, assim era. No Natal, os vereadores haviam procurado o P.e Leão Henriques, queixando-se da indecisão do monarca. Conseguiu o confessor que o cardeal o recebesse, prometendo-lhes que em breve ficaria o caso resolvido, com satisfação para todos.

«A 27 de Dezembro—ainda Filipe II não recebera a segunda carta de D. Henrique—partiu Fr. Fernando de Castillo, em companhia de outro padre dominicano de Madrid para Lisboa. Segundo as «instruções do amo, existentes no Arquivo de Simancas, devia explicar a viagem, pelo desejo de ver Fr. Luiz de Granada; e aproveitaria o ensejo para belgar as mãos do rei. Quanto ao verdadeiro encargo, resumia-se nestas palavras: «dar a entender de mi parte al... Sermo Rey Cardenal mi tio, que ni deve, ni puede tratar de casarse».

«A 18 de Janeiro de 1579, chegou Fr. Fernando a Lisboa, hospedando-se no convento de S. Domingos. Todos os documentos relativos a esta importante missão politica—pois a religião servia apenas para mascarar as ambições e os recelos de Filipe II—es-

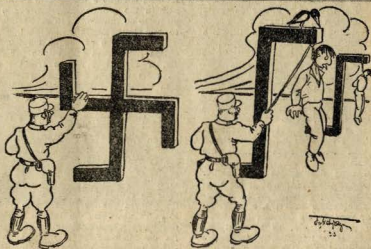
tão guardados em Simancas: pode ser, portanto, seguida nos seus pormenores.

«Recebeu-o D. Henrique a 20, pela uma hora da tarde. Depois de lhe entregar a credencial do rei catolico, entrou Fr. Fernando na exposição dos argumentos de ordem teologica e moral, que condenavam o matrimonio. Da longa carta que em 22, o teologo espanhol escreveu a Filipe II, vê-se que a entrevista durou duas horas. Ouviu-o sempre o cardeal, sem impaciencia. Observou-lhe, porem, que os doutos, eram de parecer que, só casando, ele cumpriria o seu dever de consciencia como soberano. Portugal devia ser governado por um rei, natural do pais. O unico meio de impedir as guerras que podiam resultar dos encontrados interesses dos pretendentes, seria casar e esperar que Deus lhe desse filhos. Muitos se casam aos setenta e mais anos, a quem Nosso Senhor os concede, negando-os a outros mais moços. Ora a sua idade não era muita, nem a saude tão debil, como alguns pensavam: sentia-se até melhor e mais forte do que antes. Ao terminar a audiencia, pediu-lhe D.

Henrique uma memoria das razões expostas pois queria responder ao sobrinho.

«Mandou-o D. Fernando de Castillo no dia 23; e no dia 28, voltou a ser recebido pelo monarca, a quem levou segundo memorial, com novos argumentos. Ambos foram publicados por Luiz Cabrera; mas a sua redacção difere um pouco das copias arquivadas em Simancas. Esta audiencia não foi tão cordial, como a primeira. Conta Fr. Fernando, na carta que em 30 enviou ao amo, que o cardial rei lhe deu uma missiva para Filipe II e um papel com a sua resposta ao primeiro memorial, recomendando-lhe que partisse imediatamente e se não detivesse no caminho, para que o sobrinho as recebesse com brevidade.

Ponderou o dominicano que mais valla expedir um correio, pois em oito dias voltaria com a replica. Impacientou-se D. Henrique, dizendo-lhe «muy alterado; o Senhor Rey mi sobrinho no tiene que hazerme en esto mas instancia, que ya esto seria...» e calou-se. A sua resolução estava assente. Casar-se, não era cometer um pecado, era sacrificar-se pelo bem



Uma applicação pratica da cruz germinada.

(Mucha, de Varsovia)

do reino, era prestar-lhe o maior serviço possível.

«Para elaborar a contestação—informa Cristóvão de Moura em carta a Filipe II, de 31 de janeiro de 1579—convocara o cardeal-rei o seu conselho privado, composto do arcebispo de Lisboa, Francisco de Sá, D. João Mascarenhas e Miguel de Moura. Na redacção definitiva colaboraram o confessor e o provincial da Companhia de Jesus, Dr. Jorge Serrão. O original que é uma larga resposta a todos os argumentos de Fr. Fernando, encontra-se em Simanças; e ha uma tradução em castelhano. A carta que D. Henrique mandou ao sobrinho, por mão de D. Fernando de Catillo, tem a data de 27 de janeiro. Mas era tão vivo o seu empenho de mostrar a Filipe II que a missão do afamado pregador fora inútil, que já dois dias antes ele escrevera, para o desenganar.

Esta carta até hoje desconhecida, é um documento importantíssimo, pois mostra claramente o que o cardeal-rei estava decidido a prosseguir no negocio do seu casamento, com a pessoa que mais lhe conviesse.

«Em coisa que me obriga tanto em consciencia—dizia ele ao

soberano espanhol—e importa tanto ao bem destes Reinos, não se espante Vossa Mde. nam poder seguir o seu conselho».

«Tencionava Fr. Fernando partir em 31 de janeiro. Sobreviduo, porém, o mau tempo, com vento e chuvas prolongadas, não ousou atravessar o Tejo; e a 6 de fevereiro, recebeu uma carta do amo, mandando-o demorar até novo aviso. Na vespera, enviara-lhe D. Henrique um papel, com mais exemplos de dispensações, concedidas a religiosos; mas não obstante deixar Lisboa em 17, por se haver Filipe II convencido da infidelidade da sua detença, nunca mais o recebeu o cardeal».

A 20 de fevereiro, o embaixador português em Madrid, cumprindo uma ordem expressa do amo, escreveu ao rei catolico, então de cama com um ataque de gota, comunicando-lhe que D. Henrique «tinha mandado pedir licença a Sua Santidade para poder casar». Nos principios desse mês, ainda o cardeal-rei confiava na dispensa do papa. Só depois soube, por informação de João Gomes da Silva que o sobrinho ha muito se esforçava, junto de Gergorio XIII, para a impedir; e isso entristeceu-o muito.

«Em 31 de janeiro reuniu D. Henrique o Conselho e Estado, assistido pela primeira vez o novo capelão mor, D. Jorge de Ataíde, antigo bispo de Viseu. Disse-lhes que estava disposto a contrair matrimonio, aguardando a respectiva dispensação, e que deliberara abreviar a abertura das Côrtes, convocando-as para 10 de março, em Lisboa. Depois mandou chamar os vereadores da camara, a quem fez igual declaração. A uns e outros pediu o cardeal muito segredo. Pois, no mesmo dia o foram denunciar a Cristóvão de Moura, que immediatamente o participou a Filipe II, sabendo-se de ter espias, «entrambas partes». O procedimento o monarca obedecia unicamente, ao seu desejo de manter acima de tudo, a independencia do país. Assim o explica Moura ao amo, em outra carta da mesma data: Se o rei «está firme em casar-se, é porque no le pesa por o pensamento que Portugal se pueda juntar á Castilla y tiene pareceres que le aseguran que todo es licito lo que se hiciera en defenza de la patria». — QUEIROZ VELOSO

*Este numero foi visado pela
Comissão de Censura*

Geografia

Uma das mais brilhantes lições do curso superior de Bibliotecario Arquivista foi sem duvida a do dr. Armando Cortezão sobre Geografia antiga. Prepositivamente para o nosso jornal escreveu o conhecido

colonianista o artigo por onde os nossos leitores encontram numa sítese sabiamente concatenada as ideias que por ele foram sabiamente expendidas, e que são da grande cultura portuguesa.

Cartografia portuguesa antiga

Entendeu o sr. director do Curso Superior de Bibliotecario Arquivista dever completa-lo este ano com algumas lições complementares de Heurística medieval, Heraldica e Historia da Cartografia Portuguesa, tendo-a honrado com o convite, para estas ultimas me occupar. Assim, nos dias 28 de Abril, 1 e 4 de Maio, realizei três lições-conferencias na Sociedade de Geografia de Lisboa, das quaes, apesar de terem sido oradas, vou dar breve resumo.

O estudo da cartografia historica constituiu hoje um dos mais importantes ramos das Ciencias historico-geograficas, pois, na verdade, as antigas cartas, portulanos, cartas maritimas, cartas de marear ou qualquer velho mapa geográfico, além do interesse que representa para os estudiosos dessas épocas recuadas, são ca documentos que melhor e de mais suggestiva maneira mostram a evolução dos conhecimentos humanos da geografia através dos tempos.

São esses documentos que, melhor do que quaisquer outros, registam o conhecimento progressivo que se ha tendo da superficie da Terra, a maior ou menor verdade ou fantasia que havia nesse conhecimento, as novas terras descobertas, a importancia economica ou historica de certas regiões, através das por vezes extensas legendas que

nelas se lêem, a evolução politica do mundo, que frequentemente é registada pelas bandeiras e escudos que em certas épocas ornarn as cartas, etc., esclarecendo ou preclarendo pontos importantes da historia da humanidade.

Então, para um país como Portugal, cujo periodo mais brilhante da sua historia é exactamente o dos Descobrimentos, em que a Cartografia nacional attingiu tão grande progresso, sendo a primeiro do mundo, o seu conhecimento tem importancia excepcional.

No entanto, o estudo da cartografia antiga portuguesa tem estado por fazer. E' certo que alguns eruditos de ha mais de um seculo se referiram com maior ou menor desenvolvimento a um ou outro dos nossos antigos monumentos cartograficos, mas fizeram-no accidentalmente, como Faria e Sousa, Barbosa Machado e Garção Stokker, ou então com caracter muito restrito, como Antonio Ribeiro dos Santos. O Visconde de Santarém, que incontestavelmente foi o primeiro que se dedicou com caracter de especialidade ao estudo historico da Cartografia, palavra que elle proprio criou, não só entre nós como em todo o mundo, occupou-se principalmente da cartografia da Idade-média, não chegando a entrar propriamente no estudo sistematico da cartografia portugueza: con-

tudo, nas suas varias obras encontram-se dispersos numerosos e preciosos trabalhos e informes sobre monumentos cartograficos portuguezes antigos, que muito auxiliam os estudiosos de hoje.

Dos trabalhos portuguezes posteriores ao Visconde de Santarém, o que de mais notavel se conhece é a valiosa obra de Sousa Viterbo — *Trabalhos nauticos dos portuguezes dos seculos XVI e XVII*, em que se encontram reunidos muita documentação e elementos biographicos sobre numerosos cartografos portuguezes antigos. Em 1903-1904 tambem se realizou na Sociedade de Geografia de Lisboa uma importante Exposição de Cartografia Nacional, de que foi publicado um desenvolvido Catalogo sob a direcção de Ernesto de Vasconcelos, que embora a valor muito reduzido, por motivos em que não vale a pena falar. Além de Ernesto de Vasconcelos, que deixou alguns pequenos estudos sobre o assunto, tambem de valor muito relativo, e de pequenas memorias de Gabriel Pereira e Vicente Almeida de Eça, tem-se Joaquim Bensaude occupado, resumidamente, da nossa cartografia antiga-em varios dos seus valiosos trabalhos, e o prof. Duarte Leite, de forma magistral, nos capitulos que escreveu para a *Historia da*

O Mês Oficial

O Dr. Oliveira Salazar procedendo à cerimónia do lançamento do Tejo.

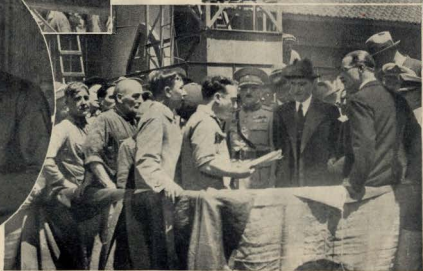
A Tejo entrando na água.



O primeiro rebite da canhoneira «Dão»



O Dr. Oliveira Salazar pronunciando o seu discurso no Coliseu, na noite de 28.



A mensagem dos operários, da construção naval



O presidente do Ministerio, Dr. Oliveira Salazar passando revista no dia 28 á companhia angolana.



Conferencia Imperial. — Os Governadores colonias com o presidente do Ministerio e Ministro das Colonias a quando dos cumprimentos ao chefe do Estado, que se vê entre os dois.



Ao alto : Os governadores civis em Cascais em companhia do Chefe do Estado. Os Governadores civis em Cascais em companhia do Chefe do Estado. Os Governadores civis em Cascais em companhia do Chefe do Estado.



Curioso aspecto do incendio na Fabrica da Polvora de Barcarena.



O fogo na Cadeia do Lincoeiro. No dia 16, de manhã manifestou-se incendio n'uma ala do Lincoeiro ardendo o telhado. Embora grandes os prejuizos materias, não houve desastres a registrar.



Vida Social

Os congressistas de Turismo em companhia do Sr. Ministro do Interior.



Aspectos da festa elegante realizada no Teatro de S. Luiz.



Grupo de creanças na Festa de caridade realizada no Teatro de S. Luiz.



Congresso de Turismo. — Alguns congressistas acompanhados de suas famílias no Porto de honra no Automovel Club.

Colozação Portuguesa do Brasil, mas apenas sob o aspecto particular da cartografia antiga da costa brasileira. E pouco ou nada mais digno de registro. No entanto, depois da morte de Visconde de Santarém, em 1856, e principalmente nas ultimas décadas, os estudos de cartografia historica têm tomado desenvolvimento extraordinario.

Dicercio de Messina (seculo IV a. C.), que pela primeira vez subordinou uma carta a um plano de orientação: Eratóstenes (sec. II a. C.), que estabeleceu a primeira quadrícula; e Marino de Tiro (sec. II da nossa era), que subordinou essa quadrícula a gradação dum paralelo, devem ser considerados como os criadores da cartografia científica. Dos seus trabalhos sabe-se apenas por citações de outros autores antigos; a mais notavel destas transmissões é a que Ptolomeu faz, da obra de Marino de Tiro, no Livro I da sua Geografia.

Nos primeiros seculos da nossa era, com Ptolomeu, a Geografia matematica e a Cartografia científica tomam grande desenvolvimento; porém, na baixa Idade-média, a obscuridade em que o cristianismo sepultou a brilhante civilização greco-romana, não só impediu o seu progresso como a fez esquecer.

Depois de Ptolomeu, as primeiras cartas dignas desse nome que apparecem, são os portulanos medievais, dos quos o mais antigo conhecido é o de Giovanni Carignano, de c. 1300 e, entre os datados, o de Petrus Vesconte, de 1311.

Assim como na Idade-média os catalães e italianos foram, a bem dizer, os unicos fabricantes dos portulanos que hoje conhecemos dessa epoca, pois a navegação estava quasi que apenas circunscrita ao Mediterraneo e Mar Negro, assim os portugueses, no extremo sudoeste da Peninsula Iberica e da Europa, em face do Oceano desconhecido e misterioso, foram depois os principais construtores das cartas maritimas, quando no seculo XV iniciaram e no XVI completaram as navegações de todos os mares. Essas primeiras cartas maritimas portuguezas derivaram naturalmente dos portulanos mediterraneos e, sobretudo, quando abrangeram o mundo que então se conhecia ou julgava conhecer, deviam basear-se nas concepções ptolomaicas. Infelizmente não nos resta qualquer exemplar dessas primitivas cartas portuguezas que tão interessantes seria conhecer; temos apenas referencias mais ou menos resumidas a 15 monumentos cartograficos anteriores ao seculo XVI mas sem que de nenhum possuamos ao menos uma descrição mais completa. Em compensação é abundantissima a documentação que nos resta ainda do seculo XVI, em que a cartografia nacional attingiu o seu apogeu. Para que se possa fazer uma ideia dessa documentação basta dizer que, num livro que actualmente tenho em publicação na Imprensa da Universidade de Colômbra, *Cartografia e cartografos portuguezes dos seculos XV e XVI*, me occupo de 48 cartografos portuguezes anteriores ao seculo XVII e 175 monumentos carto-

graficos, dos quos ainda devem existir pelo menos 124, sendo 79 cartas e 45 aflies que abrangem um total superior a 800 cartas ou desenhos de caracter cartografico. Destes 124 monumentos cartograficos portuguezes, de cuja existencia mais ou menos se sabe, apenas 15 estão em Portugal e dos restantes 109 encontram-se 33 em França, 26 em Italia, 17 em Inglaterra, 9 na Alemanha, 6 nos E. U. A., 2 em Espanha, 2 na Austria, 2 na Holanda, 9 supõe-se que existem mas não se está certo do seu paradeiro, 3 estão publicados no *Atlas de Ortelio*, e um no *Ptolomeu de 1511*. É impressionante a desproporção entre o numero destes monumentos cartograficos que se encontram em Portugal e o numero dos que estão no estrangeiro.

A politica de segredo iniciada por D. João II e depois mantida pelos seus sucessores, fez com que os mais preciosos monumentos da nossa cartografia fossem guardados na Casa da Índia, nos baixos do Paço da Ribeira, que desapareceu com tudo o que encerrava no terramoto de 1755.

Sobre a grande quantidade de cartas dessa epoca, não assinadas e sobretudo não datadas, deve considerar-se que o facto do cartografo assinar e não datar as suas cartas só pode ter como explicação o ele ter reproduzido, quando muito com ligeiras alterações, um seu trabalho anterior e não querer dar a impressão de que se trata de obra já antiga; quanto a cartas não assinadas, nunca encontramos uma só que esteja datada. A identificação dos autores destas cartas não assinadas ou não datadas, e das epocas em que foram executadas, a par das dificuldades que apresenta, constituiu uma das partes mais interessantes do estudo da Carto-

grafia antiga. A configuração geográfica dos continentes e a representação das lhas, assim como a nomenclatura que apresentam comparada com a cronologia dos descobrimentos ou explorações, a presença de bandeiras e estudos de diversas nações nas regiões representadas, comparada com a sua historia, o auxilio de certos documentos historicos em ligação com o documento em estudo, a maneira como o cartografo deixa perceber o estado dos seus conhecimentos cosmograficos, certos pormenores de tecnica cartografica, o estudo comparativo da illuminura ou simples ornamentação, o exame do tipo de letra das legendas principais, a comparação da calligrafia da nomenclatura duma carta em estudo com a doutra já conhecida, levam muitas vezes a determinar com segurança e precisão a data da execução de determinado monumento, como por exemplo succede com o Planisferio Cantino, ou quem foi o seu autor, como acontece com a carta de Lopo Homem existente na Biblioteca Nacional de Lisboa.

O estudo em conjunto da abundante documentação, que até nos chegou, da Cartografia portuguesa dos Descobrimientos, mostra a necessidade de a dividir em periodos cronologicos que mais facilitem a sua apreciação. Uma tentativa desse género já foi feita pelo sabio cartologo belga, Jean Denucé, que considera a nossa cartografia em conjunto, distinguindo nela duas escolas ou periodos de tendencias opostas; uma, a que chama a Cartografia teorica, baseada quasi que exclusivamente na teoria ptolomaica, outra de Cartografia positiva, baseada nos novos dados que a experiencia ia fornecendo.

A classificação de Denucé é insufficiente e mesmo improprio, pelo que proponho a divisão da cartografia historica portuguesa em quatro periodos ou escolas:

Do Infante, de Pedro Reinel, de Lopo Homem e da Decadencia. Assim, o primeiro periodo ou escola do Infante, compreende o inicio da cartografia nacional até á viagem de Vasco da Gama, desde que o Infante mandou vir para Sagres o celebre cartografo judeu catalão Jacome de Maiorca, e em que as necessidades das novas navegações no mar alto, com o auxilio da orientação astronomica, deram um aspecto inteiramente novo á arte nautica. O segundo periodo ou escola de Pedro Reinel, corresponde exactamente ao golpe dado pelos grandes descobrimentos na Geografia de Ptolomeu, de que resultaram as duas correntes cartograficas em que se divide a cartografia do primeiro quartel do seculo XVI. O começo do terceiro periodo, ou escola de Lopo Homem, corresponde ao desaparecimento na cartografia portuguesa, da representação que Ptolomeu dava ao Extremo-Oriente. A maneira da illuminura das cartas tambem se modifica. A predominancia das formas vivas, que por vezes dá as cartas illuminadas uma tão bella impressão de palpante realidade, como nalguas das Reinel de Paria, seguesse uma ornamentação mais geometrica, consequência possivelmente, da influencia da Renascença italiana, cara-

O plano quinquenal



A VITIMA

O urso russo — *Falam de sabotagem!*
Eu gostaria que algum viesse aqui
com Lenine para ver se ele era capaz
de me libertar desta armadilha.

(Do Punch)

cterística da Iluminura de Antonio Godinho, no «Livro da Nobreza», começado em 1821 e acabado em 1841, se sente nos cartógrafos deste terceiro período e muito especialmente em Fernão Vaz Dourado. Finalmente a Decadência; depois de no terceiro quartel do século a cartografia portuguesa ter atingido a sua máxima altura, começa francamente a declinar, coincidindo o começo desse declínio com a denominação absoluta de Portugal pela Inquisição, pela Companhia de Jesus e pelos Filippes.

A carta de marear portuguesa appareceu como consequência das navegações dos portugueses, principalmente do tempo do Infante, devendo reconhecer-se a influencia que nela teria mestre Jacome de Malcora, vindo para Portugal cerca de 1420-27.

A debatida questão de saber se a carta plana quadrada foi ou não inventada pelo Infante, ainda não foi collocada no seu verdadeiro pé. Se não se pode dizer que a carta plana quadrada, de marear, na forma que tomou no século XV e conservou durante o XVI e grande parte do século XVII, até se generalizar a projecção de Mercator, seja um invento do Infante D. Henri-

que, não se pode duvidar de que é uma criação portuguesa, consequente do primeiro incremento que as nossas navegações trouxeram á Ciencia nautica, sendo natural que tivesse tomado, como tomou no século XVII, o nome do Infante, pois era a sua grande figura que nessa época presidia á nossa actividade maritima.

E' porem Pedro Nunes que na cartografia portugueza dá a maxima nota scientifica. O grande matematico, em face das necessidades da navegação no seu tempo, chegou á descoberta da curva loxodromica que é o rumo verdadeiro do navio em determinada direcção. Pedro Nunes, que era sobretudo um matematico, concebeu a curva em 1537 e em 1566 ensinou como traça-la, mas não conseguiu dar-lhe a utilidade pratica que Mercator, mais cartografo, lhe deu em 1569, após 30 anos de tentativas, inventando um sistema de projecção em que a curva apparece representada por uma recta sobre a carta, como convem á navegação.

Numerosos foram os tradatistas portuguezes da carta de marear, sobretudo no século XVII, sendo os mais notaveis o padre Carvalho da Costa e Manuel Pimentel. Pelos trabalhos destes

se deprende que a projecção de Mercator, á semelhança do que succedeu em quasi todos os outros países, só no final do século XVII ou principio do XVIII se empregou em Portugal; de resto não conheço nenhuma carta portugueza dessa época em que ella appareça.

Entre os grandes cartógrafos portuguezes do século XVI, de quem ainda hoje existem trabalhos, contam-se, por ordem chronologica: Duarte d'Armas, Pedro Reinel, Bernardo Silva (?) Francisco Rodrigues, Jorge Reinel, Lopo Homem, Pero Fernandes, Gaspar Viçag, D. João de Castro, João Freire, André Homem, Diogo Homem, Sebastião Lopes, Fernando Alvaro Seco, João Martins, Bartolomeu Velho, Lazaro, Luiz, Domingos Teixeira, Manuel de Mesquita Perestrelo, Fernando Simão, Luiz Teixeira, Bartolomeu Lasso, Pedro de Lemos e Cipriano Sanches. Deve porem collocar-se acima de todos o maior cartografo portuguez—Fernão Vaz Dourado.

A cartografia portugueza do século XVI é a mais rica de todo o mundo, não desmerecendo do alto lugar que a nossa ciencia nautica occupa na historia do saber humano.

ARMANDO CORTEZAO

A LENDA DOS PRECURSORES E DO "ACASO" DE CABRAL

O DESCOBRIMENTO DO BRASIL VISTO PELOS NAUTICOS DA VELA

O DESCOBRIMENTO do Brasil está envolto em misterio. Ao certo, não se sabe quando foi que os portuguezes lá passaram pela primeira vez. Do livro de Duarte Pacheco, um dos navegadores do tratado de Tordesillas, em 1494, conclui-se que, como era natural, D. Manuel mandou reconhecer as terras occidentais, poucos anos depois. A ilha de S. Mateus, das cartas primitivas, indica uma visita á ilha brasileira de Fernando de Noronha, alguns anos antes de 1500.

Tal incerteza resulta, em parte, da grande confusão que se nota nas fontes historicas, a respeito da viagem de Cabral em 1500. Nos cronistas se lê que, fosse por temporal, fosse para fugir ás calmarias da Guiné, ou fosse até porque «perdeu a derrota», Cabral foi acidentalmente avistar terra em 24 de abril (ou em 3 de maio), em «dez graus» de latitude sul (ou em 17 graus), e que, correndo «contra o sul» ao longo da costa, a esquadra foi enfim fundear em Porto Seguro.

A par destes erros tem-se tambem escripto que Pinzon, Hojeda—e até o novelista Vesputio, que tambem descobriu o ceu...—a bordo de navios espanhols, precederam os portuguezes na costa brasileira, embora os não tivessem precedido no Atlantico Sul, pois O Equador fora cortado desde 1470,

E' sabido que, logo a seguir á primeira viagem de Colombo, se fez, em 1494, o famoso tratado de Tordesillas, segundo o qual todas as «yslas e tierras» a descobrir no Atlantico, áquem da linha «de polo a polo» traçada 370 leguas ao poente das ilhas de Cabo Verde seriam reservadas a Portugal,

e as que estivessem alem, á Espanha.

Naturalmente, os espanhols apressaram-se a ir tomar posse das terras de Oeste, que assim ampliam as suas descobertas nas Antilhas.

Como naquell' tempo os mareantes ainda não dispunham de cronometros (nem de telegrafia) as longitudes—e portanto os pontos de passagem do meridiano que ficava 370 leguas a Oeste de Cabo Verde—só grosseiramente podiam ser determinados. Para contornar aquella difficuldade os navegadores espanhols—a começar por Colombo, em 1498—lan tomar porto a Cabo Verde, e de lá rumavam ao sudeste, esperando encontrar terras já ao sul do Equador.

Este rumo do sudeste não era escolhido por simpatia, ou por acaso; era o recurso elemental da época para se conhecer qual o caminho ganho para Oeste, porque, navegando a meio entre Sul e Oeste (SW), o caminho para Oeste seria sensivelmente igual ao caminho feito para o Sul, em latitude, e esta era facil de determinar pelo astrolábio, sem dependencia de relógios.

Com esta navegação todos os descobridores espanhols do fim do século XV, depois de curtas viagens de duas ou três semanas, foram encontrar a costa da America do Sul, muito a Oeste do Cabo de S. Roque.

O balanço da conferencia



Em resumo: todos os nossos objectivos foram atingidos
(Desenho de Sennep)

Assim navegou, também ao *sudoeste*, em 1500, Pinzon—que tão activo papel teve na viagem de 1492, com Colombo. Mas, como ele *declarou* ter chegado ao *Cabo de Santo Agostinho*, que é em Pernambuco, houve não-nauticos que o acreditaram, sem repararem que aquele rumo do *sudoeste* não poderia nunca levar as caravelas de Pinzon para o sul do cabo de S. Roque que está em cinco graus de altura, ao passo que Pernambuco fica em 8 graus. Contando com o *norddestar* da agulha, e com a forte corrente equatorial, o rumo de S. Tiago para Santo Agostinho poucos graus dieriria de Sul; assim Pinzon, não deveria ter ido sequer encontrar terra a leste do Amazonas. Isto mesmo se conclui de outras indicações do próprio Pinzon, o qual tomou posse das terras para a Espanha, por julgar que a sua navegação de *quinhentas leguas* o tinha posto mais de 370 leguas ao poente de Cabo Verde; também disse que encontrara índios *gigantes*, o que não ha no Brasil e, enfim, que, depois de descobrir a terra navegou *mais alem*, para *al occidentes*, o que não é possível fazer na costa de Pernambuco que corre ao sul, porque isso seria cortar com os navios por terra dentro.

De resto, esta questão dos *«falsos precursores de Cabral»* foi tratada com uma precisão da mathematica pelo dr. Duarte Leite, na *Historia da Colonização*, não tendo as suas conclusões sido contestadas, nem na Peninsula nem na America.

Aqueles que aos espanhols concedem a intenção banal de procurar as terras que, além da *raya* pertenceriam á Espanha, têm logicamente o dever de reconhecer identico criterio aos outros habéis navegadores que, em 1488, já tinham encontrado a passagem do Atlantico para o Indico, pelo sul do *Cabo das Tormentas*; os mareantes portugueses.

Nada nos autoriza a supór estes nauticos inferiores aos espanhols que recorriam áquele expediente de navegar ao *sudoeste*, para saber quando estavam a mais de 370 leguas a oeste de Cabo Verde, na *raya-meridiana*; ao contrario, verifica-se que, logo depois da passagem em Porto Seguro, se ficou sabendo a sua altitude—17 graus—ao passo que as Antilhas de Colombo ainda nos mapas de 1502 se apresentam com uma latitude errada 200 leguas para o norte.

Certo, dessas viagens portuguezas ao Atlantico Occidental não ficaram documentos, porque se reservavam dos estrangeiros. E tanto assim é, que tão pouco se documenta uma dessas viagens, que com certeza se fez, qual é a *da nau dos mantimentos* que Cabral mandou em 1500 voltar a Lisboa, e que decerto veio reconhecendo

a parte da costa do Brasil, para o Norte de Porto Seguro, ainda não conhecida.

Á semelhança de certos quadros parietales—como já vi um em Paris, e sei que ha outro em Washington—onde as antigas derrotas dos navios de vela estão traçadas directamente contra o vento, a Historia dos Descobrimentos peca por não se ter reflectido que elles foram praticados por navios de vela, isto é, peca pelo descobrimento da Nautica.

Porquanto, basta um exame elementar da questão, em presença das cartas de ventos e correntes do mês de abril—de que os cronistas não dispunham—para se concluir que um navio de vela que consiga, como todos os de Cabral em 1500, passar para o Sul da parte mais oriental do Brasil—Pernambuco em cerca de 8 graus sul—terá a sua *bordada* garantida para o Cabo da Boa Esperança, e passará, sem ver terra, muito ao largo da Baía, e portanto de Porto Seguro, porque os ventos ali variam entre Leste e Nordeste.

Os nauticos afirmam que não ha exemplo de um só navio *l'arridado* a Porto Seguro, por causa de *ventos escassos*. Se Cabral foi avistar terra ao sul de Porto Seguro—contra o que afirma Barros—fê-lo deliberadamente, para buscar terras, depois de o vento se tornar francamente favoravel para garantir a volta em arco para o Cabo.

Tão pouco é aceitavel a hypothese de um desvio da esquadra para a terra, pelo efeito das *correntes pelágicas*: é sabido que estas correntes, para o sul do Natal e Pernambuco, correm ao longo da costa e, por isso, nem mesmo os objectos abandonados seriam encostados para a terra, os navios, com o seu movimento proprio, só poderiam ser levados para Oeste se navegassem ao Norte do Cabo de S. Roque, como aconteceu a Pinzon em 1500.

Não é portanto nauticamente verosimil aquella *conjectura* da descoberta do Brasil em 1500 por

acaso, que a informação falsa de Barros sobre o encontro da terra, não em 17 graus, mas em 10 graus de latitude sul, poderia explicar. Cabral avistou terra porque quiz passar muito a Oeste da sua derrota natural para o Cabo da Boa Viagem.

A «Carta de Caminha», escripta da esquadra, documento só conhecido ha pouco mais de um seculo, concorreu para começar a desvendar-se o misterio da viagem de 1500. Apesar de Caminha não ser nautico—«Da marinagem nom darey aquy conta a V. A. porque o nom saberey fazer»—conclui-se que a viagem até ao Brasil correu sem accidentes nem contrariedades.

No meio de tantos erros sobre a Historia inicial do Brasil, um facto nos apparece indiscutivel: a primeira informação segura, que chegou aos nossos dias, é a fixação da fronteira oriental da nova terra, já descoberta ou a descoberto, a qual foi definida em 1494, em Tordesillas. Neste documento se convencionou que na *raya* «se fará sinal o torre», e tal marco não poderia ser de cortiça, a ballar agua salgada: teria, evidentemente, de ser feito em terra firme na fronteira do país que depois se chamou *Brasil*. E é conhecido que os negociadores portuguezes até começaram por propor que a linha de divisão cortasse a America segundo um *paralelo*, em latitude ao norte de Cabo Verde. Já havia portanto, em 1494, se não a certeza, pelo menos fortes suspeitas da existencia das terras da actual America do Sul, fronteiras á Guiné. Sem elas, para quê perder tempo com um tratado, ariscando-nos a que o ramo oposto do meridiano do Atlantico fosse no Oriente cortar parte da India, para a Espanha?

De outro facto temos também certeza: a derrota de Vasco da Gama, em 1497, para o Cabo da Boa Esperança, foi já traçada pelo largo da costa de Africa, passando portanto perto do Brasil—como hoje se pratica á vela. Não era aquella occasião de tentar uma ex-

O alumno inteligente



—Indique-me as fronteiras do Japão.

—Impossivel. Eu ainda não li os jornais desta manhã!

perencia aventurosa: esta rota indirecta prova que, antes de Gama, isto é, antes de 1497, a parte occidental do Atlantico Sul já tinha sido visitada pelos navios portugueses os quais teriam assim reconhecido que os ventos eram por lá mais favoráveis para se fazer caminho para sul, do que ao longo da costa de Africa, por onde foi Bartholomeu Dias. Teria sido então que se reconheceu a existência de terras orientais, ou pelo menos, a da ilha de Fernando de Noronha, a que teriam chamado S. Matheus, como se sabe que ainda lhe chamavam os espanhóis que lá estiveram, com Fr. Loaisa, em 1527?

É certo que, por causa do incendio dos arquivos de Lisboa, em 1755, nos faltam documentos, diários, cartas de navegação e outras informações que nos permitam fazer uma ideia exacta da viagem de 1500. Mas em presença dos argumentos técnicos, que venho tentando resumir e vulgarizar, os nauticos afirmarão que Cabral não «perdeu a derrota», visto que soube ir ao Brasil, em longitude mal conhecida, a Sofala, pelo largo do Cabo, sem avistar terra. Tão pouco se encontram, entre S. Tiago e Porto Seguro, tempestades, calmarias, ventos gerais ou correntes, que expliquem a passagem de Cabral, contra sua vontade, em um porto tão recolhido para Oeste, na costa do Brasil, como está Porto Seguro.

Por outro lado, ha, como se viu, fortes indicações de que, antes de Cabral já o Atlantico sul-occidental era navegado pelos portugueses. A Gama, quando lá passou, não causou surpresa o encontro de aves que «quando veo a noutra hian pera terra».

Aquele mesmo crédito nautico,

que nos leva a reconhecer que os navegadores espanhóis buscaram de proposito a terra da America do Sul, embora sem probabilidades de terem estado em Pernambuco antes dos portugueses, leva-nos a pôr de parte a conjectura de que Cabral só foi ao Brasil por acaso. Não foi acaso o Tratado de Tordesillas, nem a viagem do Gama pela costa do Brasil. Não pretendamos, tão pouco, que Cabral—imitando Colombo—procurou ir á India por um caminho novo, o de Oeste, que os portugueses bem sabiam ser mais longo que pelo Cabo. Ao contrario, a sua viagem ao poente não foi em busca do mar livre, mas em busca de terras, obedecendo a instruções de D. Manuel, que o mandou aproveitar a sua passagem pelo Atlantico Sul, alargando deliberadamente a sua derrota para Oeste, a fim de averiguar se por lá, a leste do meriano de Tordesillas, ainda haveria o prolongamento das Antilhas, que Colombo encontrara ao Norte, ou outras terras—aquelas a que se refere Mestre João, na sua carta ao Rei de 1500, em que se fala no mapa-mundi de «vaaz bisagudo»—terras que, possivelmente, já os portugueses teriam avisado, na parte do actual Brasil que fica mais encostada á Guiné, e ás derrotas da Africa, pelo largo. Se nesse mesmo ano de 1500, os espanhóis buscavam de proposito essas mesmas terras, são fortes as probabilidades de os portugueses não terem conlido so no acaso.

Certo, aqueles erros nauticos que, desde o inicio, falsificaram a Historia do Brasil, deixaram vestigios tão fundos que ainda hoje não estão apagados. Tal é o erro da data official do descobrimento: embora, talvez por uma posterior correcção de anos bissextos, a data

de 3 de maio (Invenção da Santa Cruz) pudesse corresponder ao dia da descoberta de Pedro Alvares Cabral, contudo o dia em que a esquadra avistou terra, e lá fundeou, foi de facto quarta-feira, 22 de abril de 1500.

Este acontecimento fundamental do Brasil mereceu, no seu quarentenario, ser comemorado no monumento erigido em 1900 no largo da Gloria, da cidade do Rio de Janeiro.

É certo que, para aqueles mesmos que consideram injuria affirmar-se que a viagem de Colombo dependeu da Arte Nautica, aprendida com os portugueses, e da audácia dos Pinzons... para aqueles que duvidam de Duarte P. checo, quando escreveu que D. Manuel mandou descobrir o Brasil, o que seria natural, e ao mesmo tempo acreditam na afirmação de Pinzon ter chegado ao Cabo de Santo Agostinho em 1500, a qual é contrariada por outros acontecimentos... para esses, a estatua de Cabral, no largo da Gloria, não passa de uma mentira de bronze.

No meio de tantos julzos errados e preconceitos, a respeito do inicio do Brasil—como a tempestade e o acaso—avulta uma outra mentira, e essa bem efémera e frágil: é a que se encontra nos vitrais do Senado de Pernambuco, attribuindo a Pinzon o descobrimento daquelle terra!

Pois dessas problemáticas viagens espanholas ao actual Brasil, nada resultou, a não ser o seu primitivo nome de America, falsidade depois applicada a todo o continente; e falsidade porque Americo Vesputci não foi um descobridor. Mas, da viagem de Cabral resultou uma obra real, não de vidro mas, como o monumento do Rio, feita de granito e de bronze—a Terra de Santa Cruz—povoada por numerosos descendentes de activos colonos portugueses, cujas limitadas aspirações de Progresso e Civilização estão a par da vastidão do continente que o pequeno Portugal depois de, durante três seculos, não ao acaso, mas deliberadamente, o ter desbravado e defendido como se fosse uma parte da metropole, em 1822 lhes entregou!

GAGO COUTINHO

(Do Diário de Lisboa de 3)



Embora mudado quem o não reconhecerá?...

(Desenho, d'ellmann-Paul no Je suis partout)

— Sobre Lisboa publicou o Diário de Noticias artigos illustrados, no dia 4 sobre O Batro Camões; no dia 13, sobre O Campo de Santana; no dia 22, sobre Alcantara, e no dia 25, sobre Eclém.

— O professor Sr. Joaquim de Carvalho publicou no Diário de Noticias, de 13, um artigo sobre Pombal, ou a contradição na Politca,

V -- Letras

As letras e os letrados — Bibliotecas e Arquivos — Bibliografia — O Livro

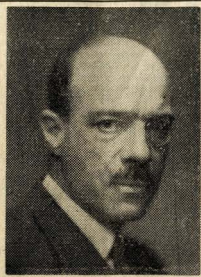
Silvio Rebello, poeta

FOI ontem, ontem mesmo... Trinta anos passaram, Silvio tornou-se o grande sábio cujos trabalhos o mundo admirava e admirará sempre, abandonou os antigos sonhos literários, e nem mais um verso escreveu. Mas: todo esse tempo, nobremente, exaustivamente aproveitado para bem dos homens e para justa e radiosa glória do seu nome — não oculta, não empalidece sequer a imagem daquele poeta moço, ardente e inventivo, que trouxe ao lirismo português alguns temas e ritmos novos e renovadores, algumas emoções e pensamentos de rara, desconhecida ou desprezada beleza...

Vejo-o, evoco-o através de tudo quanto foi e que sei: mais tarde — professor insigne, investigador profundo, medico illustre — e é apenas como se a transparência de cristal limpíssimo me separasse das esperanças, das certezas, das maguas breves, e das puras alegrias da sua, da nossa juventude. Está longe esse passado feliz? Não importa. A distância em que o julgáreis perdido — não mo roubava. Esculpe-o definitivamente em formas imarcescíveis, reveste-o de eternidade. Dá-lhe o prestígio do escuro, e o sortilégio enlante das presenças imortais...

Na casa discreta e vasta onde morava Silvio Rebello havia, sobre a sua quasi silenciosa, um pequeno pavilhão coberto de trepadeiras. Ali compôs éle muitos dos seus poemas, e recebia os amigos mais dilectos. Era um suave refugio para as horas de estio, propicio á meditação e ao estudo na verde claridade amortecida, coada por geiosias, que o iluminava. Muitas vezes o animavam os entusiasmos dos companheiros e fiéis do poeta. A extraordinária vivacidade, a cultura excepcional que em plena adolescência logo adquirira, o poder cativante de simpatia que Silvio Rebello possuía em alto grau — exerciam visível e constante influencia sobre todos nós. Nin-

Silvio
Rebello
Apoeta
poeta
e
escritor
professor
da Faculdade



de Lisboa fallecido na Suíça. Uma das suas ultimas fotografias

guem lhe negava o primeiro lugar embora o lirico maximo fosse para ele Nunes Claro, que nunca desmereceu, aliás, dessa opinião consagrada. Mas a sua visão do universo, a sua sensibilidade exigente e forte, a originalidade de criterios e conceitos — que nunca o abandonaram perante os factos, realidades e possibilidades da existencia — criavam-lhe já então uma situação aparte. Foi em certos aspectos, um precursor. A pagina de prosa poetica, publicada na «Revista Nova» — que fundadora com Mayer Garção, Costa Carneiro, Nunes Claro, Fernando Reis e outros — sobre a maneira de ver e apreciar a paisagem, dá-nos como que a antecipação do criterio inédito que em vasta escala applicará mais tarde Jean Bruchas na sua «Geografia Humana».

UM POEMA DE SILVIO REBELLO

CARTAS LIRICAS

IV

No domingo de Pascoa, na Avenida,
Sob as acacias brancas a florir,
eu reatei o fio desta vida
que uma auzenca lamanha quiz partir.
Pudera vê-la apenas de relance
— dias antes — na rua do Alecrim.
Não me reconheceu... Porém descance
que o mesmo já me sucedêra a mim...
Porque a lembrança que de si guardára,
por exacta e por nitida que fosse,
era vulgar ao lado dessa rara
perfeição de beleza, triste e doce...
E do gesto ondulante de ternura
cuja harmonia sinto sem fixar,
— ficou-me n'alma apenas a frescura
que uma nuvem do céu deixa ao passar.
Aquela que acendia o meu desejo,
que eu tratava por tu de tanto a querer,
era imperfeita ao lado da que vejo
hoje, depois de a ter tornado a ver;
e a lembrança que tenho sempre amado
— e é isso o que alcança o seu perdão —
fez-se tão linda, que eu não sou culpado
de me ter enganado o coração.

Ora este bátilo doloroso, té isto
que a mim encheu de fé e de alegria)
veio a ressuscitar no mesmo dia
em que a igreja ressuscitou Cristo.
E sem imagens liricas, sem frases,
e simplesmente, só por ter sabido
voltar assim no tempo dos lizes,
— fico-lhe eternamente agradecido.
Mas, como lhe dizia, foi domingo
que eu a tornei a ver, e, na verdade,
basta-me bem; que eu num instante vingo
todos os longos meses de saudade.
E de olhos fitos no perfil airoso
que eu tinha á esquerda, quasi que a dois passos,

Quando a essência da poesia lirica em Portugal consistia ainda na inconcinnencia de lamurias, na melancolia sorna e na tristeza convencional — olvidados Antero e João de Deus, Cesario Verde e Eugénio de Castro mal interpretados e aceites sómente na sua acção exterior e formal — Silvio Rebello fez da sua Arte a afirmação e o lorvor sentimentais e ideologicos da vida. Sempre. Quasi sempre. Os rumos que depois d'ele tomou o nosso lirismo, se desejarmos sabê-los e explicá-los — aos poemas esparcos, relativamente pouco numerosos, nunca reunidos em volume, de Silvio Rebello, teremos de li buscar indicações e referencias preciosas.

Poeta, poeta de talento excepcional, Silvio abandonou a poesia para conquistar e servir e honrar a ciencia. Assim o exigiram, sem duvida, a insatisfação da sua alma e a consciencia do seu dever. Na sua obra de sábio revelou, porém, o mesmo fervor do lirico, o mesmo desejo de caminhar por caminhos não trilhados. Em ambas as manifestações da sua energia vitaliosa abriu horizontes de ignorado esplendor. E eu

não sei esquecer que essa atitude austera e cimeira é a atitude poética por excelência — a atitude de quem se evade dos limites da vida, para a exceder e transfigurá-la, para a sublimar despertando as suas forças de amor, de inteligência e de ideal...

JOÃO DE BARROS

★

No dia 16 publicavam os jornais que falecera na Suíça, onde se encontrava tuberculoso, o ilustre professor Silvío Rebelo Alves. Silvío Rebelo era um grande poeta, tendo colaborado na *Arte e Vida* e na *Revista Nova* que fundara e onde publicara uns versos *O Bom caminho* que revolucionaram, pela sua audácia, a arte de 1902, e um artigo de crítica-agressiva a Gomes Leal o que lhe motivava uma questão com Forjaz de Sampaio, então no começo da sua vida literária, questão depois esquecida e substituída por uma cordial amizade. Silvío Rebelo que nasceu no Rio de Janeiro em 1879 era então estudante de Medicina, faculdade de que depois foi catedrático, lugar conquistado por um brilhantíssimo concurso, em março de 1911. E Silvío Rebelo que não deixa um livro de versos legou a bibliografia médica muitos e importantes trabalhos.

Pode-se dizer que Silvío Rebelo, que, após um concurso brilhante, fora nomeado lente catedrático da secção médica da Faculdade de Medicina de Liebeca, em março de 1911, foi o reformador do ensino de Farmacologia, criando o respectivo laboratório, depois o Instituto e realizando ali estudos e experiências, que lhe mereceram um lugar entre os Príncipes da Ciência, no estrangeiro, onde os seus trabalhos passaram a ser citados.

No Instituto Bacteriológico Camara Pestana, que um sábio português dirigia — o alinda hoje chorado dr. Aníbal Betencourt — e seguindo os seus conselhos, encetou o dr. Silvío Rebelo os seus trabalhos de medicina experimental, que o deviam conduzir à farmacologia.

E, assim, apresenta, em 1910, o fruto desses trabalhos — a sua dissertação de concurso sobre bócio exoftálmico e soterapia tiro-tóxica. Foi aprovado nesse concurso, começando logo a reger não só farmacologia como também terapêutica médica, patentando sobejamente os conhecimentos que, com aturado estudo, adquirira. Pertencia a essa

— *ah! que prazer amargo e glorioso!*
tê-la ao alcance e longe dos meus braços!
o que eu ousei pensar naquêlle dia.
decerto nunca mo perdoaria: —
ínta coisa e tão pouca, que me esqueço
o que eu ousei pensar naquêlle dia.
A sua nuca já não tem segredos,
o seu puro perfil está violado,
e sei de cór um certo abrir de dedos
como um harpejo largo e compassado.
Na inclinação graciosa da cabeça
vi-a uma vez — foi a primeira — a rir;
e, se uma rosa abrisse láo depressa
o seu sorriso era uma rosa a abrir.
E, como se quedasse distraída
velando com as palpebras o olhar,
na argui-banalidade da Avenida
sentiu-se a Primavera soluçar.
Os olhos amorosos dos que dantes
mal se fitavam, tímidos, vencidos,
— falaram claro por alguns instantes —
... e andaram cheios de subentendidos.
Naquelas virgens secas e vaidosas
parou a fealdade numa pausa:
— quantos canteiros floresceram rosas
e quanta gente amou — por nossa causa!
E quantos, na alegria de viver
que a Primavera a todos comunica,
perceberam que é o beijo da mulher,
à luz do sol, que faz a noiva rica.
E que, embora a que amemos tenha alguém
que lhe dê o seu braço e o seu nome,
verdadeira justiça é a de quem
entrega a terra ao que tiver mais fome.
Ora, ao que monda o campo e sacha a vinha,
se não bebe e só tem boca que grite,
hai-de mostrar-lhe que essa terra é minha
pelo meu formidável appetite...

— *Deste exagero peço-lhe perdão...*
Se a minha frase a perturbou, descanse
que isto é como quem diz: — os astros são
para o olhar que tiver maior alcance...
Mas, perdando-o o exagero, pense-o
e repense-o; e calcule que decerto
nutto mais lhe falou o meu silencio
nesse domingo em que estiveis perto...
Pois dos meus olhos, permanentemente,
como uma força muda e soberana
nascia aquele enleto que se sente
e não tem nome na palavra humana...
E, dentre aquella multidão variada,
pretenciosa, anonima e banal,
alguém erguia uma alma immaculada

ao alto, pra perder de vista o mal.
Desde que a vi subir fiquel á espera
(tanto faz uma vida ou uma hora!)
— conto consigo, como conto agora,
que para o ano volte a Primavera.
E se ela não voltar, essa que ergui,
para ser livre, acima das estrelas,
— anda no mundo muito milhar delas
para eu saber chorar o que perdi...

21 — IV — 1903

SILVIO REBELO

in «Arte &
 Vida», n.º 1
 Novembro
 1903



Silvío Rebelo quando escreveu a poesia

pleiade de novos investigadores que ao ensino insuflaram sangue novo; professores Atlas, Vilhens, Celestino da Costa, Foi, depois, professor do Instituto de Hidrologia e Climatologia de Lisboa, até 1929, data em que nobremente pediu a sua demissão, por não concordar com a organização e realização do Congresso, que, então, se effectuou.

Representou, por varias vezes a Faculdade de Medicina; no Congresso Internacional de Medicina Militar, no de Fisiologia de Estocolmo, na Reunião da Sociedade de Biologia, no jubileu do professor Richet, de Paris; pertenceu á Comissão Nacional Portuguesa, que deviu fazer parte da União Internacional das Ciências Biológicas; foi encarregado pela Junta Nacional de realizar conferencias em França, Belgica e Alemanha.

Entre os muitos trabalhos que publicou, lembram-nos «A concentração hidrogonónica e a sua importancia em Biologia», que tem sido muito apreciado e «Helminthiasis e anti-helminthicos», de colaboração com os seus assistentes, os szs. drs. Toscano Rico e Gomes da Costa. São inumeros os seus artigos nos jornais «Medicina contemporânea», «Arquivos da Universidade de Lisboa», «Jornal da Sociedade das Ciências Médicas», «Arquivo de Medicina Legal», «Politecnica», «Arquivos do Instituto Bacteriológico», etc.

Ultimamente publicou a tradução e adaptação do notavel livro de Freudenlburg, «Bases de terapêutica medicamentosa», livro que prefaciou e anotou de maneira a poder-se considerar um livro novo.

Fôra também professor do Instituto de Hidrologia e Climatologia, lugar de que pediu a demissão em 1929.

Durante a Grande Guerra, foi major medico miliciano e director do hospital Militar Português em Hendaya.

Desempenhou o diffiil lugar de director do hospital Escolar e foi presidente da Sociedade de Biologia e da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais. Fazia parte da comissão de farmacopeia portuguesa.

Era socio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa.

Tinha a medalha do C. E. P. em França, a comenda da Ordem de Cristo, era cavalleiro officier da Corde de Italia, cavalleiro da Ordem de SS. Maurizio e Lazaro.

Era um artista, prosador, poeta, critico de arte, era um espirito moço e desmpeoira-do e era um sábio

EÇA DE QUEIROZ NO ESTRANGEIRO

Eça de Queiroz pertence já á historia da literatura portugueza como Zola e Maupassant pertencem á da literatura franceza, e «A Reliquia», a sua obra mais celebre, tem sido traduzida em varias linguas. Deveria sê-lo desde ha muito em francês, e o atrazo com o qual aparece nesta lingua seria triste para o amor-proprio dos nossos lusitanizantes, se não tivesse tido por causa obstaculos de ordem puramente comercial cuja responsabilidade pertence toda aos herdeiros e aos editores do romancista. E', infelizmente, bem certo que as duas literaturas de lingua portugueza são ainda muito insufficientemente conhecidas entre nós; mas, no que diz respeito a Eça de Queiroz, os letrados francezes que as estudam não merecem sombras de censura: desde ha muito que eles preparam os leitores para escolher com a attenção que merecem as obras desse grande romancista. E eis, enfim, «A Reliquia» traduzida integralmente pelo sr. Georges Raeders, de quem podemos esperar com confiança outras interpretações de obras literarias e brasileiras, e que toma assim lugar, e um lugar muito honroso entre a pequena falange dos nossos lusitanizantes.

A bem dizer, nem elle nem eu pensamos que «A Reliquia» deva ser considerada como obra prima de Eça de Queiroz e como o livro que, representando-o duma maneira completa, dispensaria aqueles que querem conhece-lo e aprecia-lo da leitura dos seus outros romances, e em particular de «Os Malas». Mas, importava que «A Reliquia», por motivo mesmo da sua celebridade internacional, fosse o primeiro a tornar-se accessivel aos leitores francezes. Para mais, encontrar-seão all todas as qualidades e tambem os defeitos que caracterizam Eça de Queiroz como estilista, como narrador, como pintor e critico dos costumes, e como interprete da vida. Ignoro toda a litteratura critica que acolheu «A Reliquia» e que a acompanhou á medida que a sua reputação se estendia e fixava; mas suponho que esse livro deve ter encontrado uma viva opposição da parte de muitos espiritos religiosos, sobretudo em Portugal e nos outros países catholicos. Deverá tê-lo accusado de pôr á disposição dum publico numeroso e sob uma forma deversas agradavel, o agnosticismo que prevalecia naquella época entre as «elites» intellectuais da Inglaterra, da Alemanha e da França, agnosticismo que ora, então, a posição pessoal de Eça de Queiroz perante o sentimento religioso e as suas manifestações. Mas seria esse um ponto de vista

bem estreito; seria fazer desse livro uma obra de propaganda quando elle está bem longe e bem acima de qualquer attitude apologetica e sabido que a satira, que que constitui um dos seus elementos, não é posta ao serviço de nenhum partido.

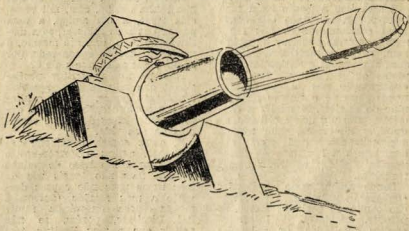
Essa satira, com effeito, atinge quasi todas as personagens e todas as situações que nos são descritas. E' uma critica implacavel e clarividente da sociedade que descreve e da imperfeição humana em geral. Porque é preciso não perder de vista que o romancista portuguez, se nos mostra tipos da sociedade portugueza do seu tempo, nunca sacrifica o interesse humano á côr local, e que, por outro lado, entre os dois momentos historicos dessa sociedade que nos mostra—o conflito de duas gerações, a opposição entre uma burguesia de antigo regime, monarchica e teocratica, tal como as ordens religiosas e em particular os jesuitas a tinham formado e rematado no seculo 18, e os filhos dessa mesma burguesia tais como o espirito anti-religioso e liberal do seculo 19 os modelara—Eça de Queiroz não toma nunca partido.

A velha burguesia do antigo regime, que dona Patrocínio das Neves representa, só aparentemente é mais maltratada do que a nova geração livre-pensadora representada pelo seu sobrinho Teodorico Raposo: sem duvida, a religião «estatica», sem ardor nem caridade, sem esperanza, nem fé verdadeiramente vivas e inspiradoras de obras, essa religião petrificada na rotina das praticas exteriores que é a dona Patrocínio das Neves impõe ao sobrinho, ter qualquer coisa de odioso e de repugnante; mas a revolta secreta e a hipocrisia sis-

tematica de Teodorico, e mais ainda a balizeza das suas aspirações de burguez «liberal» e descrente, sensual e materialista—as caracteristicas do burguez desprezado maldito e vilipendiado pelos romanticos—impedem-nos de lhe conceder essa simpatia, de leitor ou de espectador, pela qual nos identificamos mais ou menos com o heroi dum romance ou duma comedia. Ora, é bem isso o que pretendeu Eça de Queiroz, e ver-se-á com que habilidade soube repartir a nosea antipatia, em quantidades iguais, entre a velha beata e o jovem burguez baixamente cupidio e estroina. Seria bem diferente se vissemos quer um vivo sentimento religioso da tia, quer uma revolta declarada no sobrinho, e a comedia transformar-se-ia em drama se os dois elementos apparecessem reunidos. De facto, o interesse substitui-se á simpatia, na medida em que o autor soube interpretar com força e nitidez a vida que tinha diante dos olhos.

A obra apresenta a bela disposição dum triptico cujos panos exteriores pertencem pela técnica e a materia, ao genero picaresco atenuado e enriquecido menos exteriormente comodo e mais penetrado de consciencia, que é a forma em que Eça de Queiroz parece ter-se exprimido mais á vontade, com uma maior amplitude e uma maior arte.

O pano do meio é de todo diferente: é uma «viagem no passado», uma dessas grandes reconstituições historicas—aquí, evangelica—que os progressos da arqueologia inspiraram a alguns dos melhores romancistas do seculo 19. Bem entendido, esse sobrinho não é mais que a transposição litteraria dos trabalhos arqueologicos que tornam possíveis



Como a Polonia responde a todas as questões que tratam do Corredor
(Do Kladderadatch)

essas reconstituições, tanto em literatura como em pintura; e é de toda a evidencia que a personagem de Topsisus só foi imaginada e introduzida no romance para justificar, poeticamente, esse vasto quadro de historia. Notar-se-á, aliás, que Topsisus, no fim desse sonho, se transfigura e, de personagem comico de romance pitoresco que era, torna-se por um instante o sabio inspirado e sublime, ou antes a propria ciencia tal como o seculo 19 a concebia. E assim «amende honorabile» é feita á Alemauha erudita, um pouco gratuitamente ridicularizada na pessoa de Topsisus. Quanto a peça em si mesma, pode dizer-se que suporta a comparação com Flaubert e que, por outro lado, anuncia as magnificencias das «Figuras da Paixão» do

Senhor», de Gabriel Miró.

A presente traducção, muito escrupulosa, não deixa nenhuma obscuridade no sentido do texto; tudo foi exactamente trasladado pelo sr. Georges Raeders, Coutudo, o leitor de Eça de Queiroz que não conhece Lisboa, e particularmente o leitor de «A Reliquia» que não visitou a Palestina, terá vantagem para melhor seguir a marcha do relato, em consultar planos e mapas. E, com effeito, trata-se dum escritor que, a despeito da sua vasta cultura cosmopolita, soube conservar-se muito nacional para escolha dos meios, das personagens e dos sitios que descreve.

«A estas considerações, muito e talvez demasiado gerais — mas possam elas chamar a curiosidade de alguns leitores francezes para

as riquezas das literaturas de lingua portugueza! — acrescentarei apenas uma indicação que o tradutor não podia fornecer e que teria mais cabimento numa introdução: o nome de familia de Teodorico «Raposos» tem um sentido e corresponde muito exactamente aos nomes de familia francezes «Renard» e «Le Renard», com a mesma ideia de finura astuciosa que se liga, em Portugal como em França, á raposa, ao Goupil, ao heroi do «Roman de Renart».

VALERY LARBOUD

Este artigo é o prefacio do livro de Eça de Queiroz a aparecer brevemente em Paris. Publicou-o o *Diário de Notícias* na traducção do sr. correspondente naquelle cidade sr. Paulo Osorio.

O ROMANCE, A FICÇÃO E A VERDADE

Ha tempos, fizeram-me, como a muitos outros escritores, e seguindo a moda actual dos inquéritos literarios, a seguinte pergunta:

«Devo ou não mentir um escritor?»

Que importancia tem isso?...

A unica virtude admissivel para o escritor é o crédito da narrativa, posto a mentira ocupe tambem lugar importante, como na propria vida... Como viver na sociedade, sem disfarce, delicadeza e ficção?

★ ★ ★

A ficção apresenta sempre, mascarada, conscientemente ou não, a decoraçáo da existencia real, tal como ella existe na nossa imaginação.

Mentira e Verdade andam, na vida, de mãos dadas.

A linda máscara a Historia muitas vezes. De importantes acontecimentos e pessoas celebres conhecemos apenas o que se diz.

E será isso a ficção ou a realidade?... A realidade que escritores contemporaneos nos ensinam, conforme puderam ou quizeram, depende muitas vezes das suas admiracões e antipatias, suspeitas ou excessivas. Nenhuma confirmação nos é permitida; temos sómente o reflexo da opinião do escritor. Basta ler a descripção, feita por dois escritores, de opiniões diferentes, dum mesmo acontecimento actual para encontrarmos a incerteza do testemunho. Tudo se contradiz nesses trabalhos.

Sendo assim, como pretender conhecer a natureza, a significação occulta ou real dos factos, as paixões, ambições e interesses occultos suscitados ou animados pelos acontecimentos, pelos caracteres do Passado?... Como preten-

der, sobre tudo, conhecer essa verdade?... E se o escritor é imparcial, como saber se o é e se não se engana inconscientemente?

Toda a Historia, salvo a cronologia (e ainda quantas datas estão sujeitas a duvidas?), tem um pouco de romance. Verdadeiro?... Nem mais nem menos do que os outros, os romances dos romancistas.

★ ★ ★

Todos os bons romances são verdadeiros. Como na Historia, tambem nos romances a Verdade e a Mentira se misturam para exprimir os diferentes aspectos da Vida.

Apresentam-nos, estes bons e verdadeiros romances, a realidade dessa mesma Vida?... Sim e não. Pintam-na mas não a fotografam.

★ ★ ★

«A minha vida é um romance... se a contasse, a Você, que escreve...»

Não há escritor profissional que não tenha ouvido, cem, mil vezes, esta frase, a um amigo, a uma pessoa das suas relações, sem distincção de sexo, (ou, até mesmo, a um desconhecido, encontrado, por acaso, e que saiba quem ele é?

Não há ainda escritor profissional que não tenha recebido numerosas cartas, onde, conhecidos e estranhos, lhe contam, detalhadamente, os dramas e comédias da sua vida.

E, essas cartas, concluem, geralmente, assim: «Ofereço-vos o enredo para um livro de paixão intensa mas não façais uso do meu nome para não causar desgosto a meu marido (outros, a minha esposa ou minha familia). Dizel-me, porém, se não achais que o meu Destino, tem sido verdadeiramente excepcional, extraordinario, amoroso?

Amoroso, sim... mas, sómente, a maior parte das vezes, para aquele ou para aquella que o viveram. Numerosas pessoas são victimas da deformação do seu «Eu», da sua propria mentalidade. As alegrias e dores, tudo quanto se passou, tem, para elas, um valor que nada pode alcançar julgando sinceramente que o seu romance é superior a todos os outros e marca uma data na historia passional da humanidade.

Esses seres sorriem e encolhem os ombros se algum lhes diz que o seu romance é o romance de quasi todos e que a sua vantagem é, apenas, igual a muitas outras que fazem parte das aventuras humanas.

Não acreditam nem querem ver, ciosos do romance que a Vida e a Ilusão lhes fez criar, que os vizinhos, os amigos, a maior parte dos seres que existem sobre a terra, conheceram, tambem, as mesmas alegrias e dores, apenas com outras máscaras e condições externas, mas segundo os impulsos da carne e do coração que são constantes, ainda que tudo mais se modifique...

★ ★ ★

É certo, porém, que estes romances intimos apresentando encantos para aqueles que os viveram e sentiram, só, raras vezes, agradam aos outros quando contados, apenas, com Verdade.

Porque?... Porque a Verdade e a ficção jámais poderão ser identicas. A Verdade ou vai perto ou... muito longe... Torna-se banal porque é mesquinha, terna, insufficiente, abusando de repetições e incercencias (não confundir com contradicções!) e poucas pessoas se assemelham, poucas pessoas deixam de hesitar ou transi-

gir com os seus desejos e vontades.

Sim, a verdade é banal porque é excessiva. Simultaneamente pitoresca e patética, com tanto efeito dramático e singular, julga-se a obra, narrativa, uma invenção e o leitor recusa-se a seguir com credulidade as peripécias inverosímeis duma intriga estravagante.

Refiro-me aqui, é preciso compreendê-lo bem, aos escritos que têm a ambição de reflectir, mais ou menos, a Vida... Pois bem, repito, a Vida e o romance não são idênticos. Adapta-se a Vida ao romance para conseguir um resultado interessante, uma obra que emocione os leitores, que os prenda, que os divirta, numa palavra, que lhes agrade. «É preciso agradar»—disse Molière. Sim, sem isso para que serve escrever, para que serve publicar?

★ ★ ★

Para agradar, mais uma vez o

digo, é preciso ser acreditado e verdadeiro, ou, pelo menos, parecer verdadeiro.

E o escritor que nada concede à inverosimilhança duma aventura ou à insuficiência duma explicação, não consegue agradar intelualmente ao publico que o lê e que passa a vêr nele apenas um leigo dirigente da consciencia.

São numerosos os leitores e leitoras que pedem conselhos sobre as suas emoções, tristezas, receios, sobre o seu «caso» sentimental.

O que se dá no sentimento dá-se no dominio da medicina.

Não há mais amourosos típicos do que doentes típicos. Há doentes... ha apalxonados...

Para acabar, vou-lhes contar uma aneddotica:

Um rapaz que desconheço e me indicava o nome, idade, apparencia fisica, situação social e direcção em Paris, escreveu-me ha alguns meses para «Le Journal», com uma incontestavel sinceridade,

pedindo-me a mão duma infeliz rapariga que era a personagem dum dos meus contos. «Ele é muito verdadeiro e, portanto, é impossível que o tivesse inventado»—dizia o meu correspondente. Estou certo de que a infeliz existe e peço que me dê o seu nome e direcção. As minhas intenções são honestas; desejo desposá-la... Fazê-la minha companheira e animá-la, visto que tanto tem sofrido...

Espero que este rapaz, apaixonado por uma desconhecida, criada unicamente pela minha imaginação, se tenha conformado com a realidade quando recebeu a minha carta a dizer que Ella não existia...

Sim, de facto, é preciso escrever com «verdade» o que nem sempre verdade é.

FRÉDÉRIC BOUTET

(De O Primeiro de Janeiro do Porto)

Academia das Ciencias de Lisboa

A actividade mental desta gloriosa fundação, quasi bi-centenaria, corresponde uma repercussão que a despeitudo um longo e recolhido silencio. Esse rejuvenescimento commoção nas presidenciaes do dr. Julio Dantas, fixado nas santissimas festas jublares (1929) e continuado com o secretariado da classe de Letras por Joaquim Leitão, actual secretario geral, exprime-se eloquentemente neste contraste.

Em 1915 a sessão solene que comemorou os centenários de Ceuta e Albuquerque, foi presidida pelo chefe do Estado, assistida pelo Governo, corpo diplomatico e muita gente grada. Teve a memoranda noite oradores academicos de primeira grandeza: H. Lopes de Mendonça, Bramcamp Freire, Almeida Lima, Antonio Baião, Baltazar Osorio. Pois, o *Diario de Noticias*, dando-lhe um espaço desusado, relatou tudo em pouco mais de uma columna, na 4.^a pagina.

A ultima sessão da classe de Letras, em que o dr. Queiroz Veloso fez a comunicação sobre o *Casamento do Cardinal-Rei D. Henrique*, era tratado pelo *Diario de Noticias*, na sua 1.^a pagina. Este é hoje o tratamento que a Imprensa dá á vida da nossa Academia, o que traduz que a douta corporação é um assunto da vida portuguesa.

No mês de Maio cumpriu a sua fabeia das sessões: duas da classe de Ciencias, em 5 e 18 de Maio, duas da classe de Letras, em 11 e 25, apresentando communicações, na primeira, os srs. Prof. Charles Lepierre, Hugo Mastbaum, prof. Sousa, da Camara, prof. Ferraz da Carvalho, dr. Ernest Fleury, A. Luisier, dr. Egas Moniz; e na segunda, os srs. prof. João da Silva Cordeira e dr. Queiroz Veloso.

Temos o prazer de essas communicações publicarmos, no presente numero, a do notavel naturalista A. Luisier. Os nossos conhecimentos actuals so-

bre a flora biologica da Madeira, e a do eminente academico dr. Queiroz Veloso, que atingiu foros de sensacional — O *casamento do Cardinal-Rei D. Henrique*.

A proposito deste trabalho, disse o presidente da Academia que as communicações do dr. Queiroz Veloso eram do mais valioso, inedito e seguro documento da historia portugueza, na segunda metade do seculo XVI.

Mas além do trabalho das classes, a Academia ostenta ainda os seus valores e a sua admiravel actividade na sua recente e já gloriosa criação *Instituto de Altos Estudos*. O consagrado

autor da *Historia Economica de Portugal*, prof. Francisco Antonio Cordeira, produziu um magistral trabalho em duas lições, 17 e 22 de maio, sobre *Os tratados de comercio e a classula da nação mais favorecida*, debatido assunto da mais flagrante actualidade.

Os poderes do Estado, como a Imprensa, acompanham a vida da Academia, como ela merece. Assim, um decreto com força de lei, de 15 de maio, restitui á Academia das Ciencias a velha e estatutaria prerogativa de livre nomeação dos cargos academicos remunerados, estabelecendo que a proposta ao Governo do seu pessoal admi-



nistrativo, técnico e menor será da competência do presidente da Academia, com voto favorável do conselho Administrativo e sanção da assembleia geral. E o mesmo decreto reconhece ao presidente da Academia a competência disciplinar sobre esse pessoal, conferindo ao conselho Administrativo atribuições de conselho disciplinar.

Outro decreto, de 17 de maio, incluiu entre as publicações de alta cultura, cujas edições a Imprensa Nacional promoverá, as da Academia, que resolveu, em assembleia geral, continuar a interrompida e notabilíssima serie das suas *Memórias*.

ÍNDICE

Como expressão de vida, a Academia acaba de publicar o *Anuário Académico* de 1933, cujos serviços se aquilatham pelo

Membros do Conselho Directivo e Administrativo; Ordem das sessões em 1933; Socios efectivos em 1 de Janeiro de 1933; em 1 de Janeiro de 1933 segundo classes e sessões; de Merito; efectivos supernumerarios; Emeritos;

correspondentes nacionais da Classe de Ciências; correspondentes nacionais da Classe de Letras; associados provinciais da Classe de Ciências; da Classe de Letras; socios correspondentes brasileiros da Classe de Ciências; da Classe de Letras; alemães da Classe de Ciências; alemães da Classe de Letras; argentinos da Classe de Letras; austriacos da Classe de Ciências; belgas da Classe de Letras; espanhóis da Classe de Ciências; italianos da Classe de Letras; franceses da Classe de Ciências; franceses da Classe de Letras; ingleses da Classe de Ciências; italianos da Classe de Letras; latinos da Classe de Ciências; portugueses da Classe de Ciências; suíços da Classe de Letras; uruguayos da Classe de Letras; Elições e transferencias. Eleição de socios de Merito em 1932; Eleição de socios efectivos em 1932; Transferencias de Classe; Eleição de socios correspondentes nacionais em 1932; estrangeiros em 1932; Académicos falecidos em 1932; Socios correspondentes nacionais que figuraram no *Anuário Académico* de 1933 porque se depois houve noticia do seu falecimento;

Socios correspondentes estrangeiros que figuraram no *Anuário Académico* de 1932 porque se depois houve noticia do seu falecimento; Trabalhos Académicos em 1932; Elogios historicos no ano de 1932; Publicações Académicas no ano de 1932; Premios Literarios; O Instituto de Altos Estudos em 1932; Biblioteca de Altos Estudos; Correção; Notula.

Nesse enunciado se surpreende toda a organização do *Anuário Académico* de 1933, que vai no segundo ano, e se deve á iniciativa do secretario geral, sr. Joaquim Leitão.

Muito logicamente a este resurgimento intra-murca, a Academia projecta, mais dia menos dia, de alargar a sua vida de relação inter-academica, com as suas irmãs estrangeiras.

Pelo pouco que o insignificante presidente, sr. dr. Julio Dantas, disse na ultima sessão da Classe de Letras, se pode inferir, através da elegante discrição de s. ex.^a, que a brilhantissima paragem por Madrid do primeiro escritor português de hoje trará á Academia esse necessario e precioso convívio com o mundo académico europeu e, sobretudo, latino.

Bibliotecas e museus municipais de Lisboa

Desenvolvimento do seu tesouro bibliografico. — Um decreto justo. — Novas bibliotecas municipais. — A criação do novo pelouro cultural. — A acção da comissão administrativa

Admirável o incremento que Joaquim Leitão, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Municipais de Lisboa, tem dado aos serviços que lhe foram confiados e superiormente dirige.

A Biblioteca Municipal Central de Lisboa, que elle recebeu com o modestissimo recheio de 16.000 volumes, conta hoje 57.000 volumes, ou seja um aumento de 41.000 volumes em menos de três anos de cargo.

Por boa influencia de s. Ex.^a o embaixador em Lisboa, o Brasil está enviando obras para a criação dum «Sela Brasil».

E que por sua vez a Ex.^a Comissão Administrativa está comprazida da necessidade de alargar os seus serviços de cultura, provam-no dois factos. O primeiro deduz-se do texto do decreto que, pela pasta da Instrução, foi publicado esta mês e que dá á Biblioteca Municipal de Lisboa o direito de opção nas lides de especies bibliograficas, estampas, mapas, etc., em especial á vida e historia de Lisboa.

De o sr. Joaquim Leitão pediu a s. Ex.^a o ministro da Instrução — que tambem tem patrocinado a Biblioteca Municipal de Lisboa — esta providencia é porque sabe que a pode aproveitar, quer dizer, é porque sabe que a Ex.^a Comissão Administrativa lhe aprova e verba de aquisição.

A incansavel acção de Joaquim Leitão encontra, pelo que se vê, apoio do presidente sr. coronel Henrique Linhares de Lima, cujo espirito superior superintende esses serviços e que, sob todas as formas, está na presidencia do primeiro municipio do País — prestando serviços que não são menores

do os que á Nação prestou quando ministro da Agricultura.

E que a actual comição que governa o nosso municipio tem homogeneidade, unidade de vistas, a mesma elevação de criterio e entusiastica boa vontade de bem servir, demonstra-o o apoio que, decreto, está dando o vereador do pelouro das Finanças, sr. Alvaro Nunes Frade. Tendo estabelecido um plano orçamental, nos moldes do orçamento do Estado, o sr. Alvaro Frade não é um espirito estreito de contabilista, mas homem de ordem, que a ordem impõe por onde pesa, sem mesquinhar, antes olhando e tornando viaveis os problemas de cultura.

O segundo facto que vem a provar quanto anotamos resalta da noticia da ultima sessão publica da comissão administrativa, a criação de uma biblioteca em Alcantara.

E' a Ex.^a Comissão Administrativa a praticar os bons principios, indo ao encontro do povo, que não deixará de entender que as «élites» lhe estendem, enfim, os braços, numa politica de colaboração de classes, rechazando a politica de governo contra classes.

Mas um magno facto ha ainda a assinalar — a proposta de criação do Pelouro Cultural, do prestimoso vereador e muito illustre arqueologo, sr. Luiz de Macedo.

Comecemos por a reproduzir na integra:

«Na sessão de 11 de Maio de 1933, da comissão administrativa da Camara de Lisboa, o sr. Luiz Pastor de Macedo apresentou uma proposta, a muitos titulos notavel, da criação do Pelouro dos Serviços Culturais.

Publicamos a seguir a proposta e os considerandos que a fundamentam, reveladores da cultura do seu autor e apaixonado e um estudioso desta Lisboa de que tantos desdenham e dizem desprezar, e a todos acclhe... sorridente.

Ex.^a sr. presidente e meus ex.^{mos} e prezados colegas:— O assunto força-me a falar nos afastados tempos da primeira idade do concelho de Lisboa e a seguir, embora de longe, a evolução dos serviços municipais. Prometo porém tomar a v. ex.^a apenas o tempo indispensavel para justificar o fim da minha exposição.

Naquelles primeiros tempos do concelho, sem distincção, segundo parece, confiava-se a administração municipal a três homens: bons da vida, que tomavam o titulo de alvaris, titulo que mais tarde, no reinado do senhor D. Afonso IV ou no seguinte, é substituído pelo de vereadores. A tarefa da substituição da forma de designar não a encheitai ainda, no entanto verificou, através de documentos interessantes, que os seculos e os incendios pouparam, que por esse tempo, como era de esperar, já os serviços municipais se apresentavam dentro de certas formulas rígidas, embora o numero de administradores da municipalidade seja o mesmo que o primitivo e apenas com a differença, aliás notavel, de ser a vereação já assistida pelos quatro representantes das corporações, que, de baixo da designação de mestres «lembravam e requeriam em Camara as cousas do bem publico e do povo das».

Pela carta régia de 1 de Fevereiro de 1509, estabelece-se pela primeira

vez a distribuição dos serviços por pelouros. Tratavam eles: das carnes, da limpeza, das obras e da execução das penas e feitos, pelouro este que alguns anos depois passou a ser chamado de almotaçaria. Por esta distribuição parece dever chegar-se à conclusão de que eram então já quatro os dirigentes dos serviços, porém, só em 1523, pela carta do sr. D. João III, datada de 8 de Junho, é que se obtém a certeza de que o Município passou a ser administrado por aquele número de vereadores.

Mas Lisboa, que antes da conquista cristã ultrapassara já a muralha moira, três séculos e meio depois ultrapassou a muralha fernandina, tendo continuado depois a engrandecer-se e consequentemente a exigir um melhor serviço municipal, além de que a evolução dos tempos impunha automaticamente novas obrigações aos senhores da edilidade. Assim, pouco depois dos meados do século XVI, os quatro vereadores passam a ter um presidente e o número dos pelouros é acrescido com o da provedoria-mor da saúde, antepassado dos actuaes serviços de hygiene. Mas o progresso natural continuava a exigir o alargamento da esfera de acção da Câmara, e quarenta anos passados, cria-se um novo pelouro que tinha como função regular o abastecimento e a venda de trigo na capital, resultando da inovação a entrada de mais um vereador, que ficou dirigindo superiormente o funcionamento do antigo e atarracado Terreiro do Trigo, da Ribeira de Lisboa.

O tempo ruiu e contaram-se mais de cem annos, sendo de boa lógica admitir-se que durante esse longo periodo os serviços do Senado Municipal, aperfeiçoamento e desenvolvimento que, aliás, não se traduzem no aumento do numero de pelouros. A organização base dos serviços continuou, portanto, sendo a mesma até que o papa Clemente XI, em sessão na divisão do arcebispo de Lisboa e satisfazendo assim os desejos do magnanimo monarca do século XVIII, oferece a este a oportunidade de dividir a capital do reino em duas cidades e, por consequente, em dar-lhe duas administrações municipais, cada uma com um presidente e três vereadores, numero que depois foi aumentado, segundo se pode deprender da letra de alguns documentos existentes no arquivo desta ex.^{ma} Câmara.

O sonho do senhor D. João V tornou-se, pôs uma realidade, mas esta tornou-se depois um sonho realizado e desfeito, quando ao chegar o anno 1741 chega tambem a abolição da divisão eclesiastica da cidade, passando Lisboa a ter outra vez um unico organismo municipal, governado talguemmente como outrora, isto é, por um presidente e seis vereadores, mas aprendendo como novidade o pelouro da Chancelaria em substituição dos serviços de limpeza que se ligara as das obras.

O terramoto de 1755 esbarrona Lisboa e o incendio subsequente devora-a. Porém, nesta emergência desoladora, revela-se o homem de acção rapida e intelligente, e, desentelhando primeiro a cidade, fazendo depois traçar o seu

A situação politica á conferencia economica



Ja vos esperava, querida! Entraí e sentaívos

(Le Rire, Paris)

novo plano e começando imediatamente a sua reconstrução, vê-se obrigada a intervir directa e constantemente na administração municipal, razão por que vemos os serviços continuarem a ser dirigidos pelo mesmo numero de vereadores, quando as circunstancias anormais talvez exigissem o seu aumento, e quando a triste realidade parecia indicar a reorganização dos serviços, uma vez que a cidade nova, em projecto, decahiria naturalmente uma copiosa serie de posturas, regulamentos, etc.

Expirando o século XVIII, poucos passos dados. Lisboa vive horas angustiosas ao ver os exercitos de Napoleão tomarem o Governo da cidade, e depois, logo após a retirada do invasor, vive as horas desvairadas que a politica do tempo lhe proporcionou. Como se poderia então pensar a serio numa reforma dos serviços municipais, embora a alteração dos costumes impuzesse novas responsabilidades á administração cittadina?

Mas a reforma veio, ou melhor, as reformas chegaram. Pela carta de lei de 27 de Julho de 1832 determina-se que a Câmara Municipal de Lisboa seja dirigida por nove vereadores, quatro annos depois eleva-se o numero a treze, em 1840 reformam-se profundamente os serviços e em 1852 é aumentado para dezasseis o numero de dirigentes municipais. Por esta ultima reforma ficaram existindo os seguintes pelouros:

- 1.º Da fiscalização e administração da Fazenda, regulamento interno da do antigo pelouro da almotaçaria.
- 2.º Do Contencioso.
- 3.º Da inspecção dos cais e prais, tramagalho e donativo.
- 4.º Dos mercados, que apparece já na organização antiga.
- 5.º Da iluminação, da reforma de 1840.
- 6.º Da observação das posturas municipais, tambem desdobramento do antigo pelouro da almotaçaria.
- 7.º Da limpeza, da organização primitiva.
- 8.º Das aguas livres, fontes, etc.
- 9.º Dos cemiterios, da reforma de 1840.
- 10.º Dos matadouros, da organização primitiva, então de baixo da designação de pelouro das carnes.
- 11.º Da viação e canalização de despejos,

12.º Dos planos de embelezamento, planta da cidade, projectos de edificação e das mais obras de arquitectura.

13.º Das construções e demolições, que supozio ser uma ampliação do primitivo pelouro das obras.

14.º Dos passeios publicos e jardins, da reforma de 1840.

15.º Dos incendios, da reforma de 1840.

16.º Das escolas municipais de artes e industria e da beneficencia.

Desde 1852 até aos nossos dias, outras reformas se têm feito, as quaes me dispuzo de apontar por serem de uma maneira geral do conhecimento de v. ex.^{sa}.

A resenha, portanto, finda aqui. E'a serviu sómente para apresentar sucinta e despretenciosamente o quadro da evolução dos serviços municipais e não um estudo sobre esses mesmos serviços, estudo, aliás, muito interessante, mas que me obrigaria a contender com a indulgencia dos meus ouvintes.

Apresentado o quadro, sem intuito escarpelizador, lógrámicam nesses primeiros tempos da Lisboa cristã a administração do concelho feita por três homens bons; accompanhados o desenvolvimento dos serviços municipais através do numero de vereadores e da denominação dos pelouros; adivinháveis a inflexibilidade dos alvazs medievais, as congeminações dos varios reformadores dos serviços; verificamos, como não podia deixar de ser, que o Município de Lisboa accompanhou sempre a evolução dos tempos, e chegámos ao anno de 1852, anno em que se nos depara a grande divisão dos varios ramos de acção municipal, a qual, denota o perfeito conhecimento que o autor ou autores da reforma tinham dos serviços.

Hoje, determinada tambem pela evolução natural dos tempos e ainda por se ter iniciado um periodo de renovação municipalista, impõe-se uma nova reforma dos serviços municipais, impozição, que, aliás, a actual comissão Administrativa já verificou ser de attendor, nomeando uma comissão para estudar este importantissimo assunto. E uma vez que elle está sendo tratado, eu aproveito a oportunidade que se me oferece, apresentando a v. ex.^{sa} a presente exposição, que tem em vista mostrar a necessidade de se criar um pelouro de serviços culturais, o qual, além das funções que, mais adiante apontar, serviria tambem para concentrar todos os serviços já existentes nesta ex.^{ma} Câmara, que se relacionam com a Arte, com a Instrução e com a estetica da cidade.

E apresentando a v. ex.^{sa} a conveniência da criação dum pelouro desta natureza, conservo-me dentro das tradições desta ex.^{ma} Câmara, que desde épocas remotas e ainda por determinar, exerceu funções de caracter cultural de harmonia com as exigencias da cidade. Assim, era esta Câmara que autorizava e regulava o funcionamento das escolas de instrução preparatoria, e que depois, por disposições de ordem geral, foi a fundadora e a mantenedora de muitas dessas escolas e de outras de caracter industrial e artistico; tambem através de varios documentos, se verifica o interesse que

ela dispensou as letras, como, por exemplo, ordenando a 1.ª Imprensa da 4.ª Década da Asia, fazendo reimprimir a 1.ª, a 2.ª e a 3.ª Décadas de João de Barros, tudo isto nos principios do seculo XVII, e promovendo ultimamente a publicação dos elementos para a historia do Municipio de Lisboa, obra notavel que fez salientar os privilegios e prerrogativas que adornam a vida municipal desta cidade; e através desses mesmos documentos, se verifica tambem o interesse que a Arte lhe interessa e que era traduzido pela aquisição de muitas esculturas e de multissimas telas, algumas valiosissimas, que por infelicidade se consumiram nos incendios, ou foram vendidas em leilão não ha muitos anos ainda.

Mas o pelouro da Instrução deixou de existir, a acção do quadro de architectos reduziu-se, e hoje, lembrando os serviços culturais da Camara de Lisboa, existe um conselho de Arte e Architectura, composto por um presidente e três vogais, uma biblioteca em formação, um museu que algum dia poderá vir a ser um museu olisiponense e um arquivo espalhado criminosamente por varios locais e, por conseguinte, sem poder estar debaixo dum regulamento rigido, como conviria.

Estes serviços, sem desprimor para os funcionarios seus dirigentes, pois nem sequer os julgo responsáveis pelo seu estado, encontram-se numa palavra, dentro de uma organização deficitissima.

Sr. presidente e meus prezados colegas: Decorre o segundo quartel do seculo XX e com ele a marcha do resurgimento nacional, pelo que, o Municipio da capital da Nação tem um importante papel a desempenhar neste periodo que ha-de ficar vincado na historia Patria.

A reforma dos serviços, pois, não só terá de ser feita de molde a satisfazer todas as exigencias actuais, como tambem de maneira a prever o futuro, ordenando a formação de um nucleo para lançar um movimento que tenha por objectivo a unidade do pensamento dos municipios. E atendendo a esta circumstancia é que me parece tambem indispensavel a criação de um pelouro

de serviços culturais, o qual, satisfazendo em parte as exigencias municipais da epoca, teria tambem como finalidade a preparação do futuro, divulgando pelos meios ao seu alcance a excelencia da doutrina municipalista.

Seriam funções do novo pelouro: Regular as funções do Conselho de Arte e Architectura e dotá-lo com os meios indispensaveis para poder responder a exigencia de um maior rendimento dos seus serviços.

Estimular o gosto pela Arte e pelas Letras, auxiliar os artistas necessitados, adquirindo, por encemenda, as suas produções, e distribuir premios nos melhores trabalhos literarios de caracter olisiponense—ou que de qualquer maneira interessem a cidade de Lisboa — apresentados durante periodos a fixar.

Formar um fundo especial de topografia na Biblioteca do palacio Galveas.

Fundar bibliotecas municipais nos bairros populosos da cidade.

Transformar o Museu Municipal em Museu Olisiponense.

Crear outros museus tambem de caracter olisiponense, como sejam aqueles que ofereçam ao publico a reconstrução dos interiores das casas alticainhas em varias epocas.

Fundar o arquivo Historico Municipal e estabelecer o seu funcionamento.

Promover a publicação dos preciosos documentos medievais que estão na posse desta ex.ª Camara.

Preparar e promover a realização de congressos municipalistas.

Crear o Conselho de Estetica Urbana e regular as suas funções.

Estabelecer parques infantis.

Lançar as bases, de acordo com o Conselho Nacional de Turismo, para se estabelecer um serviço turistico em Lisboa, não só para estrangeiros, como tambem para nacionais.

Fazer reviver as festas populares, pois que sempre foi uma função municipal fazer divertir o seu povo.

Fazer desesombadamente a propaganda dos principios do Nacionalismo, uma vez que a actual Commissão Administrativa deseja e quer renovar, na sua esfera de acção, o espirito localista.

Senhor presidente e meus prezados colegas: Em nome da Arte, da Estetica cidadã, dos principios nacionalistas e dos interesses desta Cidade, chamo a attenção de V. Ex.ª para a conveniencia de ser criado o pelouro dos Serviços Culturais.

Não passou nem podia passar despercebida esta proposta do sr. Luiz de Macedo. E' dos serviços maiores que, nas ultimas décadas, alguém ha prestado á cidade de Lisboa e á Patria. Porque olhar pela cidade de Lisboa é trabalhar para a Nação.

Nome estimado entre gente culta, o sr. Luiz de Macedo, pela sua especialização, é dos mais devotados e melhor documentados amigos e historiographos da linda Lisboa.

Mas a partir desta sua proposta, o seu nome, a sua formação mental—que honra uma geração, — a sua obra, tornou-o subitamente e bem justamente uma das figuras mais solidas do renome nacional.

A Ex.ª Commissão Administrativa que representa, segundo os diversos sectores da vida, uma verdadeira elite, deve considerar-se feliz por conter esse colaborador tão illustre.

A adopção, em sessão plenaria e unânime, da proposta do sr. Luiz de Macedo, honra um por um todos os membros da Commissão Administrativa, e designadamente, o seu illustre presidente, e o sr. Alvaro Nunes Frade, vereador do pelouro das Finanças.

A aprovação calorosa que encontrou nos seus illustres colegas, a forma como toda a Imprensa aclamou a sua proposta, que tem o alcance daquelas medidas que datam uma epoca e preparam um resurgimento, deram ao sr. Luiz de Macedo, por sufragio directo, um mandato, que só homens de sã e bem orientada cultura podem desempenhar.

A genesis da sua obra radicou-lhe o nome no coração das gentes cultas; a sua realização ha-de levar o povo a bem lhe querer, e uns e outros a chamarem-lhe este homem bom da cidade, para muitos e grandes serviços que o seu formoso espirito está, como poucos, preparado para prestar.

A comissão intelectual da Sociedade das Nações

No dia 3, na Residencia de Estudantes em Madrid, reuniu-se pela primeira vez, o «comité» permanente de Letras e Artes da Sociedade das Nações, com a presença da maioria dos seus membros.

O sr. dr. Julio Dantas representava Portugal.

O ministro dos Negocios Estrangeiros, Luiz de Zulueta, pronunciou um discurso de saudação, no qual desenvolveu as suas opiniões e previsões quanto ao futuro da cultura ante as circumstancias em que decorre, actualmente, a vida internacional.

Em nome dos delegados estrangeiros, discursou madame Curie, que agradeceu as saudações do ministro.

Por ultimo, aos membros do «co-

mité» de Letras e Artes foi oferecido um almoço, a que assistiram Marcelino Domingo, ministro da Agricultura; Melo Barreto, embaixador de Portugal; dr. Gregorio Marañon e dr. Julio Dantas.

O sr. Melo Barreto ofereceu no palacio da embaixada uma recepção em honra do nosso delegado.

Na sessão seguinte presidiu madame Curie. Falaram Garcia Morán, director da Faculdade de Letras de Madrid; Jules Romain, literato francês; Strzygowski, professor de historia de arte na Austria; Otto Lehman, professor de Etologia da Universidade de Altona; Haldane, professor, de Fisiologia no Real Instituto de Londres; Unamuno e Orestano, membro da Academia

Real de Italia. O sr. dr. Julio Dantas pronunciou um discurso sobre o tema proposto para a conferencia: «Futuro da civilização e da cultura; aspectos politicos, economicos e intellectuales do problema europeu».

Acompanhado pelo embaixador de Portugal em Madrid, o sr. dr. Julio Dantas conferenciou com Menéndez y Pidal, presidente da Academia Espanhola, acerca do estreitamento das relações daquela academia com a sua cogenere de Lisboa.

— Terminam no dia 6 os trabalhos do «comité» de Letras e Artes da Sociedade das Nações. O sr. dr. Julio Dantas, presidente da Academia das Ciencias de Lisboa e da delegação intellectual portugueza, foi, ontem, na

companhia do sr. Melo Barreto, embaixador de Portugal, e visitar o sr. Sanchez de Toca, presidente da Academia de Ciências Políticas, com quem trocou longas impressões acerca da conveniência de mais estreita cooperação entre as academias que formam o bloco latino-europeu.

O dr. Marafion ofereceu um banquete ao embaixador e à embaixatriz da França, a madame Curie, a Paul Valery, a Julio Dantas e a Jules Romain.

Hoje, assistiu o sr. dr. Julio Dantas a um chá, oferecido pela legação da Polónia, seguindo, depois, para a re-

cepção que, em sua honra, deu a embaixada da Argentina. A noite, foi-lhe oferecido, pelo sr. ministro do Brasil, um banquete.

A reunião da Comissão Intelectual da Sociedade das Nações, realizou-se, nas duas conferências, um trabalho proveitoso e útil.

Bibliografia

Livros novos

Ladislau Batalha—*Gomes Leal na intimidade*.—XV-1-207-1 pg. Livraria Peninsular Editora.—É um trabalho superior este do considerado e velho democrata Ladislau Batalha. É a vida e a obra do grande poeta pelo amigo devedado dos seus últimos dias. Prefacio de Forjaz de Sampaio.

Gomes Monteiro—*A inocencia de Urbino de Freitas*.—Liv. Guimarães & C.ª. 238-2 pg. Gomes Monteiro acaba de publicar um livro em que prova a inocencia do medico que ha anos foi condemnado por assassino. É uma reabilitação e um belo trabalho de investigação e justiça.

Guedes de Amorim—*A mulher do proximo*.—286-2 pg.—Novela moderna, empolgante, e cheia de observação. Gomes de Amorim é um novelista como o demonstrou com *A bailarina negra* e a *Morfina*, e neste volume decalvamente o prevê, e um novelista de talento.

Guerra Junqueiro—*Horas de luto*.—XLIX—196-2 pg.—É a reunião dos opusculos mais conhecidos do poeta e dos seus melhores artigos. Prefacio de Mayer Garção. Um livro de Junqueiro e sempre um acontecimento literario.

VIRGINIA VITORINAO da p. eta Virginia Vitorino. — *Fascinação*.—Peça em 3 actos. 224-2 pg. Virginia Vitorino é hoje a primacial escritora portuguesa, a que mais publico conta, a que mais triunfos obteve. *Fascinação* é a peça que pela primeira vez foi representada no teatro Nacional em 8 de dezembro passado, e que tão bem recebeu do do publico. Este, com seus aplausos, sagrou-a como teatro, a critica consagra-a agora, ao aparecimento da sua forma editorial, como boa literatura que é.

A livraria Lello na sua coleção *O Romance para todos* acaba de publicar de Julio Diniz Serôas da Provincia e Os Fidalgos da Casa Mourisca. E-

graves, baratos, e corretos estes volumes empolgam o publico por constituirem o segredo editorial no seu exito: boa literatura em excelente materialização.

A livraria Bertrand publicou a 3.ª edição do poema *Antes de João*, de Barros. É a consagração justissima do poeta, e apreço que o publico mostra pela sua obra.

Lelloes

Catalogo de alguns livros curiosos... Lellado sob a direcção de Armando J. Tavares. Realizou-se no dia 19 286 lotes. Livros modernos.

—*Catalogo de uma pequena bibiiotheca*. Lellado promovido pela livraria Moraes. Realizou-se a 24 954 lotes. Antigos e modernos.

—Reappareceu o *Diario da Noite*, e começaram a publicar-se em Lisboa *A Juventude Academica*, em Santarem o *Ribatejo Ilustrado* e em Fafe a *Voz de Fafe*.

VI -- Arte

Belas Arte — Teatro — Cinema — Musica

Belas Artes

Exposições de arte

— Alberto Sousa fez uma exposição no Porto, no Salão Silva Porto.

— Na Galeria de Arte, na Rua Serpa Pinto, Jorge Barradas expôs 22 quadros. Excelente desenho, exposição muito apreciada.

— Na Casa da Madeira, aspectos de Paris, Lisboa, Bruxelas, Casablanca, em aguarela, e professor Candido Pereira.

— No seu atelier da Travessa de André Valente, Raul Campos e Roberto Santos uma reconstituição de cena árabe, *Palacio do Sultão*, cenografia, pintura e composição que no *Seculo* de

19 mereceu a Matos Sequeira uma larga noticia.

— Na sucursal de *O Seculo*, no Rossio, Villas Henriques, Raposo e Borges, aguarelas e desenhos.

DE FOTOGRAFIA:—No salão cinema S. Luiz, Marc e Noel Le Noir expõem uma coleção de retratos artisticos.

— Na Sociedade de Belas-Artes, fotografias de propaganda de Angola, «clichés» do dr. Antonio Lebre. De valor scientifico e etnografico.

Varias

— O palacio Burnay, á Junqueira, onde se reunia uma grande quantida-

de obras de arte, viu ha pouco o seu racheo ser vendido em leilão. A falta de um catalogo motivou em parte os preços obtidos.

—No *Seculo* de 28 publicou Matos Sequeira um artigo de fundo, *arte portuguesa* que só a falta de espaço nos impede de transcrever.

—No atelier do escultor Roque Gamreiro expõe-se a entidades oficiais o baixo relevo destinado aos mortos na Grande Guerra em Lourenço Marques.

— O pintor Luciano Freire foi nomeado director honorario do museu dos Coches por ter sido apresentado. O dr. José de Figueiredo foi nomeado seu director interino.

Teatro, Cinema e Musica

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES.—No Politeama, «Cantiga Nova» de Silva Tavares, Mario Marque e Tavares de Melo, musica de Frederico de Freitas, e Antonio Mello. No S. Carlos na festa de Carlos Santos, Chaby Pinheiro, disse aca microfone do seu quarto de convalente uma versao.

Foi-lhe tributada uma grande oração. No Avenida Pereira Coelho e Vasconcelos e Sá deram-nos o «Fogo de Vistas», musica de Wenceslau Pinto, Raul Portela e Armando Rodrigues. No Trindade marcou a festa de Alves

da Cunha a 15 e no Coliseu a festa de Jercois com o «Anjo de Carôça» a 15 tambem.

Cinema

No mês de maio passaram no S. Luiz, *A parada dos monstros*, *D. Quixote*, *Cadê-las titos*, *O ultimo homem sobre a terra*; no Tivoli, *D. Quixote*, *Seis horas de vida*, *Robinson moderno*, *Pagina de escandalo*; Palacio, *Os Hussards ds Rainha*, *A procura dum millionario*, *Salsai as mulheres*, *Rivalis ou amigos*; Odéon, *Maridos em ferias*, *A procura*

dum millionario, *Salsai as mulheres*, *Gimnasio*, *Diario duma mulher*, *Que custa um beijo*, *Pernas ao ar*; Condes, *O Dirigivel*; Central, *O Brasil em foco*, *Diabos*; no céu, *O crime da Rua da Morgue*; Olimpia, *O cou-bol e o rei*, *Quie ou eu*, *Marido injuriado*, *A falsa Madona*.

NECROLOGIA.—No dia 11 faleceu o actor Gabriel Prata. Era um actor consciencioso que não representava ha muito e exrcia o lugar de administrador do teatro da Trindade na empresa José Loureiro.

VII -- Vida Social

O homem e a mulher — Sport e educação física — A moda — Vida religiosa — O riso e a caricatura em Portugal e no estrangeiro

Sports e Educação Física

Campeonato de Portugal de foot-ball

Começou-se a disputar este campeonato com os resultados seguintes:

Barreirense-Estrela (Portalegre), 6-0; Belenenses-Lusitano (Evora), 5-1; Benfica-Marinhense, 6-0; Cárcavelinhos-Olhaneense (Algarve), W. 0; Luso-Leixões (Porto), 3-2; Sporting-União Operaria (Santarem), 2-1; União Lusitano (Viseu), 1-0; Boavista-Sporting (Braga), 3-0; F. C. do Porto-Vianense (Viana), 8-0; Salgueiros-Sport (Vila Real), 9-1; Comercio e Industria-Casa Pia, 3-2; Vitoria-apurado do Algarve, W. 0; Academicas-S. Joanense (Aveiro), 1-0; Sporting de Espinho-União (Coimbra), 4-0.

A 1.ª etapa dos citavos de final deu-nos os resultados seguintes:

Cárcavelinhos-Belenenses, 3-2; Benfica-Comercio e Industria, 2-0; Barreirense-Boavista, 4-1; Sporting-Luso, 6-0; F. C. Porto-União, 9-1; Academicas-Vitoria, 3-1; Salgueiros-Espinho, 3-1.

Em jogos de 2.ª etapa dos citavos de final observaram-se os resultados seguintes:

Belenenses-Cárcavelinhos, 5-1; União F. C. Porto, 4-2; Sporting-Luso, 1-1; Benfica-Comercio e Industria, 2-0; Salgueiros-Espinho, 6-0; Vitoria-Academica, 3-1 - 3-1; Barreirense-Boavista, 1-0.

Entraram portanto nos quartos de final os seguintes clubes: Benfica, Belenenses, Sporting, F. C. do Porto, Barreirense, Vitoria, Salgueiros, e Marítimo do Funchal.

Realizaram-se dois jogos em 1.ª mão desta jornada que foram Porto-Benfica e Barreirense-Belenenses tendo sido vencedores o F. C. do Porto por 8-0 no Porto, e o Barreirense por 2-1, em Lisboa.

CAMPEONATO DE LISBOA: O Sport Lisbon e Benfica conquistou o titulo de campeão de Lisboa vencendo o Club de Foot-ball «Os Belenenses» por 2-1.

O desafio realizou-se no Estadio a 18 de Maio. Arbitrou Antonio Palhinhas, do Setubal. O Benfica ha tres annos que não triunfava no campeonato de Lisboa.

★ ★ ★

AUTOMOBILISMO E MOTOCICLISMO—III Circuito do Campo Grande, Motociclistas—Categoria corrida:

1.º Antonio Jorge Teixeira (S. C. P.), em 1 h. 9 m. 27 s. e 3/5. Média horaria de 110 km. 942m.; 2.º Angelo Teixeira Bastos (Porto), em 1 h. 9 m. e 33 s. Média horaria de 110 km. 795 m.

A volta mais rapida foi a de Angelo Bastos que conseguiu a media de 118 km. 501 m.

CORRIDAS DE MOTOS «JUNIORS»—Classe 500 c. c.:

1.º Alberto de Mascarenhas (S. C. P.) em 45 m. 40 s. 4/5. Média horaria de

104 km. 963 m.; 2.º José de Sá Pinto (S. L. B.), em 50 m. 2 s. e 2/5. Média horaria de 95 km. 824 m.

A volta mais rapida foi a de José Campino (S.C.P.), em 1 m. 34 s. e 3/5. Classe 350 c. c.—1.º Tomaz Quartim em 50 m. 31 s. e 3/5. Média horaria de 94 km. 894 m.; 2.º Jaime Campos, em 51 m. e 55 s. Média horaria de 92 km. 354 m.

AUTOMOVEIS—Categoria corrida—1.º Vasco Sameiro, que totalizou nos 90 m. do percurso 183 km. 599 m.; 2.º Henrique Lehrfeld, que totalizou 181 km. 152.

CONCURSO DE ELEGANCIA e CON-FORTE—1.º Luiz Vilhena Passanha.

A classificação geral do III circuito do Campo Grande foi a seguinte: 1.º Vasco Sameiro (categoria corrida); 2.º Henrique Lehrfeld (categoria corrida); 3.º Vasco Sameiro (categoria Sport); 4.º Roberto Sameiro (categoria sport).

★ ★ ★

O CROSS-COUNTRY popular foi ganho por Augusto Matos Henriques do U. C. Rio de Janeiro.

—A corrida da «legua» organizada pelo N.ºs Alvares do Porto foi ganha por João Ferraria do Academico.

—Realizou-se o campeonato de atletismo das Escolas Superiores de Lisboa tendo sido baticas os seguintes «recordes»: 800 m. Jorge Stucky do Instituto Superior de Ciências Economicas e Financeiras em 3 m. 15 s.; estafeta 3X100, pela «equipe» da Faculdade de Ciências, Silva Rosa e Rendas em 35 s. e 2/5.

—O F. C. do Porto conquistou o titulo de campeão do Porto em «foot-ball» e «rugby».

—O campeonato de Lisboa de «Basket-ball» foi ganho pelo Barreirense F. C. que venceu o Carnide, em desempate, por 19-13.

—Foi fundada a Liga Portuguesa de Basket-ball, com sede em Lisboa, constituida.

—Iniciou-se o campeonato nacional de «lawn-tennis», na categoria de «juniores».

—Começou o campeonato de Lisboa, de «water-polo» na piscina do Sport Algés e Dafundo.

★ ★ ★

VELA—Os desportos nauticos iniciaram a sua actividade com a disputa da «Taça Alvaro Gato» que nos forneceu as classificações seguintes:—1.º domin-go: 1.º, Mendonça; 2.º, Serra; 3.º, Capucho; 4.º, Ferro; 5.º, Worm; 2.º domin-go: 1.º, Jorge Ferro; 2.º, Heredia; 3.º, Mendonça; 4.º, Serra; 5.º, Capucho.

★ ★ ★

LAWN-TENNIS.—Para disputa da

«Taça Guilherme Pinto Bastos» têm-se verificado os seguintes resultados:

Sporting Club de Portugal-Sporting Club de Cascais, 1-6.

Estoril Parque-Lisbon Sport Club, 7-0. Sporting C. P.-Club Internacional de Lawn-Tennis, 7-0.

Sporting C. C.-Club Internacional de Foot-ball, 5-2.

★ ★ ★

Realizou-se um banquete de homenagem aos atletas que concorreram á Semana Portuguesa em Vigo, promovido pelo jornal «Os Sports».

—Teve lugar no Coliseu dos Recreios uma interessante festa desportiva promovida pelo jornal «Os Sports», para fazer a distribuição de premios aos concorrentes da III Volta a Portugal em bicicleta.

★ ★ ★

ESTRANGEIRO.—A «Taça de França», em «foot-ball», foi ganha pelo «Excelsior» de Roubaix, que triumphou sobre o Racing por 3-1. O desafio teve lugar, em Paris, no Estadio de Colombes, perante 30.000 assistentes.

—A Inglaterra empatou com a Italia por 1-1 no desafio de «foot-ball» realizado em Roma. Arbitrou o encontro o alemão Bauwens, dirigente da «Tifa» e seu representante na «Internacional Board».

—Paolino, campeão de Espanha de «box» bateu Pierre Charles, campeão da Europa, aos pontos, num combate de 15 «rounds» realizado na Praça de Touros de Madrid, reconquistando o titulo de campeão da Europa.

—O Invicta S. C. agrupamento desportivo constituído por portuguezes da cidade de Danbury, Estado de Connecticut, America do Norte, conquistou o titulo de campeão estadual de «foot-ball».

O Waterbury, club tambem constituído por portuguezes, ficou em segundo classificado.

—A Inglaterra venceu a Suíça por 4-0. O desafio realizou-se em Berne.

—A Espanha venceu a Bulgaria em «foot-ball», por 13-0. Arbitrou Antonio Palhinhas, português. Em face deste resultado não se effectuou o I Portugal-Bulgaria.

—O «Grande Premio de Berlin», em automobilismo, forneceu as seguintes classificações: 1.º, Venzl, em Bugatti de 3 l.—1 h. 25 m. 24 s. e 2/5; 2.º, Czarkozshy, em Bugatti de 4 l.—1 h. 25 m. 1 s. e 2/5; 3.º, (ex-sequo) Nuvelari e Borzeckini, em Alfa-Romeo.

MARIO ROSA

A CARICATURA EM PORTUGAL

A guerra aduaneira com a França



Amigos, amigos, negócios estrangeiros á parte. A pouca generosidade dos franceses para os nossos vinhos generosos, respondeu o dr. Caetano da Mata "salgado-lhes", o bacalhau em 80 %. Portugal vencerá, porque o combatente, sendo "Mata", vai á guerra, dá e não leva

(Do Sempre Fixe).

Quem parte e reparo . . .



— Da-me um tostãozinho para comprar rebuçados para a tosse?
 — Para quem são os rebuçados, lindinho?
 — São para mim, a tosse é que é para a avó!



Dr. Rui Ulrich

"The right man in the right place."



— Há mais de um ano que venho cá todos os dias e não consigo receber a conta.

— Mas por que não vem uma vez por mês? — (Do Primeiro do Janeiro)



— O senhor vive do lapis? Pois eu vivo da pena.
 — Onde escreve o senhor?
 — Em parte alguma; não sei escrever, mas vendo canetas de tinta permanente.

A CARICATURA NO ESTRANGEIRO



A—Aluno Dupont que significa a formula S.O.S?
—E... E... tenho-a debaixo da lingua sr. professor.
—Então caspa a depressa desgraçado, porque é arsenico - (Lidove Nozing, Berão).



O repórter ao candidato ao suicidio:
—Se o senhor se aviasse ainda o poderia meter na primeira edição da noite.
(Mocha, de Varsovia)



O canalizador miope e perplexo
(Do Noog, de Louveville)



O canullo da mitopia —Descalpe-me, mademoiselle. — Oh perdido, almirante!

Os caminhos da paz

A França vai brevemente emitir um empréstimo de dois bilhões para a construção do caminho de ferro transaariano



—E, diga que esta bela obra esteja realizada, meus senhores, com mil milhões poderão ser transportados para França em 3 dias!— (Guerra Meschino, de Milão)



Cou-son! Queridinha! — Onde está a tiazinha?
(Do Nebelspatter, de Berne)



A acrobacia na Extrema-Oriente
(Do Jugend, de Munich)

EDIÇÕES DA "RENASCENÇA GRAFICA"



«Este livro foi escrito sobre o mar. No recolhimento da camara de um navio de guerra, à hora em que as embarcações dormiam sobre os turcos, la traçando rapidamente as inúmeras impressões num diário de viagem. Por vezes, nas tardes lentas do Egipto, da Tunísia ou da remota Palestina, sentava-me à mesa de um «café» árabe e sentia invadir-me docemente o encanto do Islam. O meu caderno enchia-se então de apontamentos copiados do natural. Guardo com saudade a recordação de algumas notas de côr, de certos perfis hieráticos de mulheres egípcias, de duas ou três ruas melancólicas da velha Jerusalem. De toda a viagem, a impressão que ficou mais nitidamente gravada no meu espirito foi aquela que recebi em contacto com as populações submetidas do Islam, com os longos albornoses que desde seculos inclinam a fronte diante do «mirhab», ao sol poente. E quando regressava a bordo, depois destas rapidas peregrinações pelos lugares santos da Historia e da Pêligião, sonhava horas inteiras—diante do Mediterraneo azul—com os dias longinquos em que a gloria de Carthago florescia sobre a colina de Byrsa e o mar da Gallíea reflectia o sorriso doce de Jesus. No silencio da noite, quandoia transmitindo, febrilmente, ao papel os meus apontamentos, o relógio batia a uma hora da madrugada e ouvia-se na ponte, invariavelmente, a voz do oficial de quarto:

—Cabo de quarto! Cinzas!

Ainda tenho no ouvido a toada dessa voz—que era sempre a mesma. Ao lado do meu camarote, gemia uma engrenagem de roldana e dois marinheiros, com os olhos ainda cheios de sono, começavam lentamente a deitar as cinzas ao mar...

Recordações do tempo que se viveu, cinzas do passado—que ainda conservam muito chegadoinho ao peito o calor da saúde».

(Do prefacio do autor)

NORBERTO LOJES



Mais vale andar
no mar alto...



«Este livro não é obra de um literato; é obra de um jornalista. A literatura caberia dentro destas crônicas, ainda a literatura das viagens—a mais bela, por ser mais espontanea de todas—mas não houve tempo de a tentar.

Por muito que o autor nelas tenha posto a sua sensibilidade, o certo é que pela natureza do acontecimento não ha nestas paginas intimismo ou sedução original; tudo é fotografia de factos, vistos na sua exactidão exterior pela objectiva dessempeirada e sincera do cronista.

É a Peregrinação sempre, a viver, a ouvir a palavra de Deus, a rezar, a sentir a majestade da Igreja, a passar no seu tumulto, na sua indole, no seu portuguesismo; abraçada á sua Fé, ao seu amor á terra patria, que ficou cá longe a três mil quilometros de estrada de ferro e de saudades.

A Peregrinação portuguesa, a primeira no mês de maio, foi linda e foi altamente espiritual. Não apenas por ser uma afirmação de Fé, mas mais por ser uma afirmação de beleza.

Depois da embaixada de Tristão da Cunha, opulente e deslumbrante, plena de efeitos politicos e reflectora de um grande poder temporal—não voltara a Roma dos Papas outra embaixada portuguesa.

Escrevi estas crônicas na lufa-lufa do dia e da noite, umas vezes afincado na mesa do meu quarto de hotel, ouvindo cá em baixo o tumulto da Roma de Vittorio Emmanuel, outras vezes nas mesas dos cafés, no convívio da beleza livre e luxuriante, envolto na ligeira poeira de ouro, tomado da sensação profana da frescura que ali anda no ar e á superficie das coisas, ouvindo cantar as fontes pagãs do Renascimento e tocar os sinos misticos de trezentas igrejas.

(Do prefacio do autor)



PORTUGUESES
EM ROMA

Por NORBERTO DE ARAÚJO

O **Diario de Lisboa** (edição mensal)

procura elucidar o publico de uma maneira sintetica e completa de todos os factos, acontecimentos e ideias, inventos, modas, de tudo enfim o que acontece e vai pelo mundo. Procura preencher uma lacuna, como é uso dizer-se, procura ser util e, para isso, se o publico o ajudar, melhorará todos os numeros as suas secções. Colaboração especializada, advogados, professores, medicos engenheiros, literatos, artistas, musicos, homens da finança e homens do comercio, homens do mar e da guerra, aviadores e industriais, todos enfim que representem um sector da vida moderno, todos serão buscados para darem o seu saber, iluminarem o seu sector com as luzes da sua experiencia e o saber de uma vida a ele devotado. Este numero é um ensaio. Bom? Procurará melhorar. Mau? Faremos o possivel por que seja bom.

O DIARIO DE LISBOA (edição mensal) dividir-se-á nas seguintes secções:

- I -- Ciencias sociais e politicas. Direito.
- II -- Comercio, Industria, Tecnologia, Agricultura.
- III -- Ciencias.
- IV -- Historia e Geografia.
- V -- Letras.
- VI -- Arte.
- VII -- Vida social.

O DIARIO DE LISBOA (edição mensal) receberá de bom grado informações e sugestões dos seus leitores, indicações de nomes para a sua expansão, etc.

Desenvolverá as suas secções, procurando evitar o desequilibrio que é obvio os seus primeiros numeros hão de ter; procurará enfim servir de órgão orientador e informativo dos homens que desejam uma vida retrospectiva que mês a mês os ponha a par de tudo, e lhes preencha as lacunas que o tempo, os afazeres, ou o dinheiro, a todos estabelece.

Toda a correspondência e assuntos de redacção devem ter bem legivelmente - Redacção do DIARIO DE LISBOA (edição mensal).

Todos os assuntos de administração apenas á Administração do DIARIO DE LISBOA. Os preços de assinatura são:

Um ano (12 numeros) 25\$00
Um semestre (6 numeros) 15\$00
Numero avulso 2\$50

África Ocidental, India, Macau e Timor Um ano 27\$00, um semestre 16\$00
África Oriental Um ano 27\$40, um semestre 16\$20
Estrangeiro Um ano 28\$60, um semestre 16\$30

Publicidade: - O DIARIO DE LISBOA (edição mensal) feito para pessoas cultas, servindo um publico especial e durante 30 dias, alem da sua incorporação em colecções, é util a livrarias, collegios, papelarias, impressas, etc. Estabelecemos preços convencionais e equitativos, no proposito de prestarmos ao publico que nos lê, com os nossos anuncios, uma honesta e segura fonte de informações. Dirigir á Administração do DIARIO DE LISBOA, Rua da Rosa, 57. Telefones 2 0271, 2 0272 e 2 0273.